

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ACASO, DESTINO E REVELAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE
CIRCULAÇÃO, PROJETOS FAMILIARES E TRAJÉTÓRIAS NA
FORMAÇÃO DE JOGADORES DE FUTEBOL

Márcio Adriano de Paula

Brasília

2013

ACASO, DESTINO E REVELAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE CIRCULAÇÃO,
PROJETOS FAMILIARES E TRAJETÓRIAS NA FORMAÇÃO DE
JOGADORES DE FUTEBOL

Márcio Adriano de Paula

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia (DAN), da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Andréa de Souza Lobo

Banca examinadora:

Professora Doutora Andréa de Souza Lobo
(Presidente)

Professora Doutora Cláudia Fonseca

Professor Doutor Carlos Emanuel Sautchuk

Professora Doutora Lúcia Arrais Morales (suplente)

Brasília

Março/ 2013

DE PAULA, Márcio Adriano.

Acaso, destino e revelação: um estudo sobre circulação, projetos familiares e trajetórias na formação de jogadores de futebol/Dissertação / Márcio Adriano de Paula. Brasília: UNB, DAN, 2013, x, 134f.

Orientadora: Andréa de Souza Lobo

Dissertação (Mestrado). UNB/DAN/Programa de Pós-graduação Antropologia Social, 2013.

Referências bibliográficas: f 130-134.

1. Formação de jogadores de futebol. 2. Projetos familiares I. Lobo, Andréa de S. II. Universidade de Brasília. III. Dissertações.

RESUMO

ACASO, DESTINO E REVELAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE CIRCULAÇÃO, PROJETOS FAMILIARES E TRAJETÓRIAS NA FORMAÇÃO DE JOGADORES DE FUTEBOL.

Márcio Adriano de Paula

Orientadora: Andréa de Souza Lobo

Resumo da Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

A presente dissertação tem como objetivo problematizar a relação entre formação de jogadores de futebol, circulação de crianças, projetos familiares, investimento econômico e afetividade. Mais especificamente, o foco esteve voltado para a discussão de projetos familiares colocados em curso para que crianças e adolescentes sejam inseridos em diferentes níveis no mercado do futebol. Tal empreendimento foi realizado a partir das observações em uma escolinha de futebol e um conjunto de entrevistas com os familiares responsáveis por aqueles jovens atletas. Tomando como ponto de partida o imaginário desenvolvido em torno dessa modalidade esportiva no Brasil, demonstrar-se-á que a busca dos jovens jogadores e seus familiares não é simplesmente por uma trajetória profissional, mas também envolve noções de honra e prestígio. Nesse sentido, a articulação entre investimento econômico e afetividade, ofereceria caminhos para os familiares resolverem os conflitos implicados na relação entre a imperativa mobilidade desses jovens jogadores e um ideal de família (nuclear) que pressupõe que todos os membros vivam juntos. O investimento no “sonho” dos filhos permitiria o fortalecimento dos laços de amizade e parentesco e, por conseguinte, consolidaria um ideal de família a partir de novos conceitos.

Palavras-chave: Formação de jogadores de futebol, circulação de crianças, projetos familiares, investimento econômico, afetividade.

Brasília

Março de 2013

ABSTRACT

BY CHANCE, DESTINATION AND REVELATION: A STUDY ABOUT CIRCULATION, TRAJECTORIES AND FAMILY PROJECT IN TRAINING SOCCER PLAYERS

Márcio Adriano de Paula

Orientadora: Andréa de Souza Lobo

Abstract da Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

This dissertation has as objective problematize the relationship between training of soccer players, circulation of children, family projects, economic investment and affectivity. More specifically, the focus was directed to discuss in progress projects family placed so that children and adolescents are placed at different levels in the football market. This project was made from observations in a soccer school and a set of interviews with the family members responsible for those young athletes. Taking as starting point the imaginary developed around the career of soccer player in Brazil show will be that the search of the young players and their families is not just a career, but also a concept that involves notions of honor and prestige. In this sense, the relationship between economic investment and affectivity offer ways for family members resolve conflicts involved in these projects, when investment in the "dream" of the children would be responsible for maintenance of emotional ties, even at a distance, (re) constituting these families under new bases.

Key-words: training of soccer players, circulation of children, Family projects, economic investments, affection.

Brasília

Março de 2013

AGRADECIMENTOS

Apesar de na maioria das vezes solitário, um trabalho acadêmico não é simplesmente um empreendimento individual.

Primeiramente, agradeço ao treinador Rafael Côrte por tornar possível a realização das principais etapas dessa pesquisa e pelo seu cuidado e interesse em contribuir com o meu trabalho.

Do mesmo modo, agradeço aos jovens atletas participantes da escolinha e seus familiares, em especial, aqueles que me receberam em suas residências ou locais de trabalho para as entrevistas. Antônia, Adriana e Márcio, Daniele, Lervaldo e Neta, Osmar e respectivamente seus filhos, Vinícius, Thiago, Carlos, Matheus e Osmar Júnior.

Um agradecimento especial a Francisco, Pedro Lucas e toda sua família por me receberem gentilmente em sua residência na cidade de Baixo Guandu (ES).

Todos merecem não somente meus agradecimentos como também a dedicação desse trabalho e a torcida para que obtenham sucesso nos seus projetos.

Agradeço a Ingrid, minha querida, pelo indescritível apoio e companheirismo nesses longos anos, principalmente pela paciência, incentivo e envolvimento com minhas ideias.

Aos estimados amigos Hugo, Rafael e Raoni que contribuíram imensamente para este trabalho, não somente no âmbito acadêmico, mas principalmente por ajudar a tornar possível essa difícil jornada por Brasília.

À professora Lúcia Morales por permitir que minha trajetória acadêmica se iniciasse e pelos seus ensinamentos que me ajudaram a entender e sobreviver na antropologia.

À professora Andréa Lobo, por ter aceitado o desafio de orientar essa pesquisa e por sempre me dar confiança para seguir com o meu trabalho.

À professora Claudia Fonseca e ao professor Carlos Sautchuk por aceitarem participar da banca.

Ao Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford por apoiar e financiar essa pesquisa.

Aos meus familiares, amigos e todos que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho se concretizasse.

SUMÁRIO

Introdução	11
Construindo um tema	13
Trabalho de campo	17
Capítulo 1 – Estado, Esporte e futebol: legislação, regulamentações e novos lucros.....	23
1.1 – Tornando-se um profissional: Como a lei pode ser inteligível?	24
1.2 – Estado, esporte e futebol: a lei Pelé, novas regulamentações, novos lucros	29
1.3 – Apontamentos acerca da lei 9615/98 e os direitos da criança e do adolescente ..	33
1.4 – A Europa como horizonte: a obtenção da dupla cidadania como estratégia.....	35
1.5 – A Europa como destino: o caso <i>Bosman</i> e o passaporte comunitário.....	36
1.5.1 – O caso <i>Bosman</i>	37
1.6 – O regulamento de transferência de atletas da FIFA	39
1.7 – A cartilha	41
1.8 – Formação de jogadores de futebol e tráfico de pessoas.....	43
1.9 – Estado, economia e projetos familiares	47
Capítulo 2 – A escolinha de futebol: Formando atletas, criando relações familiares	49
2.1 – Primeiros passos: a chegada à escolinha	50
2.2 – Estratégias de mercado, marketing e o <i>boom</i> das escolinhas franqueadas.....	52
2.3 – O que podemos oferecer além de futebol? A busca da escolinha de futebol enquanto um trabalho diferenciado	57
2.4 – Um dia de treinamento na escolinha Furacão DF.....	58
2.5 – Entre pai e filho: A importância do “fator família”	61
2.6 – Avaliação técnica.....	64

2.7 – Promessas, valores e possibilidades	69
---	----

Capítulo 3 – Esforço, destino e revelação: projetos familiares, memórias e trajetórias 73

3.1 – Esforço, destino e revelação – O “projeto” Pedro Lucas	77
--	----

3.2 – Trajetórias individuais e etnografia	83
--	----

3.3 – Projetos familiares, memórias e campo de possibilidades	87
---	----

Capítulo 4 – Construindo trajetórias, articulando narrativas: sobre família, investimento econômico, mobilidade e superação 91

4.1 – Construindo trajetórias, articulando narrativas.....	95
--	----

4.1.1 – A trajetória de Matheus: “não basta ter talento, é preciso também ser esforçado”	96
--	----

4.1.2 – A trajetória de Thiago: “porque os pais podem apenas contribuir para que o sonho seja realizado”	101
--	-----

4.1.3 – Osmar Junior – Organização e planejamento: “ele tinha um sonho e nós embarcamos no sonho dele”	105
--	-----

4.1.4 – Marcos Vinícius – Projeto familiar x recursos econômicos	110
--	-----

4.1.5 – A trajetória de Carlos ou quando não é um projeto	114
---	-----

4.2 – Superação e mobilidade: aproximações entre formação de jogadores de futebol e circulação de crianças	119
--	-----

4.3 – Circulação, mobilidade e projetos familiares	123
--	-----

4.4 – Construindo famílias, fazendo negócios.....	124
---	-----

Considerações finais	127
-----------------------------------	------------

Referências bibliográficas.....	131
--	------------

Introdução

A presente dissertação tem como objetivo problematizar a relação entre formação de jogadores de futebol, circulação de crianças, projetos familiares, investimento econômico e afetividade. Tal empreendimento foi realizado mediante um estudo sobre a formação e circulação de jogadores de futebol no Brasil. Mais especificamente, o foco esteve voltado para a discussão de projetos familiares colocados em curso para que crianças e adolescentes sejam inseridos em diferentes níveis no mercado do futebol. Ainda, procuro discutir em que medida esse processo pode ser aproximado a uma discussão antropológica mais ampla relacionada à circulação de crianças em diferentes contextos.

O trabalho, desenvolvido a partir das observações em uma escolinha de futebol e um conjunto de entrevistas com os familiares responsáveis por aqueles jovens atletas, permitiu evidenciar o conflito decorrente da necessidade de articular um ideal de família (nuclear) com a imperativa mobilidade implicada no universo desse esporte. Tomando como ponto de partida a análise de Leinaweaver (2008) foi possível relacionar a “ideia de melhorar a si mesmo” com a noção de “projeto familiar” (VELHO, 1994) e demonstrar o seu impacto sobre a vida dessas crianças e adolescentes. Outra categoria importante foi a ideia de “superação” trabalhada pela mesma autora. No contexto estudado foi possível perceber como ela porta conotações morais, ligadas à entrada em uma profissão que oferece poucas possibilidades de sucesso. Considerando o imaginário desenvolvido em torno da carreira de jogador de futebol no Brasil, demonstrar-se-á que a busca dos jovens jogadores e seus familiares não é simplesmente por uma trajetória profissional, mas também um conceito que envolve noções de honra e prestígio.

Ao mesmo tempo, destacam-se as consequências desse processo para a manutenção dos laços afetivos e o modo como ele é vivenciado de formas distintas pelas famílias. A análise dos dados, iluminada pelas discussões em torno da relação entre investimento econômico e afetividade (MILLER, 2002; ZELIZER, 2011), permitirá perceber como a articulação entre essas duas esferas ofereceria caminhos para os familiares resolverem os conflitos implicados nesses projetos, quando o investimento econômico no “sonho” dos filhos seria o responsável pela manutenção dos laços afetivos, mesmo à distância, (re) constituindo essas famílias sob novas bases.

O ponto de partida para o desenvolvimento dessas questões foi abordar a formação de jogadores do futebol no Brasil enquanto uma ampla rede de relações envolvendo agentes/empresários, entidades desportivas, treinadores, aprendizes e familiares dos aprendizes. Ocupando um lugar privilegiado nos projetos de ascensão social e econômica de grande parte dos jovens brasileiros, o investimento nessa carreira requer a contribuição direta dos envolvidos, em especial, dos familiares. Em muitos casos, parte da renda é investida em mensalidades, deslocamentos, compra de materiais, dentre inúmeras outras contribuições.

Outro elemento decisivo para o processo de formação de jogadores de futebol é a o lugar central da circulação. Em estudo realizado com atletas de sucesso no sistema futebolístico contemporâneo Rial (2008) demonstra como estar em circulação aparece como elemento que agrega valor à trajetória dos praticantes. A análise é realizada a partir da importância da categoria nativa “rodar”, que consiste na circulação dos jogadores entre clubes de diversos países. O “rodar” é definido como uma característica positiva atribuída àqueles que se movimentam entre os clubes. Neste mesmo trabalho, ao trazer considerações sobre o crescente processo de exportação de jogadores brasileiros, Rial enfatiza, a faixa etária dessas transações que é cada vez mais precoce.

De acordo com a autora, esse processo não é recente. Foi a partir da criação da Lei 9615/98, popularmente conhecida como Lei Pelé, que ele ganhou a atual proporção. Uma das suas principais consequências foi o aumento na capacidade de movimentação desses jogadores. Vale ressaltar que, apesar de oriundos de camadas populares, muitos dos brasileiros que atingem carreiras de sucesso na Europa não fazem parte das camadas miseráveis da população (Rial, 2006). Conforme Damo (2007) e Rial (2008) apontam, as condições que estruturam o atual mercado do futebol aliam competitividade, lucratividade e o manejo de uma legislação.

Construindo um tema

“Qual o tema da sua pesquisa?” Essa foi uma pergunta com a qual me deparei inúmeras vezes ao longo deste trabalho e sempre me causou grande apreensão sobre qual seria a melhor forma de respondê-la. Isso não significava evidentemente que eu não soubesse sobre o que pretendia escrever. O problema dizia respeito à dificuldade peculiar ao modo como almejava abordar o fenômeno estudado e o meu interesse em conciliar temas antropológicos que aparentemente não possuíam qualquer ligação. Tal desafio, embora árduo, revelou-se produtivo na medida em que encontrava respostas e conseqüentemente criava novas perguntas.

Daniel Miller (2002) em seu trabalho baseado em uma etnografia sobre o ato de comprar de donas de casa no norte de Londres entre 1994/95 revela problema parecido. Quando questionado sobre a natureza da sua pesquisa, encontrava dificuldades com o estranhamento causado em seus interlocutores ao responder que estava escrevendo um ensaio relacionando três temas: o ato de comprar, o ato de amor e a natureza do ritual sacrificial. O desafio do autor é demonstrar ao longo da leitura do seu trabalho a pertinência dessa

aproximação, principalmente por se tratar de um investimento que não se explica em uma conversa rápida e muito menos se esgota em um único trabalho.

Compartilhando das esperanças de Miller, segui buscando formas de tornar meu tema de pesquisa inteligível. Caso respondesse que meu trabalho era sobre futebol, estaria me vinculando a um conjunto de estudos que se empenharam no ofício de discutir os diferentes significados que tal esporte assumiu no contexto brasileiro. Por conseguinte, seria necessário abordar a dinâmica das mudanças ocorridas no Brasil desde sua inserção enquanto esporte de elite na Primeira República, passando por símbolo do populismo e nacionalismo, imagem da integração do povo brasileiro na ditadura militar, até o modelo no qual vivemos com uma estrutura empresarial, massificado pelo marketing esportivo e cada vez mais consumido na forma mercadoria.

O esporte, e por consequência o futebol, não figura como um dos assuntos privilegiados na investigação antropológica quando comparado com temas clássicos como família, parentesco, sistemas políticos e religião. No Brasil, o campo da “Antropologia do Esporte”, ou como sugere Toledo (2001), “Antropologia das Práticas Esportivas”, tem como marco inicial os trabalhos desenvolvidos nas décadas de 1970 e 1980. Principalmente, a dissertação de mestrado de Simoni L. Guedes (*O futebol brasileiro, instituição zero, 1977*), a tese de Ricardo B. de Araújo (*Os gênios da pelota. Um estudo do futebol como profissão, 1980*) e a clássica coletânea de Roberto DaMatta (*Universo do futebol, 1982*). Tais trabalhos tinham em comum abordar o futebol como espaço privilegiado para discutir alguns elementos estruturantes da sociedade brasileira. A perspectiva naquele momento era a de combater a ideia de futebol como *ópio do povo* e fator de *alienação*. O principal impulsionador desses estudos foi o trabalho de DaMatta baseado na centralidade da noção de “drama” e na importância do ritual como processo comunicativo desenvolvida por Leach (1972). Tais

pesquisas permitiram quebrar uma espécie de “preconceito” contra o esporte enquanto objeto de estudos nas ciências sociais e demonstrar sua potencialidade para discutir problemas clássicos¹.

Outro marco importante foi a tradução para o português nos anos 1990 de *Quest for excitement* (1986), escrita por Norbert Elias em parceria com Eric Dunning. Trata-se de uma coletânea reunindo um conjunto de artigos sobre o esporte, abordado enquanto um fenômeno estratégico para o processo de longa duração (processo civilizador). A inovação de Elias & Dunning é trabalhar a relação entre esporte e jogo sem abordá-los sob uma perspectiva dicotômica (HOLZMEISTER, 2008).

Já no final da década de 1990 e início dos anos 2000, a ideia do “futebol como veículo para um conjunto de dramatizações na sociedade brasileira” (Da Matta, 1982, p. 21) começa a perder força e a atenção das ciências sociais volta-se para a relação entre esporte e sociedade. Conforme aponta Toledo (2001), a concentração de esforços se inverte. O foco das pesquisas desloca-se do interesse em entender o Brasil através do futebol, para um conjunto de pesquisas que propõe estudar a relação entre futebol e as múltiplas dimensões da sociedade brasileira. Observam-se, por exemplo, estudos sobre o fenômeno das torcidas organizadas (TOLEDO, 1996) e a preocupação com o êxodo de jogadores de futebol para o exterior. Um destaque importante foi o crescente interesse pela formação de jogadores de futebol, sintetizada no trabalho de Damo (2007), e as implicações do processo de circulação dos atletas profissionais do futebol com o trabalho de Rial (2008).

Assim, ao mesmo tempo em que me via compartilhando as preocupações dos autores associados a esse campo, meus interesses de pesquisa ainda exigiam dar conta de outros

¹ Para mais detalhes sobre a constituição desse campo ver Toledo (2001)

problemas. Embora o ponto de partida fosse a relação do fenômeno futebol com outras dimensões, como por exemplo, as diferentes formas de pensar família, a resposta à questão inicial ainda não poderia ser elaborada com clareza pois sentia a necessidade de complexificar a discussão, abrindo diálogo com outras linhas de pesquisa.

Tal movimento implicou em observar mais de perto o valor da circulação e a importância da família no processo de formação de jogadores de futebol. Tais aspectos passaram a figurar como pontos principais para que o problema de pesquisa fosse se construindo. Outro fator decisivo foram os estudos sobre família e parentesco desenvolvidos nas disciplinas durante o mestrado. Ao mesmo tempo em que a aproximação com esse tema de estudos ampliava as possibilidades de encontrar um caminho na busca pela “incomoda” resposta, também foi necessário reconhecer sua amplitude e distinguir com melhor precisão como pretendia conectar diferentes linhas de pesquisa para que o diálogo fosse produtivo.

No interior da antropologia, a separação analítica entre família e parentesco começa a perder força a partir da década de 1970. O trabalho de Schneider (1984) e sua crítica aos estudos de parentesco teve impacto decisivo para colocar em questão os estudos baseados nesse conceito. Conforme demonstra Fonseca² (2010), no caso brasileiro, os dados apresentados por pesquisas recentes sobre as “mudanças no comportamento familiar” implicaram em uma dificuldade ao falar de família, pois em determinados contextos isso poderia assumir um tom conservador.

No final dos anos 1990 o tema “família e parentesco” ressurge sob novas bases, sendo discutido na interface com outras áreas como as novas tecnologias reprodutivas e os estudos

² Fonseca (2010) faz um balanço sobre o tema Família e Parentesco na Antropologia Brasileira contemporânea. A autora propõe pensar os estudos de família e parentesco no Brasil a partir de duas linhas de investigação. Uma delas está focada na experiência dos sujeitos com a esfera que eles denominam como família e a outra tem como interesse as dinâmicas institucionais que constroem e interagem com essa esfera.

feministas. As modificações ocorridas nesse campo representaram um dinamismo, abrindo possibilidades de conectar as discussões sobre família e parentesco com novas problemáticas contemporâneas. No caso do meu trabalho, o debate sobre os modos distintos de constituir família, levaram a uma articulação entre os estudos sobre formação de jogadores de futebol, a noção de projetos familiares e circulação de crianças.

Na medida em que as leituras avançavam e os dados eram construídos, foi imprescindível ampliar o escopo do projeto incorporando discussões sobre as decorrências da relação entre investimento econômico e afetividade. Assim, configurava-se o trabalho aqui apresentado. Embora ainda não seja simples formular a resposta, ao menos a apreensão desaparece, pois o objetivo, tal como sugere Miller, é que o leitor possa ver a pertinência dessas aproximações, principalmente considerando a potencialidade para formular novas questões a partir de uma temática transversal.

Trabalho de campo

Do mesmo modo que a definição do tema, a especificidade do campo demandou estratégias distintas de abordagem considerando que a compreensão desse fenômeno exige dar conta das diferentes intensidades e qualidades nas quais ele é vivenciado e compartilhado. A construção dos dados teve como ponto de partida o cuidado com a proposta de conectar fenômenos globais com questões situadas no domínio das práticas locais sem ficar preso a um dualismo “micro/macro” (MARCUS, 1998).

A escolha do campo se deu após muitos percalços para encontrar um local onde pudesse realizar minhas observações. Embora tenha considerável experiência com esse tipo de atividade e já tivesse realizado cerca de um ano de observações em uma escolinha de futebol no interior de São Paulo durante o período de graduação (DE PAULA, 2008), o

contexto do Distrito Federal apresentava-se como um desafio, tanto pela ausência de uma rede de relações que me permitisse acionar contatos, quanto pela falta de tempo para fazer buscas mais amplas devido ao período curto oferecido pelo mestrado para a realização do trabalho de campo.

Inicialmente, havia listado algumas escolinhas de futebol funcionando em Brasília e a escolha dependia das condições de deslocamento e compatibilidade com os horários das outras atividades da pós-graduação. Levantadas as opções fiz os primeiros contatos via e-mail e telefone. A maioria não ofereceu qualquer resposta e aqueles que responderam não retornaram um segundo contato. O nome do treinador Rafael surgiu por indicação de uma professora do Departamento de Antropologia³ que, através do seu marido, tinha informações sobre o trabalho de uma escolinha de futebol que funcionava no Centro Olímpico (CO) da Universidade de Brasília (UnB). Após uma primeira conversa, o treinador se prontificou a me receber e abrir as portas de sua escolinha para meu trabalho.

Entre os meses de julho a outubro de 2012 acompanhei os treinamentos durante as segundas e quintas-feiras no período da manhã e ainda, alguns jogos aos finais de semana da mesma escolinha que sempre contavam com a presença marcante dos familiares dos jogadores. Ainda, realizei observações durante uma avaliação técnica, quando tive contato com o avaliador, responsável pela categoria sub-13 do Clube Atlético Paranaense.

Embora as observações me oferecessem um panorama interessante para dar andamento às questões iniciais, a necessidade de aproximar-me das rotinas familiares e conhecer mais de perto as diferentes trajetórias de alguns jovens aspirantes a jogadores de futebol e suas famílias demandou a elaboração de um conjunto de entrevistas. Após um

³ Agradeço à professora Soraya Fleischer pela indicação.

contato inicial realizado por telefone, passei a me deslocar até as residências dos jovens atletas e promover conversas informais, baseadas em um roteiro com os temas centrais: família, investimento econômico, trajetória, projetos familiares e a possibilidade de circulação daquelas crianças e adolescentes por diferentes estados e países.

Visando ampliar o alcance de observação e dar conta de outras questões, principalmente aquelas relacionadas ao meu interesse em aprofundar as discussões sobre projetos familiares, realizei uma viagem à cidade de Baixo Guandu, no interior de Espírito Santo, onde tive contato com a família de Pedro Lucas, aspirante a jogador de futebol de nove anos e realizei uma entrevista com seu pai, Francisco. Também foi considerado um conjunto de documentos (leis, estatutos, cartilhas) que regulamentam e orientam o processo de formação e circulação de jogadores de futebol tanto no contexto nacional quanto internacional e um acompanhamento de notícias veiculadas na imprensa esportiva.

Conforme será possível perceber ao longo desta dissertação, o contexto escolhido para o trabalho de campo não permitia a realização de uma etnografia no sentido tradicional. Dois aspectos foram fundamentais para a necessidade de lançar mão de outras estratégias de campo. A ausência de uma comunidade, ou seja, a dificuldade em abordar o fenômeno a partir de um único local e a natureza das relações, quando a escolinha de futebol, embora fosse utilizada enquanto um espaço de lazer e convivência familiar, não oferecia possibilidades de interações mais amplas, pois os seus frequentadores estavam geralmente em transição para outras atividades.

Nesse sentido, o fazer etnográfico implica em escolhas que quando explicitadas contribuem para ampliar as possibilidades de entendimento das próprias questões desenvolvidas ao longo da pesquisa. Nesse caso, a forma de abordagem implicou em

questionar em que medida minhas problematizações extrapolavam o nível local e demandariam uma reflexão com conexões globais.

Portanto, embora a dinâmica da observação tenha sido considerada como fundamental neste trabalho, o desafio de não ficar preso à distinção entre local e global implicou em lançar mão de outras estratégias para que o fenômeno fosse abordado em sua amplitude. Se por um lado, isso significou uma dificuldade para desenvolver um conjunto de interações mais aprofundadas com os agentes no nível local, por outro lado, permitiu dar conta de aspectos dificilmente trabalhados se a pesquisa se limitasse a apenas uma estratégia de abordagem.

No primeiro capítulo, considerando as condições que estruturam o atual mercado do futebol, foi necessário discutir a regulamentação que incide sobre a formação e circulação de jogadores de futebol tanto no contexto nacional quanto internacional. Tomei como ponto de partida o modo como os familiares entrevistados significam a legislação e discuti em que medida essas regulamentações tornam-se inteligíveis. Embora também ofereça uma contextualização, ao trazer um conjunto de documentos e suas recorrentes formulações, o objetivo principal desse capítulo é demonstrar a amplitude desse fenômeno e suas possibilidades de conexão com outras problemáticas atuais.

No segundo capítulo, realizo uma discussão em torno do papel das escolinhas de futebol no processo de formação e circulação de jogadores de futebol. Parto da hipótese de que esses espaços são fundamentais para manter viva a relação entre família e futebol. Como seu objetivo não é simplesmente a formação profissional acabam sendo criados e consolidados outros significados para esse esporte. As observações desenvolvidas na “Escola Furacão DF”, que funciona no Centro Olímpico da Universidade de Brasília permitirão

demonstrar o conflito vivenciado pelos seus frequentadores quanto à necessidade de conciliar um espaço de lazer e convivência familiar com a competitividade inerente à carreira de jogador de futebol. O discurso do treinador ganhará centralidade nesse capítulo, principalmente pelo modo como ele procura qualificar o seu trabalho enquanto um empreendimento com objetivos para além da formação de jogadores de futebol.

No terceiro capítulo, realizo um estudo focado no projeto familiar desenvolvido para a carreira de Pedro Lucas, aspirante a jogador de futebol de nove anos. Minha proposta ao trazer a história de Pedro Lucas não é de toma-lo como um modelo explicativo dos meninos e suas famílias que investem na carreira de jogador de futebol, mas discutir como as particularidades de sua trajetória contribuem para compreender um processo mais amplo. Descreverei como as categorias “acaso”, “destino” e “revelação” são fundamentais para construir o projeto familiar voltado para transformar um menino em jogador de futebol, passando pela constituição de um imaginário compartilhado coletivamente, de que essa carreira implica em sucesso. No entanto, os dados demonstrarão como tal empreendimento depende de intensa negociação que envolve conflitos entre projetos individuais com destaque para os lugares ocupados pelo pai e pela mãe como decisivos nesse processo.

No quarto e último capítulo trabalho com a hipótese de que o investimento em um filho para torna-lo jogador de futebol teria como consequências consolidar os laços familiares na medida em que se mantém um ciclo de contraprestações onde a família investe dinheiro visando o fortalecimento dos laços afetivos com os mesmos e, por conseguinte, concretizar um ideal de família. As categorias nativas “sonho”, “esforço” e “revelação” serão fundamentais para pensar o modo como as narrativas dos familiares sobre a trajetória dos jovens atletas são construídas. As análises permitirão colocar tal fenômeno em relação com

uma literatura antropológica mais ampla, relacionada à circulação de crianças em contextos distintos e ainda, problematizar a relação entre investimento econômico e relações afetivas.

Desse modo, espero que este trabalho permita ao leitor observar as potencialidades desse desafio em articular o tema futebol com a discussão clássica (e ao mesmo tempo bastante atual) na antropologia relacionada à família e parentesco. Esse esporte, embora bastante difundido e pesquisado no Brasil ao nível do espetáculo, parece carecer de uma discussão mais ampla que permita perceber suas implicações na vida de crianças, adolescentes e suas famílias que “embarcam nos sonhos” e constroem suas trajetórias em função dessa prática esportiva.

Capítulo 1. Estado, esporte e futebol: legislação, regulamentações e novos lucros.

Este capítulo trata de um conjunto de documentos relacionados à formação e circulação de jogadores de futebol tanto no contexto nacional quanto internacional. Tomando como ponto de partida o modo como os familiares com os quais mantive contato ao longo dessa pesquisa significam a legislação, discutirei em que medida esse conjunto de regulamentações torna-se inteligível e quais os seus impactos nas escolhas empreendidas para que os jovens jogadores sejam colocados em circulação.

Dessa forma, é imprescindível refletir sobre os impactos da Lei 9615/98, popularmente conhecida como “Lei Pelé”. Partindo de questionamentos sobre os modos como o Estado brasileiro regulamentou – ou deixou de regulamentar – esse esporte, procurarei descrever seu processo de elaboração e seus desdobramentos, pois ela representa mudanças profundas no modo como o fenômeno futebol é concebido no Brasil e conseqüentemente, tem implicações decisivas para o processo de formação e circulação de jogadores de futebol. Ainda, a abordagem dessa legislação requer compreender como ela está inserida em um período marcado por políticas liberalizantes que tiveram como resultado uma abertura para o mercado e a ausência de regulamentação por parte do Estado. Por esta razão, ela será mais bem compreendida se articulada com outros marcos legais. Mais especificamente, para os interesses desta dissertação, a Lei Pelé será colocada em articulação com alguns aspectos dos direitos das crianças e adolescentes.

De modo complementar apresento um estudo sobre a forma como a *Fédération Internationale Football Association* (FIFA) regulamenta a circulação de jogadores de futebol no contexto internacional e ainda, a atuação dos agentes de jogadores. Cabe colocar em evidência que o regulamento da referida entidade tem como objetivos estabelecer normativas para todos os países filiados. Nesse caso, exige-se perceber a não ocorrência de conflitos entre

as regulamentações nacionais e as estabelecidas pelo Regulamento de Transferências de Atletas (*Regulations for the Status and Transfer of Player*) da FIFA.

No entanto, outros documentos serão levados em consideração, destacando-se a cartilha, *Orientações para o trabalho no exterior: modelos, jogadores de futebol e outros profissionais brasileiros (2012)* publicada no mês de maio pela rede consular do Itamaraty, em parceria com o Departamento Cultural. O documento tem como objetivo orientar profissionais brasileiros, bastante jovens e sem experiência de trabalho no exterior, que acabam sendo vítimas de agentes internacionais e em muitos casos passam por situações que podem ser definidas como a de “tráfico de pessoas”. Destaca-se a importância dada à circulação de jogadores de futebol e a ênfase em orientar sobre os problemas recorrentes relacionados à legislação, principalmente no tipo de visto obtido e as condições de assinatura dos contratos. Nesta cartilha, encontra-se uma marcada preocupação em abordar casos de circulação enquanto potenciais vítimas de situações denominadas de “tráfico de pessoas”. Partindo desse debate procurarei diferenciar em que medida os projetos familiares analisados ao longo dessa dissertação não se enquadram enquanto potenciais casos de “tráfico” e principalmente, a forma como eles oferecem um contraponto e ainda podem ser tomados enquanto preventivos ao problema abordado pela cartilha.

1.1 - Tornando-se um profissional: Como a lei pode ser inteligível?

No capítulo 4 serão apresentadas as narrativas desenvolvidas por alguns familiares frequentadores da escolinha de futebol onde realizei minhas observações para descrever o processo de formação e circulação de seus jovens jogadores. Um dos destaques será meu

diálogo com Márcio e Adriana⁴, pais de Thiago, há dois anos treinando no Goiás Futebol Clube. A maior parte da conversa foi realizada com o pai enquanto aguardávamos Adriana terminar alguns afazeres relacionados à organização do apartamento e se juntasse a nós para, nas palavras do seu marido, “dar a sua versão enquanto mãe”.

Após tratarmos de diversos aspectos relacionados ao percurso de Thiago, principalmente de como a família tem trabalhado o fato do menino, desde os catorze anos, dividir um apartamento com outros jogadores na cidade de Goiânia, passamos a conversar sobre o contrato proposto pelo clube para a profissionalização de Thiago. O pai do menino demonstra preocupação, a qual é compartilhada com a mãe. Eles alegam que há muitos pontos carentes de esclarecimento. No contrato, segundo o pai do jogador, há determinadas cláusulas afirmando que o Goiás F.C. tem dado toda a assistência ao jogador, fato não confirmado pela versão dos pais que alegam serem os responsáveis por toda infraestrutura – casa, escola, transporte, alimentação. O ponto que gera maior preocupação em Márcio é chamado por ele de “multa rescisória”. Ele afirma que não tem um conhecimento profundo da legislação, mas passou a se interessar pelo tema na medida em que as necessidades foram surgindo. Márcio passa então a me explicar como ele entende o funcionamento dos cálculos para o estabelecimento da “multa rescisória”:

O clube calcula treze vezes o salário estipulado e multiplica por três para transferências nacionais e por cinco para transferências internacionais. Esse valor será cobrado de qualquer outra equipe que pretenda contratar o jogador enquanto estiver vigente o contrato. (Entrevista – 13/07/2012)

Pergunto para Márcio se o cálculo que ele me descreve é aquele definido pela Lei Pelé. Ele afirma que sim, recebendo a anuência de sua esposa, principalmente por entenderem

⁴ Em acordo firmado durante as entrevistas fui autorizado pelos familiares a utilizar o nome verdadeiro dos participantes por considerarem que as informações não representaram qualquer prejuízo às suas imagens.

que isso não é nenhuma elaboração da vontade do clube nem dos pais, mas conferem um embasamento legal ao processo.

No artigo 28⁵ da chamada Lei Pelé, reformulado pela Lei 12395/2011, encontramos a descrição da forma como deve ser regulamentada a atividade dos atletas profissionais (jogadores de futebol). Regida por um contrato formal de trabalho, a relação entre a entidade de prática desportiva (clube de futebol) e o atleta profissional deve prever cláusulas penais que regulem o descumprimento, rescisão ou rompimento unilateral do referido contrato.

Embora haja uma diferença nos cálculos, a “multa rescisória” para a qual o pai chama a atenção é descrita na lei como “cláusula indenizatória desportiva” e diz respeito ao montante a ser pago na ocorrência de algum outro clube de futebol ter interesse em contar com os trabalhos de Thiago antes do término da vigência do contrato proposto. Tais aspectos se apresentam como um problema, pois eles dizem respeito às dificuldades que podem ser enfrentadas pelo jogador e sua família caso tenham outras propostas de trabalho.

Considerando haver uma preocupação com os termos do contrato a ser assinado é possível destacar ainda, aspectos previstos na lei que ajudam a entender o contexto de apreensão no qual Márcio e Adriana estão envolvidos. Se partirmos da perspectiva de que eles estão diante de uma proposta de contrato de trabalho para o seu filho, seria razoável pressupor que a simples recusa do mesmo e a procura por melhores oportunidades resolveria o

⁵ I - *cláusula indenizatória desportiva*, devida exclusivamente à entidade de prática desportiva à qual está vinculado o atleta, nas seguintes hipóteses:

a) transferência do atleta para outra entidade, nacional ou estrangeira, durante a vigência do contrato especial de trabalho desportivo; ou

b) por ocasião do retorno do atleta às atividades profissionais em outra entidade de prática desportiva, no prazo de até 30 (trinta) meses;

§ 1º O valor da cláusula indenizatória desportiva a que se refere o inciso I do caput deste artigo será livremente pactuado pelas partes e expressamente quantificado no instrumento contratual:

I - até o limite máximo de 2.000 (duas mil) vezes o valor médio do salário contratual, para as transferências nacionais; e

II - sem qualquer limitação, para as transferências internacionais. (BRASIL, Lei n. 9615, 1998)

problema. No entanto, o artigo 29 da mesma lei nos dá pistas para entender a situação vivenciada pela família:

Art. 29. A entidade de prática desportiva formadora do atleta terá o direito de assinar com ele, a partir de 16 (dezesesseis) anos de idade, o primeiro contrato de trabalho desportivo, cujo prazo não poderá ser superior a 5 (cinco anos).

§ 5º A entidade de prática desportiva formadora fará jus a valor indenizatório se ficar impossibilitada de assinar o primeiro contrato especial de trabalho desportivo por oposição do atleta, ou quando ele se vincular, sob qualquer forma, a outra entidade de prática desportiva, sem autorização expressa da entidade de prática desportiva formadora (...)

(...) § 7º A entidade de prática desportiva formadora e detentora do primeiro contrato especial de trabalho desportivo com o atleta por ela profissionalizado terá o direito de preferência para a primeira renovação deste contrato, cujo prazo não poderá ser superior a 3 (três) anos, salvo se para equiparação de proposta de terceiro (BRASIL, Lei n. 9615, 1998)

Portanto, nas letras da lei, para que Thiago ingresse no mercado profissional do futebol ele terá que assinar o primeiro contrato com seu clube formador (Goiás F. C.), podendo ficar vinculado ao mesmo por no mínimo cinco anos na hipótese de que nenhuma outra entidade de prática desportiva aceite arcar com os custos de sua mudança de local de trabalho.

A situação liminar da assinatura do primeiro contrato profissional vivida pela família de Thiago acaba ficando mais evidente na opinião da mãe, que preferiria ver seu filho em casa estudando, “prestando vestibular” e “vivendo uma vida normal”. Segundo ela, um dos problemas é que em outras áreas a justiça do trabalho dá uma proteção maior enquanto no futebol parece haver uma maior “vulnerabilidade”. Em suas palavras, “a pessoa acaba se transformando em objeto”.

Do ponto de vista do direito desportivo a profissão de jogador de futebol não é vista da mesma forma que as outras profissões. Apesar de preencher alguns requisitos previstos na CLT como: venda da força de trabalho a um empregador, continuidade (trabalho não

eventual), onerosidade (previsão de um salário), subordinação e pessoalidade, os jogadores de futebol desempenham uma profissão com inúmeras particularidades.

O *Contrato Especial de Trabalho Desportivo* pode ser tomado como um bom exemplo para entender as preocupações de Adriana, principalmente as vulnerabilidades alegadas pela mesma. No modelo, disponível no site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e recomendado como base para a elaboração dos contratos entre as entidades esportivas e os atletas profissionais do futebol, estão listadas as obrigações dos jogadores e dos clubes contratantes. A cláusula segunda trata das obrigações dos jogadores contendo doze itens que falam sobre: a necessidade de manter a integridade física, respeitar as ordens técnicas (como jogar em qualquer posição, por exemplo), manter conduta disciplinada dentro e fora do campo e esforçar-se para conseguir o máximo da sua eficiência técnica. A cláusula terceira trata das obrigações do clube. Ela possui cinco itens que obrigam os clubes a: oferecer boas condições de segurança e higiene no trabalho, prestar assistência médica e odontológica, pagar os salários, pagar despesas relacionadas aos jogos como viagens e alimentação e contratar seguro de vida para acidentes pessoais.

Chamo atenção para a diferença entre as obrigações estipuladas para os jogadores e para os clubes. Sobre os jogadores há a previsão de um controle que passa por questões de comportamento, associadas mais a um conteúdo moral do que de eficiência técnica, como por exemplo, manter conduta correta e disciplina, abster-se de atitudes que possam prejudicar o seu rendimento competitivo-desportivo. As previsões direcionadas aos clubes tratam apenas de questões financeiras e redundantemente obrigam a entidade de prática desportiva a pagar os rendimentos dos contratados que têm que obedecer a todas as ordens e zelar pelo seu corpo e conduta. Se o contrato tem como objetivo regulamentar a venda de determinada força de trabalho para um respectivo empregador vale questionar por que, ao incidir sobre os jogadores

de futebol, ele tem como maior interesse regular comportamentos mais do que o desempenho técnico dos atletas.

As cláusulas quarta e quinta são ainda mais reveladoras, pois estabelecem que, caso o jogador fique impedido de atuar por motivo de sua exclusiva responsabilidade o clube estará isento de pagar salários durante aquele período podendo inclusive, suspender o contrato de trabalho caso o jogador deixe de atuar por mais de noventa dias ininterruptamente. Completando, o contrato especial de trabalho desportivo ainda estipula que as infrações ao presente contrato por parte do jogador serão passíveis de aplicação de penalidade previstas na legislação trabalhista.

O modelo de contrato descrito acima serviu de base para aquele a ser assinado por Thiago e seus pais e sua redação está em conformidade com o estabelecido pela Lei 9615/98 e suas constantes reformulações. Nesse sentido, proponho discutir melhor em que contexto tal lei é promulgada, destacando primeiramente o histórico de afastamento do Estado brasileiro na regulamentação das atividades esportivas e suas consequências para o fenômeno futebol ao longo das últimas décadas.

1.2 - Estado, esporte e futebol: a Lei Pelé, novas regulamentações, novos lucros.

O marco inicial da regulamentação do Estado brasileiro sobre o futebol é o Decreto-Lei 3199/41. Promulgado durante o primeiro governo Vargas visava estabelecer normativas referentes às consideradas grandes áreas de alcance social, sendo o futebol um dos alvos dessa política. A preocupação, naquele governo, estava em promover uma noção de coletividade, ou seja, fomentar a ideia de nação-identidade nacional centralizando nas mãos do governo a organização, fiscalização e a estrutura do futebol. (MEZZADRI et al, 2011).

Um segundo marco importante ocorreu durante o governo militar com a Lei 6354/76. Amplamente conhecida como “Lei do Passe”, regulamentava as relações de trabalho entre os atletas profissionais e as entidades esportivas. Como resultado dessa lei, uma vez vinculado a uma associação desportiva, o atleta dificilmente teria liberdade de escolher outro empregador. O “passe”, uma espécie de direito concedido ao futebolista para participar das competições, pertencia ao clube e não ao jogador de futebol. Tanto a lei 6354/76 quanto outros decretos desse mesmo governo objetivavam uma centralização que passava pelo fortalecimento das Confederações e Federações.

Nesse período, destaca-se o crescimento da profissionalização e o questionamento de como profissionalizar significava manter o poder nas mãos do Estado. Como resultado desse debate, no ano de 1979 o controle sobre o futebol desloca-se da Confederação Brasileira do Desporto (CBD) para a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Com a Constituição Federal de 1988, principalmente no seu artigo 217⁶ que trata da autonomia das entidades esportivas, entraram em curso modificações profundas no entendimento do esporte e conseqüentemente na relação entre a estrutura do futebol e o desenvolvimento da sociedade. A consequência foi um fortalecimento da descentralização que incidiria diretamente sobre o futebol. Em 1987 foi criado o *Clube dos 13* cuja função era a de representar os clubes de futebol. Em suas preocupações iniciais não aparecem propostas de regulamentação, garantia dos direitos dos jogadores de futebol e principalmente um projeto para a formação desses profissionais. A criação de tal associação pode ser considerada um marco na redução do poder do Estado sobre o futebol, sobretudo no que diz respeito às

⁶ Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:

- I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;
- II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;
- III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não- profissional;

questões econômicas, ou seja, o futebol enquanto produto. Em julho de 1993 foi promulgada a “Lei Zico” (8672/93) que visava estabelecer mudanças jurídico-desportivas e institucionais. Essa lei marca o fortalecimento da iniciativa privada e a redução da interferência do Estado nesse esporte.

No ano de 1997, o então Ministério Extraordinário dos Esportes, recém-criado pelo governo Fernando Henrique Cardoso e comandado por Edson Arantes do Nascimento (Pelé), apresentou um projeto que visava acabar com o que eles denominavam “escravidão” no futebol caracterizada pelo “passe”. Imediatamente instaurou-se um debate na opinião pública. De um lado, os meios de comunicação tiveram um papel central na campanha para uma reestruturação mais profunda. Por outro, os dirigentes das entidades esportivas articulavam para que esse processo de reestruturação não afetasse seus privilégios. (PRONI, 1998)

A lei 9.615/98 foi sancionada em março 1998 figurando como a lei geral das atividades esportivas no Brasil. Com relação à modalidade futebol, dois aspectos ganharam notoriedade. O primeiro alterava o estabelecimento do contrato entre o jogador e o clube de futebol e definia o prazo para isso ocorrer. Em outros termos: o “passe”, modalidade de vínculo entre jogador de futebol e entidade desportiva que impossibilitava ao primeiro buscar melhores oportunidades de trabalho, estaria extinto após três anos da aprovação dessa lei. O segundo determinava que dentro de dois anos as entidades desportivas participantes de competições profissionais deveriam transformar-se em empresas. Um aspecto central para discutir essas medidas é o fato de que a lei determinou mudanças estruturais profundas no futebol, mas não regulamentou o *modus operandi* desse processo. A Lei Pelé constrói uma nova concepção para pensar e administrar o futebol profissional colocando o fator econômico como o mais importante na circulação dos jogadores. (Rial, 2008)

O foco de minha análise aponta para o fato de que o fim da “lei do passe” abre espaço para especuladores de “jovens talentos”: empresários fazendo investimentos em grande escala na formação de jogadores através das escolinhas de futebol. Por meio delas, são recrutados crianças e adolescentes seduzidos por propostas as quais, em sua maioria, têm poucas possibilidades de concretização. A construção de um imaginário de ascensão social age não deixando transparecer a forma precária em que vive a maioria dos que investem nessa carreira. São poucos aqueles que atingem os grandes salários divulgados pela mídia⁷. Em decorrência disso, crianças e adolescentes são utilizados como instrumento de especulação financeira de grupos empresariais.

Dado este contexto, é possível perceber que as mudanças na legislação brasileira, implementadas no final da década de 1990 e início dos anos 2000, permitiram uma atuação mais eficaz de agentes que, sob a denominação de “empresários”, fazem ofertas às famílias desses jovens talentos. O imaginário construído acerca do futebol no Brasil alia ascensão econômica a escassas possibilidades de fazê-lo por outros meios.

Nesse sentido, uma das consequências da Lei Pelé foi tirar as proteções tanto dos atletas, quanto dos clubes e permitir uma abertura definitiva para o mercado. Em mais de uma década de existência, passou por diversas reformulações, sendo a última no ano de 2011. Apesar de regulamentar todo o sistema de esporte no Brasil, acabou ganhando notoriedade por marcar mudanças profundas na estrutura do futebol brasileiro sendo considerada uma das explicações para o aumento significativo da saída de jogadores de futebol de modo cada vez mais precoce para o exterior. Mais especificamente, os artigos 27, 27-A, 28, 29, 29-A, 30, 39, 43, 45 e n° § 1° do art. 41 são voltados diretamente para regulamentação do futebol.

⁷ Segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol dos 30.784 jogadores registrados no país em 2012, cerca de 82% recebem até dois salários mínimos enquanto por volta de 2% tem uma renda acima de R\$ 12,4mil, 20 salários mínimos. Fonte: <http://extra.globo.com/esporte/triste-realidade-no-brasil-82-dos-jogadores-de-futebol-recebem-ate-dois-salarios-minimos-6168754.html#ixzz2LRorEpBi>

Procedendo a uma análise mais detalhada desses artigos é possível notar que o objetivo é retirar, o máximo possível, o envolvimento do Estado no direcionamento das transações econômicas referentes ao futebol ficando as mesmas restritas às relações entre entidades desportivas, empresas, agentes, jogadores de futebol e suas famílias. Em certa medida, considerando o contexto brasileiro do final da década de 1990, podemos concluir que a Lei 9615/98 foi uma espécie de reforma neoliberal das atividades esportivas (em especial o futebol) no Brasil. Nesse processo, um personagem ganha destaque como figura importante ocupando o papel de mediador. São os agentes de futebol, cuja atividade passou a ser regulamentada de forma mais precisa pela FIFA a partir de 2008.

1.3 - Apontamentos acerca da Lei 9615/98 e os direitos das crianças e dos adolescentes

Conforme já assinalado anteriormente, com as determinações da Lei Pelé e a atuação dos agentes de jogadores observou-se um aumento na circulação de crianças e adolescentes no mercado do futebol. Concomitantemente, encontramos diversas regulamentações nacionais e internacionais que instituem regras rígidas para a entrada desse público no mercado de trabalho. Dessa forma, uma das questões propostas é compreender como se dá esse processo de circulação, considerando as especificidades da profissão de jogador de futebol frente ao conjunto de regulamentações, principalmente aquelas encontradas na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei 8090/1990 e Convenção 138 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Analisando a legislação brasileira que define a idade para entrada no mercado de trabalho encontramos na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) a proibição de qualquer atividade remunerada antes dos dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz. Essa proibição

é reforçada pelo artigo 7º da Constituição Federal de 1988⁸. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como crianças as pessoas com idade até doze anos incompletos e adolescentes aquelas com idade entre doze e dezoito anos de idade. Ao tratar do direito das crianças e adolescentes à profissionalização e à proteção no mercado de trabalho determina que aos menores de catorze anos seja proibido qualquer tipo de trabalho. A partir dessa idade, tal condição é permitida enquanto aprendiz e, ao menor de dezoito anos o trabalho é autorizado desde que ele não seja noturno, perigoso ou insalubre e respeite os direitos trabalhistas e previdenciários. As determinações do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) refletem aquelas estabelecidas internacionalmente pela Convenção 138 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)⁹.

Nesse sentido, podemos concluir até o momento que, a Lei Pelé teve como foco principal a flexibilização das transações econômicas tirando as garantias das entidades esportivas e principalmente dos jogadores de futebol. No entanto, ao longo dos seus artigos e constantes reformulações, procurou incorporar o conjunto de regras impostas pelos organismos internacionais para a inserção de crianças e adolescentes no mercado de trabalho. Como consequência, são constantes os arranjos realizados pelos agentes de jogadores para colocar seus atletas no mercado de forma cada vez mais acelerada. Uma dessas estratégias será discutida na sequência desse capítulo e diz respeito à obtenção de dupla cidadania como forma de buscar melhores oportunidades de trabalho em equipes europeias.

⁸ Art. 7º. São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

(...)

XXXIII – proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos. (BRASIL, Constituição, 1988).

⁹ Todo membro para o qual vigore a presente Convenção compromete-se a seguir uma política nacional que assegure a abolição efetiva do trabalho de crianças e eleve, progressivamente, a idade mínima de admissão ao emprego ou ao trabalho a um nível que torne possível aos menores o seu desenvolvimento físico e mental mais completo. (OIT, Convenção 138)

1.4 - A Europa como horizonte: a obtenção de dupla cidadania enquanto estratégia.

Prossigo a conversa com Márcio perguntando sobre a possibilidade de seu filho Thiago jogar em algum clube na Europa. Segundo ele, o pai de Adriana, sua esposa, obteve a cidadania espanhola e na última vez que esteve na Europa trouxe sua certidão de nascimento original, o que possibilitou a solicitação de dupla cidadania para Adriana e os filhos. Nas palavras de Márcio:

As portas para a Europa também se abriram. Eu estava com três contatos de pessoas querendo levar ele para Europa. Mas eu acredito que se ele continuar é uma coisa automática porque ele tem o passaporte espanhol e pode jogar em qualquer clube da Europa. Porque tem alguns clubes que têm restrição, só pode jogar no time três estrangeiros por vez. Você pode ter no seu elenco cinco, mas para jogar só três então tira um estrangeiro e põe outro e ele como cidadão espanhol pode jogar em qualquer time. Então se ele continuar eu acho que o futuro dele seria esse aí. Mas até agora nada se concretizou... (Entrevista, 13/07/2012)

Uma das propostas a qual Márcio se refere foi feita por um empresário objetivando levar Thiago para a Itália. Os pais recusaram por considera-la abusiva. O empresário em questão objetivava ganhos sobre todos os aspectos da negociação, inclusive, uma porcentagem sobre o salário do menino. Nesse momento, a mãe, sempre tranquila, até levanta a voz e diz que isso é inaceitável, “como alguém pode querer obter ganhos sobre o salário de uma pessoa?” Aproveito o clima para perguntar como eles lidam com essa linguagem do futebol de comprar e vender pessoas, eles não se espantam com tudo isso? Segundo Márcio, o principal é estar sempre ligado no que acontece na vida do menino e que, apesar dessa linguagem o bom relacionamento entre clube e jogador protege-o de medidas abusivas.

Os pais de Thiago negociam diretamente com os agentes, assim como Osmar, cujo filho, Osmar Jr, divide o apartamento em Goiânia com Thiago. Em conversa Osmar me relata que procurou por cerca de um ano pela documentação necessária para conseguir a cidadania italiana de seu filho. Embora trabalhe como corretor imobiliário, tem formação em direito e demonstrou certa familiaridade com os procedimentos para obter a dupla cidadania e estudar

as melhores propostas para seu filho. Ao descrever-me com mais detalhes o processo de obtenção do passaporte italiano ele explica que:

Em caso dele prosperar, ele se torna um jogador *comunitário*, na comunidade europeia. Ele se tornando um atleta italiano, ele se torna um *atleta comunitário*, não sujeito à *cota de estrangeiros*. Se ele não está sujeito à *cota de estrangeiros* é muito mais fácil ele prosperar, conseguir um emprego lá do que aqui. Por que o brasileiro de certa forma se destaca lá O que os clubes de lá querem? *Jogador comunitário*, ou seja, que tenha cidadania de alguma comunidade europeia. Isso ele já tem. (Entrevista 20/07/2012)

Prossigo perguntando se Osmar tem alguma proposta:

Já tenho, estamos aguardando uma resposta por e-mail para marcar os testes lá. O contrato de vínculo se encerra e então, tanto o Goiás pode não querer profissionalizar quanto a família pode não querer profissionalizar. Por que a família pode não querer? Por que se o Goiás profissionalizar ele vai acabar amarrando o menino pelos próximos três anos. Então, se realmente ele prosperar e quiser a gente tem algumas propostas para ir para o exterior em função da dupla cidadania que ele vai conseguir. A documentação já foi enviada via *scanner* já foi analisada lá na comuna italiana e já foi aprovada. Falta apenas pegar um voo com os documentos originais, assinar e vir embora. Então tem todo um mecanismo. Eu não vejo hoje viabilidade de mantê-lo no Goiás. Por que se ele se amarrar no Goiás ele vai ficar três anos amarrado. Depois vai ter aquela negociação de liberação aquela coisa toda. (Entrevista 20/07/2012)

É possível perceber na fala dos pais a importância atribuída ao “passaporte comunitário”, uma espécie de chave para a entrada no mercado europeu de futebol. Nesse sentido, vale a pena investir um pouco mais para entender a que eles se referem quando utilizam os termos: “comunitário”, “não comunitário” e “cota de estrangeiros” e quais os acontecimentos que vão redundar na regulamentação da atuação dos atletas profissionais no continente europeu.

1.5 - A Europa como destino: o *caso Bosman* e o Passaporte Comunitário

Entender o mercado de trabalho relacionado à profissão de jogador de futebol implica considerar em que medida um contingente elevado de evasões sustenta a alta rotatividade e consequentemente a atratividade da carreira de jogador de futebol no Brasil (RUGGI, 2008). É necessário também, compreender a formação de um fluxo secundário de jogadores com menores chances de entrar nas primeiras divisões conforme já apontou Leite Lopes (1999).

Ainda, segundo este mesmo autor, o fluxo de jogadores da América Latina para a Europa inicia-se na década de 1930, é interrompido na Segunda Guerra, e retomado durante a década de 1950 crescendo até chegar aos patamares atuais.

Nesse sentido, os capitais sociais das famílias podem definir o sucesso nesse empreendimento. A alta competitividade requer investimento e tempo de dedicação para a tessitura da carreira. A partir da análise de Damo (2007) é possível explicar um dos mecanismos de entrada nessa profissão. Enquanto jovens de classe média desistem do futebol e lançam mão de outros projetos na medida em que suas chances vão diminuindo, aqueles com recursos econômicos limitados prosseguem na tentativa, submetendo-se aos baixos salários e às condições precárias oferecidas em entidades esportivas de pequeno porte. Tal mecanismo será mais bem demonstrado no capítulo 4 a partir da comparação de trajetórias com recursos econômicos distintos.

Tomando como ponto de partida essas considerações iniciais, o desejo de jogar na Europa torna-se mais claro ao considerarmos o imaginário construído sobre como atuar naquele continente permitiria obter altos salários e disputar partidas ao lado dos astros consagrados mundialmente pelos espetáculos midiáticos. No entanto, são inúmeras as limitações para a entrada no mercado de futebol na Europa e entender o seu mecanismo se faz necessário.

1.5.1 - O caso Bosman

A atuação de jogadores de futebol na Europa tem como marco a trajetória de um atleta belga que, ao reclamar seus direitos trabalhistas junto à Corte Europeia acabou abrindo caminho para mudanças decisivas na legislação relacionada à atuação de jogadores estrangeiros naquele continente. Em 1988 Jean Marc Bosman, transferiu-se para o RC Liège, time de segunda divisão da Bélgica. Após uma redução de seu salário, Bosman tentou

transferir-se para um clube da França e foi impedido por sua equipe. Após recorrer à Justiça, o jogador conseguiu parecer favorável da Corte Europeia e pôde jogar no clube de sua escolha. Esse caso gerou uma nova jurisprudência modificando as bases do futebol europeu. Ao mesmo tempo em que o caso Bosman iguala os jogadores europeus, cria uma profunda divisão entre os considerados “jogadores comunitários” e os “não comunitários”. A questão da origem ganha centralidade e é materializada no “Passaporte Comunitário da União Europeia”, ou seja, na cidadania do atleta e como ela define as suas possibilidades de participação nos jogos.

A partir de então, o jogador de futebol que possuísse cidadania de algum país europeu poderia circular pelas equipes do continente sem qualquer tipo de restrição. Ainda, as equipes que desejassem contratar atletas estrangeiros sofreriam limitações tanto na quantidade de atletas estrangeiros no seu elenco quanto da participação simultânea dos mesmos durante as partidas. A maioria dos países estabelece uma “cota máxima de estrangeiros” podendo restringir-se a cinco por elenco sendo que três atuando simultaneamente.

Além das restrições descritas acima, também é necessário chamar atenção para o caso específico de jogadores menores de idade. A legislação brasileira proíbe a transferência internacional de jogadores de futebol antes dos dezoito anos de idade e essa normativa está em consonância com aquelas definidas pela FIFA. No entanto, no próprio regulamento desta entidade há cláusulas que permitem a chegada de um atleta antes dessa idade a um clube europeu. Uma delas diz respeito àqueles que possuem cidadania europeia e podem transferir-se para outro clube deste mesmo continente. Para viabilizar as transações de jogadores menores de idade, uma das estratégias colocadas em curso pelos agentes é exatamente conseguir um passaporte da comunidade europeia para seus jogadores. Esse processo tem gerado amplo debate e foi tema de uma cartilha elaborada pelo Itamaraty.

Durante a conversa com Osmar descrevi o conteúdo da cartilha e perguntei se ele não se preocupava com os riscos de mandar seu filho para fazer viagens de testes na Itália. Em sua resposta, Osmar adianta que já toma a maioria das providências descritas e aproveita para demonstrar o seu conhecimento sobre o assunto comparando a legislação brasileira com a italiana. O primeiro ponto que ele chama atenção é para o fato de seu filho ser menor de idade e os impedimentos que a legislação brasileira impõe. Ele diz que na Itália também tem uma legislação desportiva tal como a Lei Pelé brasileira, mas adianta que o principal é entender que todas convergem para os interesses da FIFA. Segundo Osmar, tudo o que é preciso saber sobre este assunto está lá, no regulamento da FIFA, portanto, antes de adentrar na discussão da cartilha, seguiremos as suas recomendações e nos debruçaremos sobre alguns pontos do regulamento FIFA.

1.6 - O Regulamento de Transferências de Atletas da FIFA

Toda atividade profissional de futebol deve estar em consonância com o sistema FIFA para que seja reconhecida pelas respectivas confederações nacionais. As transferências internacionais devem ocorrer a partir do Sistema Internacional de Transferência (Transfer Matching System - TMS) que está integrado com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O Regulamento de Transferência de Atletas da FIFA em seu artigo dezenove autoriza a emissão do Certificado Internacional de Transferências (CIT) somente a atletas a partir dos doze anos de idade. Sem este certificado não é possível realizar transações internacionais entre entidades esportivas e jogadores de futebol nos diferentes países. Como regra geral, o CIT deve ser concedido a atletas com idade superior a dezoito anos de idade. No entanto, o Estatuto descreve três possibilidades nas quais o referido certificado poderá ser emitido a um atleta antes da idade citada acima.

- 1) A primeira possibilidade refere-se ao caso dos pais do atleta mudarem-se, a trabalho, para o país onde ele vai realizar as atividades como jogador de futebol. No entanto, o referido trabalho exercido pelos pais não pode estar vinculado ao futebol.
- 2) Uma segunda hipótese, já mencionada anteriormente, diz respeito às transferências realizadas dentro da União Europeia (EU) ou Área Econômica Europeia (AEE).
- 3) Ainda, uma terceira possibilidade refere-se ao caso do atleta viver não mais do que cinquenta quilômetros da fronteira de um país onde localiza-se o clube para o qual pretende se transferir.

É importante ressaltar que essas condições dizem respeito aos atletas que não possuem nacionalidade no país para onde pretendem se transferir. Essa distinção é necessária porque os jogadores que adquirem dupla cidadania acabam ficando em uma situação diferenciada. Desse modo, do ponto de vista normativo, encontramos ampla sintonia entre as regras para transferências de jogadores de futebol, as convenções internacionais e legislações locais. No entanto, a questão que permanece é entender como, mesmo com as aparentes dificuldades impostas à saída de crianças e adolescentes aspirantes a jogadores de futebol para um clube no exterior, essa possibilidade figura como horizonte para essas famílias.

Não são incomuns relatos de diferentes estratégias colocadas em curso quando os agentes consideram o investimento em determinado atleta lucrativo. A oferta de emprego para os pais em áreas não diretamente relacionadas ao futebol é um dos exemplos bastante comuns. Outra forma de viabilizar esse processo é a utilização de vistos de estudo ou de turismo. Vejamos, portanto, através da cartilha mencionada, como o Itamaraty tem abordado esta questão.

1.7 - A cartilha

Em face do amplo debate suscitado por esse tipo de problema, e principalmente pelo aumento significativo de casos requerendo a atuação da embaixada brasileira, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) lançou em maio de 2012, pela rede consular do Itamaraty, em parceria com a área cultural, a cartilha denominada *Orientações para o trabalho no exterior: modelos, jogadores de futebol e outros profissionais brasileiros*.

Nesta cartilha organizada em sete capítulos, de caráter enfaticamente didático, são dadas informações e orientações para profissionais brasileiros bastante jovens que passam por experiência de trabalho no exterior. Embora seja direcionada para modelos, músicos, dançarinos, professores de capoeira, cozinheiros de churrascaria e restaurantes étnicos grande parte do documento é dedicado a jogadores de futebol.

O primeiro capítulo destina-se exclusivamente a essa modalidade esportiva, enquanto as outras profissões estão alocadas no capítulo seguinte. Ao longo da cartilha são listados os países com casos recentes de problemas enfrentados por brasileiros. Destaca-se que praticamente todos apresentam ocorrências com jogadores de futebol. Os capítulos finais são dedicados a relatar a atuação da embaixada nesses casos e contatos e definições úteis para quem estiver diretamente envolvido com esse problema.

Segundo a cartilha, as principais ocorrências encontradas pelas embaixadas e consulados do Brasil surgiram devido à relação desses profissionais com agentes e empresários, os quais, mediante falsas promessas submetem-nos a, exploração laboral, abusos, maus tratos, acomodação precária e retenção de passaporte e de pagamentos.

A maioria dos casos apresenta uma situação denominada pelos elaboradores da cartilha de "irregularidade migratória". Tal condição implica na entrada em outro país a trabalho portando visto de turista e permanecendo nessa condição. Na medida em que o atleta

exerce trabalho remunerado ele encontra-se em uma situação de ilegalidade não podendo recorrer aos órgãos competentes em caso de descumprimento das promessas por parte do empregador.

Partindo de dados da CBF estima-se que cerca de seis mil brasileiros atuam em clubes estrangeiros girando em torno de mil transferências por ano. Uma das características principais dessas propostas é de serem aparentemente irresistíveis, oferecendo amplas vantagens financeiras para o atleta e suas famílias. Outra característica frequente é a imediatividade, pois o jogador e sua família são obrigados a realizar a viagem em curto período de tempo sob o risco de perder a oportunidade, ficando assim impedidos de realizar uma pesquisa mais cuidadosa.

Uma das principais preocupações do Itamaraty é com as viagens denominadas de testes. Ao realiza-las sem contrato prévio ou visto adequado os aspirantes a jogadores de futebol acabam ficando sem qualquer garantia. A cartilha aponta relatos de jogadores que saem do país para participar de testes e que, após o insucesso são abandonados sem qualquer assistência do agente ou clube responsável pelo convite. Sem contar com advogados ou assessoria e fluência no idioma local são abandonados por clubes, passaportes são retidos ficando assim, impedidos de retornar ao seu país de origem ou buscar ajuda.

Embora ocorra um grande fluxo de jogadores de futebol para a Europa aquelas que vêm causando maiores problemas são as ofertas originárias da Ásia e do Oriente Médio, mercados que têm apresentado um alto investimento na contratação de jogadores de futebol atualmente. A cartilha finaliza com orientações para o momento da assinatura do contrato profissional. Além de ser permitido somente para atletas brasileiros no exterior a partir dos dezoito anos de idade, é obrigatória a tradução juramentada do mesmo evitando cláusulas com sentido duvidoso que acabam tirando todos os direitos do atleta enquanto trabalhador. Os

casos relatados ao longo da cartilha descrevem, por exemplo, contratos assinados em idioma armênio os quais não definiam o valor do salário, e quando eram indicados, apareciam como um suposto anexo não apresentado ao jogador no momento da assinatura. Outras cláusulas comuns são aquelas que preveem redução do salário em 50% caso o jogador tenha queda no seu desempenho e seja rebaixado para uma segunda equipe. Em suas considerações finais, a cartilha apresenta uma definição daquilo que seus elaboradores entendem por “tráfico de pessoas” e principalmente, a preocupação das autoridades nacionais e internacionais com este tema. Nesse sentido, procurarei discutir a definição de tráfico de pessoas e as implicações de associá-la ou não aos projetos familiares estudados ao longo deste trabalho.

1.8 - Formação de jogadores de futebol e tráfico de pessoas

Segundo a cartilha, tráfico de pessoas pode ser definido como:

O recrutamento, transporte, transferência, alojamento ou acolhida de pessoas, com recurso à ameaça, força ou outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso da autoridade ou à criação de situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamento ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa para fins de exploração. O consentimento da vítima é irrelevante, pois pode ser viciado ou induzido. (Orientações para o trabalho no exterior, 2012, P.62)

Tal definição resume a forma como o *Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão, Punição do Tráfico de Pessoas, em especial mulheres e crianças* define o conceito de tráfico de pessoas. Também conhecido como *Protocolo de Palermo* este documento foi formulado em 2000, entrou em vigor internacional em 2003 e passou a ser adotado pelo Brasil a partir de 2004. As discussões a nível internacional sobre tráfico de pessoas têm como sua origem a questão denominada de “tráfico de mulheres” na década de 1940, tornando-se atualmente um problema amplamente discutido sobre migração internacional e exploração do trabalho. Ainda, tal documento é considerado como o representante de importantes avanços nas regras que normatizam a circulação de pessoas em diferentes países e suas implicações.

Segundo Piscitelli e Vasconcelos (2008), ao mesmo tempo em que a promulgação do *Protocolo de Palermo* suscitou amplo debate e campanhas em diversos países para adequação das normativas nacionais os estudiosos do tema acabaram defrontando-se com impasses na abordagem do problema sob essas novas determinações. Na apresentação do *Dossiê: Gênero no Tráfico de Pessoas (2008)* as autoras chamam atenção para essa problemática principalmente no que diz respeito às concepções sobre gênero e trabalho. As convenções internacionais que se dedicaram a discutir o tema datam da década de 1940 quando se debatia a questão das consideradas “escravas brancas” e visava proteger principalmente americanas e europeias expostas a situações de exploração sexual. O tratado da Liga das Nações no início do século XX foi precursor da *Convenção das Nações Unidas sobre a supressão do Tráfico de Pessoas e a Exploração da prostituição de outros (1949)*, que combinava e substituía os acordos anteriores. Segundo as autoras, neste documento o foco da discussão era o de combater o tráfico de pessoas associado à prostituição definindo-a como um mal que precisava ser erradicado. O Código Penal Brasileiro em consonância com esta normativa de 1949 definiu tráfico de pessoas como favorecimento à prostituição.

O avanço apresentado pelo *Protocolo de Palermo* tem como um dos seus focos o tratamento dos problemas relacionados a mulheres e crianças. Embora dê uma ênfase especial para esses grupos não restringe a noção de tráfico de pessoas somente a eles. O que ele visa combater é a exploração, coerção, fraude ou abuso mediante situação de vulnerabilidade associado a qualquer atividade de trabalho não se restringindo à prostituição. Além do combate a essas situações de exploração também tem como foco a assistência às vítimas, principalmente a proteção dos direitos fundamentais das mesmas.

O *Protocolo de Palermo* traz à cena não somente novas normativas para o tratamento das questões sobre tráfico de pessoas, mas também oferece subsídios para colocar em debate a

própria definição desse conceito e suas consequências como exploração e vulnerabilidade, por exemplo. A confusão conceitual não diz respeito somente a um acalorado debate acadêmico, mas também está relacionada às implicações para as populações afetadas por esses novos conceitos. Segundo Piscitelli e Vasconcelos (2008) um dos problemas enfrentados no Brasil é a indefinição do conceito sendo que algumas instâncias operam com aquelas do *Protocolo de Palermo* e outras com as do Código Penal Brasileiro. Embora tal debate não figure como questão central nesta dissertação, a recorrência do termo gerou a necessidade de discutir, em que medida, os casos analisados ao longo dessa dissertação têm relação com aquilo que se define como tráfico de pessoas.

Torna-se de grande valia nesse caso, acompanhar a crítica realizada por Kempadoo (2005). Segundo a autora, grande parte do referencial anti-tráfico estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) através do *Protocolo de Palermo* – o mesmo que pauta a cartilha analisada - foi elaborado a partir de interesses econômicos neoliberais de proteção a grandes corporações, agências multilaterais e especialistas em políticas públicas de governos nacionais. O problema nessa formulação de tráfico de pessoas estaria na ausência de preocupação com os trabalhadores envolvidos nesse processo. A autora destaca várias situações nas quais as pessoas definidas por esses organismos enquanto “traficadas” acabam sendo tratadas como criminosas e obrigadas a permanecer no país até responder o processo. Em certa medida, apesar de o protocolo obrigar os governos a proteger os direitos dessas pessoas, elas acabam sendo duplamente vítimas de constrangimentos, pois o objetivo da proibição não é a proteção dos seus direitos.

Conforme descreve Kempadoo (2005) a partir de dados presentes em relatórios de pesquisa de organizações não governamentais anti-tráfico:

Além da prisão, detenção e deportação, como modos imediatos de disposição das mulheres, homens, meninas e meninos objetos de tráfico nos países de destino, essas

peças, quando “resgatadas”, são em geral devolvidas aos países de origem como migrantes sem documentos, e têm de enfrentar a vergonha e a humilhação que acompanha tal categorização e o status de deportadas. (KEMPADOO, 2005, p.68.)

Nesse sentido, de acordo com Piscitelli (2008) e Kempadoo (2005) a indefinição daquilo que pode ser caracterizado como tráfico de pessoas pode trazer como resultado um aumento na condição de vulnerabilidade daqueles que acabam sendo duplamente vítimas nesse processo.

Os casos que pretendo analisar ao longo do meu trabalho podem ser discutidos enquanto contraponto à própria noção de tráfico de pessoas presente na cartilha. Conforme sugere Piscitelli (2008), não se trata de relativizar a gravidade do tráfico de pessoas e tornar invisível a situação das inúmeras vítimas nesse processo. O que está em jogo é a necessidade de tornar mais complexa a discussão e oferecer contrapontos aos conceitos impostos pelos organismos internacionais. Tal procedimento está em consonância com a necessidade de uma noção de responsabilidade com as implicações políticas de reduzir projetos familiares a casos de tráfico de pessoas. Entendo como mais produtivo, não apenas do ponto de vista conceitual, mas também político, tomar como hipótese que os casos estudados passam ao largo da definição de “tráfico” do *Protocolo de Palermo* e da cartilha estudada.

Principalmente, porque muitas das recomendações da cartilha aparecem no discurso dos pais como procedimentos básicos para aceitar uma proposta pelos seus filhos. Ainda, conforme será discutido ao longo dessa dissertação, cabe perguntar em que medida a própria ideia de tráfico associada ligeiramente à circulação de crianças e adolescentes não teria como fundamento as divisões, classificadas como “perigosas” por Zelizer (2009), as quais atribuem problemas à aproximação entre afetividade e economia. Nesse sentido, famílias investindo nos seus filhos para coloca-los em circulação e adentrarem na profissão de jogador de futebol configurar-se-iam em um problema em si e cujo resultado seria a vulnerabilidade para a

inserção em redes de tráfico, pois a contaminação entre relações afetivas e transações econômicas desvirtuaria as condutas dessas pessoas. Tal discussão será abordada com mais cuidado no capítulo 4.

Para o momento, acompanho a crítica de Kempadoo (2005) e Piscitelli (2008). Ao analisar a associação entre tráfico de pessoas e prostituição as autoras apontam para o cuidado em não produzir fundamentos para discursos anti-migratórios e políticas baseadas na distinção entre bem e mal, quando o bem (países de destino) é corrompido pelo mal (países fonte) como se não houvesse uma interligação muito mais complexa envolvendo redes de agenciamento, políticas neoliberais, projetos familiares de ascensão econômica e social, interesses de grandes corporações e políticas anti-migratórias. Tais problematizações são válidas para pensar a formação e circulação de jogadores de futebol, destacando ainda o cuidado para não tomar o sensacionalismo que tal discussão suscita como dado e deixar de problematizar relatórios e recomendações produzidas exatamente para ratificar posturas preconceituosas.

1.9 - Estado, economia e projetos familiares.

Neste capítulo, parto da premissa de que no Brasil o futebol é prestigiado pela alta circulação de seus jogadores aliada à qualidade técnica dos mesmos. No entanto, essa circulação não pode ser explicada somente a partir do prestígio técnico. Eles circulam porque o custo é baixo, permitido pela regulamentação precária do Estado. Nesse movimento, os direitos das crianças e adolescentes amplamente debatidos e fiscalizados acabam ficando à sorte da criatividade de agentes, empresários e entidades esportivas e suas diferentes formas de contornar a legislação.

Embora o sucesso do investimento na carreira de jogador de futebol implique no compartilhamento de um projeto familiar de ascensão social e econômica que opera mediante um mecanismo que enfatiza trajetórias de sucesso e minimize as de fracasso, conforme

discutirei ao longo dessa dissertação, foi necessário demonstrar em que medida, um conjunto de regulamentações – ou a ausência das mesmas – são decisivos para definir a extensão desses projetos.

Conforme observaremos nos próximos capítulos, projetos familiares de transformação de um dos seus membros em jogador de futebol profissional são colocados em ação desde muito cedo na vida dessas crianças. Tomando este dado como ponto de partida procurei problematizar os deslocamentos produzidos pela legislação que regula tanto a formação quanto a circulação de jogadores de futebol no contexto nacional e internacional. Nesse sentido, entender esse processo significou chamar atenção para os diferentes arranjos que são colocados em curso para equacionar a exigência de uma profissionalização precoce com as limitações impostas pela legislação.

A discussão sobre tráfico de pessoas e as possibilidades de associação com esses projetos familiares ajuda a demonstrar como este capítulo, além de permitir uma contextualização, ofereceu um panorama da amplitude do processo de formação e circulação de jogadores de futebol. Ao elencar um conjunto de documentos, leis e outros tipos de regulamentação e o debate político em torno de suas constantes reformulações demonstrou-se a importância desse fluxo e suas ramificações que permitem discuti-lo a partir da articulação com outras linhas de investigação da antropologia.

Capítulo 2 - A escolinha de futebol: Formando atletas, criando relações familiares.

A ausência de controle sobre o processo de formação e circulação de jogadores de futebol acabou transformando essa atividade em um investimento lucrativo principalmente para agentes de jogadores e entidades esportivas, conforme pudemos perceber no capítulo anterior. Embora a legislação tenha como um dos seus fundamentos a proteção dos direitos das crianças e adolescentes, percebeu-se um conjunto de estratégias para que o projeto de colocar jovens jogadores em circulação seja bem sucedido.

No entanto, os critérios para que esses jovens atletas entrem em circulação não podem ser limitados às determinações da legislação. Durante uma conversa com o treinador da categoria sub-13 do Clube Atlético Paranaense, por exemplo, ele me relatou que é muito difícil realizar um diagnóstico preciso antes dos doze anos de idade. Ele afirma que o processo de circulação inicia-se de modo mais efetivo a partir dessa idade, quando os adolescentes são enviados para testes, ficando cerca de uma semana e retornando periodicamente até completarem catorze anos. Esse processo será descrito mais detalhadamente no capítulo 4 quando analisarei a trajetória de Matheus que, prestes a completar catorze anos, acumula viagens periódicas à cidade de São Paulo realizando testes no São Paulo Futebol Clube.

Neste capítulo, considerando a dificuldade apontada pelos treinadores em definir antes dos doze anos de idade qual daqueles jovens atletas obterá sucesso nessa carreira, parto da hipótese de que uma escolinha de futebol, cujo público alvo é composto em sua maioria por meninos entre oito e treze anos, teria grandes dificuldades em manter-se em funcionamento caso seu foco se limitasse a recrutar potenciais jogadores de futebol de sucesso. Essa hipótese

tem como embasamento as minhas conversas com o treinador Rafael, professor de Educação Física, responsável pela escolinha onde realizei minhas observações e principal colaborador nesta etapa de pesquisa.

Dessas observações surge o presente capítulo no qual pretendo discutir o lugar das escolinhas de futebol no processo de formação e circulação de jogadores de futebol. Tomo como ponto de partida que esses espaços são fundamentais para manter viva a relação entre família e futebol, sobretudo considerando que, para obter sucesso, tais empreendimentos não podem limitar-se a formar jogadores de futebol profissionais, mas necessitam acionar outros significados que ampliem o perfil dos participantes.

Ao longo das observações foi possível perceber como a participação dos familiares dos aprendizes, mediada pelo lugar central ocupado pelo treinador, permite o início do investimento. É neste momento que o projeto familiar voltado para transformar aqueles jovens atletas em jogadores de futebol ganha materialidade. O discurso do treinador ganhará destaque nesse capítulo, principalmente considerando o modo como ele procura qualificar o seu trabalho enquanto um empreendimento com objetivos para além da formação de jogadores de futebol.

2.1 - Primeiros passos: a chegada à escolinha

Detectar, selecionar, revelar, descobrir podem ser consideradas categorias centrais para aqueles que têm a formação de jogadores de futebol como atividade profissional. Ao longo da minha experiência de pesquisa pude perceber que, embora exista uma marcada ênfase na importância dos treinamentos, os profissionais envolvidos com a formação de

jogadores de futebol operam com a ideia de que o futuro jogador de talento é uma descoberta, um tesouro a ser encontrado e o seu valor futuro cultivado.

Partindo desse pressuposto, os primeiros passos para acompanhar os treinamentos da escolinha de futebol foram dados com cuidado. Nesse caso, vale destacar que, tanto no sensacionalismo midiático, quanto nos relatos dos treinadores de futebol com quem mantive contato nos últimos anos, são constantes histórias de disputas por atletas e aliciamentos de diversas formas para persuadir um jovem jogador a mudar de time ou escolinha com o intuito de auferir lucros futuros caso ele se torne um profissional. Dessa forma, enquanto caminhava pelo Centro Olímpico da UnB à procura do campo de treinamentos pensava em quais perguntas poderia fazer e principalmente, considerava cauteloso não adentrar em assuntos que remetessem à revelação de valores financeiros ou de pretensas “promessas” da escolinha.

Contrariamente às minhas expectativas, não encontrei um ambiente hostil e a forma tranquila e receptiva do treinador seriam características marcantes no andamento do trabalho de campo. Logo na primeira conversa, Rafael abriu as portas da sua escolinha e enquanto trocávamos ideias sobre a pesquisa, o treinador me fez inúmeras sugestões sobre quais seriam os melhores caminhos para abordar o tema e a partir daquele momento tornou-se um grande parceiro e colaborador.

Na maior parte da conversa destacou uma característica central para entender o funcionamento da escolinha: os objetivos das famílias ao matricularem seus filhos são inúmeros podendo variar desde a necessidade de uma atividade física para o desenvolvimento psicomotor da criança até a satisfação do próprio desejo dos pais em ver seu filho envolvido com atividades relacionadas ao futebol. Isso significava não tomar aquele espaço como homogêneo e ainda, fazer escolhas relacionadas ao tipo de abordagem a ser colocada em

prática durante as observações. O desafio de dar conta dos diversos interesses associados à escolinha precisava ainda levar em consideração que, minha entrada naquele espaço, e conseqüentemente o contato com os familiares dos jogadores, se deu sob a mediação do treinador e, por conseguinte, da articulação dos nossos interesses em comum.

Portanto, durante as observações não foi possível estabelecer um contato mais estreito com os jovens jogadores e me aproximei de forma mais efetiva dos familiares que tinham seus filhos considerados por Rafael como os mais promissores do ponto de vista da idade, desenvolvimento técnico e do engajamento das famílias. Essa opção se fez necessária em função do tema central naquele momento: discutir a formação e circulação de jogadores de futebol enquanto projetos familiares.

Dessa forma, inicio descrevendo o processo de constituição da escolinha *Furacão DF*, principalmente por ela estar inserida em um contexto mais amplo relacionado à abertura de um mercado de franquias de escolas de futebol, cujo marketing está associado aos famosos clubes detentores das maiores torcidas e conseqüentemente de um grande público interessado em suas marcas. Tal aspecto será de grande relevância para compreender os modos distintos como as famílias se relacionam com as escolinhas de futebol e como uma estratégia de mercado (divulgação do nome do clube através das escolinhas de futebol) gera efeitos distintos quando apropriados pelo seu público (a escolinha como espaço de sociabilidade e criação de laços familiares).

2.2 - Estratégias de mercado, marketing, torcidas e o *boom* das escolas franqueadas.

A escola surgiu nesse período de escolas franqueadas. Atualmente, os clubes de segundo escalão como Atlético Paranaense, Figueirense, Coritiba, Atlético Goianiense dentre outros clubes menores estão começando a trabalhar com franquia

para ter essa possibilidade de estar mais próximo dos garotos. Mas acontece que atualmente mudou a concepção, a forma de entender escolinha. O fato é que a maioria, cerca de 95% não teve chance nos clubes que eles foram procurar nas escolas franqueadas e isso gerou uma insatisfação e mais do que isso, o entendimento de uma realidade que o pai viu que o menino não estava indo para o clube, então isso gerou uma diminuição na procura por escolas franqueadas. (Entrevista, 13/08/2012)

Configurando-se em modernas estratégias de expansão empresarial em rede, as franquias basicamente têm como características a abertura do negócio de uma empresa matriz para outros grupos menores utilizarem suas marcas constituindo um conjunto de direitos e deveres com pagamentos diretos e indiretos. Embora especialistas apontem para a antiguidade do sistema de *franchising* somente depois da Segunda Guerra, durante a década de 1950 é que essa modalidade de negócios assumiu as atuais características. No Brasil, a incidência de franquias aumentou consideravelmente nas décadas de 1990 e 2000.

Nesse sentido, não é surpreendente que o surgimento de escolas de futebol franqueadas, relatado por Rafael, se dê a partir do início dos anos 2000 contemplando dois fatores decisivos: crescimento do sistema de franquias enquanto investimento seguro e período em que a Lei Pelé entra em vigor. A proposta naquele momento, de acordo com o treinador, baseava-se em fortalecer o vínculo entre clube e torcida através das escolinhas de futebol. Tal vínculo favoreceria a aproximação com as famílias, pois a tendência era e a de que os pais levassem os filhos para treinar na escolinha de seu time preferido.

No caso de Brasília, durante o início dos anos 2000, ganhou destaque uma escolinha de futebol denominada Clube de Futebol Zico (CFZ) consolidando esse tipo de investimento em nível local. O treinador afirma que as escolas já existiam, mas não contemplavam uma proposta ampla de captação de jogadores. A fundação do CFZ, com a perspectiva de formação de uma equipe profissional a partir de escolas espalhadas por diversos estados, era inovadora e inspirou outras iniciativas.

Outro marco no histórico de Brasília é o alcance nacional de um jogador nativo. Por volta do ano de 2002 um jogador de futebol denominado Kaká destacava-se no São Paulo Futebol Clube (SPFC). Por ter nascido no Distrito Federal, o sucesso do referido atleta causou grande impacto fomentando a ideia de que na região havia jogadores em potencial que não se desenvolviam por falta de oportunidades. Assim, o mesmo clube que lançou Kaká acabou enxergando esse mercado em potencial e rapidamente instalou uma de suas franquias na cidade.

A escola de Rafael surgiu nesse contexto. Após trabalhar durante oito anos com a marca do SPFC, ele afirma que é possível falar de um “boom de escolas franqueadas” no Distrito Federal entre os anos de 2002 e 2006. Equipes com grande repercussão nacional como Corinthians (SP), Palmeiras (SP), Santos (SP), Fluminense (RJ), Flamengo (RJ), Vasco (RJ), Internacional (RS), Grêmio (RS) e Vitória (BA) aproveitaram o mercado valendo-se da ausência de entidades locais de grande expressão e a associação dos torcedores com clubes de outros estados transformando o Distrito Federal em um mercado em potencial, principalmente nos segmentos de classe média.

Em 2006, considerado pelo treinador como o momento principal da captação de jogadores, ele afirma que chegou a levar semanalmente cerca de nove garotos entre onze e treze anos para fazer testes no SPFC. A disputa era muito grande, pois a entidade esportiva recebia cerca de cento e vinte jovens atletas durante o mesmo período. De acordo com Rafael, o vínculo mediante a franquia até ajudava na entrada dos meninos para realizarem os testes nas categorias de base, mas se manter lá era muito difícil.

Tal período foi marcado por grande competitividade entre aquelas crianças e adolescentes configurando-se em um complicador para o trabalho com a escolinha. Rafael

relata casos de garotos que entraram na fase de testes com onze anos e aos treze estavam excluídos do processo. Logo surgiram reclamações dos familiares culpabilizando a escolinha e o trabalho do treinador pelo insucesso dos filhos. O maior problema, segundo Rafael, é que naquele momento não havia uma noção de que as crianças e adolescentes estariam indo para a escolinha de futebol para ter uma vivência e aprender os fundamentos básicos para jogar futebol. Acreditava-se que o vínculo direto com as famosas entidades esportivas do futebol brasileiro significava um caminho direto para lançar futuros jogadores profissionais.

Após oito anos de parceria com o SPFC, Rafael passou a trabalhar com o Clube Atlético Paranaense. Essa mudança se deu juntamente com a percepção dos familiares de que não havia uma ligação direta entre entidade esportiva e escolinha de futebol. O fato de colocar o filho em uma franquia famosa não garantia qualquer acesso privilegiado às dependências de seu clube de pertencimento. Nas palavras do treinador: “Os clubes na verdade não precisavam da escola para captar jogador porque batia na porta deles jogadores o tempo todo”.

Compreender essa transformação de contexto implica levar em consideração uma característica importante: a mudança de franquia também passa pela viabilidade do investimento econômico. A gradual desvinculação entre a qualidade do trabalho na escolinha e a imagem da entidade esportiva permitiu ao treinador aliar duas vertentes para reconfigurar seus investimentos: baixo custo e oferta de um trabalho diferenciado.

A diferença nos custos ao adquirir uma franquia depende da política e do alcance da marca de cada clube. Tais aspectos são mais bem compreendidos quando comparamos as duas experiências da escolinha de Rafael. O SPFC cobra quarenta mil reais de adesão e um repasse mensal de dois mil reais. Segundo Rafael o negócio com o referido clube ficou inviável porque conseguir dois mil reais livres de impostos, contador, dentre outras despesas torna-se

muito difícil. Por esse motivo, grande parte das escolas associadas a esta entidade esportiva encerraram suas atividades. Isso aconteceu porque, segundo o treinador, o valor cobrado somente é viável para escolas cuja frequência gira em torno de quinhentos alunos. Tal realidade faria sentido em cidades com grande população e em função disso as filiais em polos menores foram obrigadas a fechar as portas. Ao pensar a reformulação de sua escolinha aliada à diminuição da procura por escolas franqueadas Rafael viu no Clube Atlético Paranaense uma boa opção.

Diferentemente do exemplo paulista, o clube paranaense cobra onze mil reais anuais e como contrapartida oferece cerca de cem kits contendo bolas, coletes e uniformes. Desse modo, basicamente o dinheiro gasto anualmente com a franquia é equivalente à quantidade de material colocada à disposição. Apesar de considerar associar-se a outras entidades esportivas com maior impacto no mercado do futebol, ele afirma que encontrou na atual parceria uma estratégia de marketing diferenciada com sorteios de chuteiras, uniformes do time, ou seja, a tentativa do Clube Atlético Paranaense é aliar formação de jogadores com estratégia de marketing buscando assim, consolidar-se nesse mercado. A metodologia pedagógica e de avaliação proposta pelo clube são consideradas inovadoras pelo treinador. O clube trabalha baseando-se em uma proposta de intercâmbio entre os treinadores com palestras e trocas de experiências. Quanto à avaliação, os aspirantes a jogadores de futebol são avaliados em seu local de treino e próximos aos seus familiares, o que na visão do treinador vai permitir deixar o atleta mais à vontade para demonstrar seu desempenho.

No entanto, outro fator decisivo para o sucesso de uma escolinha é o local de treinamento. Rafael é ex-aluno do curso de Educação Física da UnB e a proximidade com os professores aliada aos seus interesses acadêmicos permitiu construir uma parceria com o

Centro Olímpico para desenvolver seus treinamentos nessas dependências. A região acaba sendo de fácil acesso tanto da residência dos aprendizes quanto do local de trabalho dos familiares. Ainda, o ambiente da universidade contribui para que a escolinha seja vista pelos pais como diferenciada bem como a busca do treinador em enfatizar esse intercâmbio como produtivo para os frequentadores.

2.3 - O que podemos oferecer além do futebol? A busca da escolinha de futebol enquanto um trabalho diferenciado

O nosso trabalho é diferenciado porque a gente sabe que dos garotos que procuram, alguns têm condição de ser atleta, mas a grande maioria não tem e o nosso trabalho é exatamente com aqueles que não têm a possibilidade de ser atleta. O esforço é para praticar um esporte, ter um hábito saudável, para emagrecer, ter uma parte de desenvolvimento motor adequada e o nosso foco é esse. Quando surge um jogador que tem um diferencial a gente aumenta um pouco da carga de treino dele dentro da faixa etária e então naturalmente ele é observado e seu caminho trilhado. (Entrevista 13/08/2012)

Segundo Rafael, fazer um trabalho diferenciado com escolinhas de futebol significa não sair em busca de formar jogadores desesperadamente, mas sim ampliar os motivos para a procura de uma escolinha de futebol não focando somente na carreira profissional. A proposta do treinador é transformar a escolinha em um ambiente de integração. Como a maior parte do seu público é de classe média e reside próximo à universidade, ele procura conceder bolsas para alguns atletas que moram em regiões administrativas mais distantes. Outra estratégia relevante é aproveitar-se do nome da universidade como fator favorável, inclusive capitalizando a minha presença enquanto pesquisador como forma de divulgar o seu trabalho para os familiares, alegando as “vantagens” de ser um “laboratório de pesquisa”.

É importante destacar que durante as observações deixava bastante claro ao treinador não haver da minha parte qualquer proposta de avaliação sobre a efetividade do seu trabalho. Principalmente porque o foco não estava voltado para os treinamentos, mas sim, para as

formas de interações possíveis no cotidiano da *escolinha* e conseqüentemente os modos como os aprendizes e seus familiares se apropriavam daquele espaço.

Tal aspecto permitiu estabelecer diálogos produtivos dentre os quais pude perceber a preferência do treinador em trabalhar com a faixa etária entre oito e catorze anos. Conforme ele mesmo relata, esse público facilita o trabalho, permitindo colocar em prática jogos de interação cuja ênfase incide tanto no desenvolvimento das habilidades físicas quanto no respeito aos limites e trabalho em grupo. De acordo com Rafael, a ideia é que o trabalho transcenda o campo:

O trabalho é voltado para a integração social, de cooperação, de entender a necessidade do outro dentro do grupo, dentro do coletivo, é o que a gente conversa com eles. O futebol é um esporte no qual você é obrigado a trabalhar no coletivo e você vai trabalhar no coletivo porque no seu trabalho, na sua escola você vai ter que trabalhar no coletivo então se eles começarem a entender a função deles dentro de um jogo, esse jogo não precisa ser necessariamente o futebol. (Entrevista, 13/08/2012)

Portanto, durante os treinos Rafael procurava chamar a atenção dos pais para o caráter educativo do seu trabalho. Segundo ele, enquanto em outras escolas reproduzia-se um tipo de trabalho repetitivo, voltado somente para a formação de atletas profissionais, excluindo a grande maioria das crianças e adolescentes interessadas em participar das atividades, ele privilegiava um trabalho que abrangesse todos os participantes da *escolinha*. Ainda, afirma que “seria mais fácil reproduzir esse tipo de treinamento aplicado desde a década de 1930”, mas “quando a gente inova temos mais chances de cometer erros, pois para inovar é necessário tempo”.

2.4 - Um dia de treinamento na *escolinha Furacão DF*

Realizei a pesquisa de campo na *escolinha Furacão DF* entre os meses de julho a outubro de 2012. Nesse período, acompanhei os treinamentos as segundas e quintas-feiras no

período da manhã. Também frequentei alguns jogos aos finais de semana e uma avaliação técnica realizada por um treinador do Clube Atlético Paranaense. Tive contato com as conversas informais entre os familiares dos jogadores durante os treinamentos quando, apesar de em pequena quantidade, configuravam-se em presença constante.

Logo que chegava ao campo procurava um lugar na arquibancada mais próximo dos familiares presentes. Geralmente todos acabavam sentando-se na mesma região com o intuito de abrigar-se do sol. Na maioria das vezes em que iniciava uma conversa com algum desconhecido a primeira pergunta que eu ouvia era: “qual é o seu?” apontando para as crianças e adolescentes em campo. Quando respondia desconcertado que não era pai de nenhum dos meninos e estava fazendo uma pesquisa, alguns se interessavam e prosseguia explicando melhor meus propósitos, mas na maioria das vezes balançavam a cabeça e continuavam o acompanhamento das jogadas.

Um aspecto significativo é que dentre os familiares presentes a maioria se conhecia e, ao frequentar os jogos aos finais de semana, percebi que a presença nestes eventos favorecia essas interações, as quais se consolidavam durante os treinamentos. A presença mais efetiva era a masculina, apesar de na maioria dos treinamentos que acompanhei haver pelo menos uma presença feminina.

Na chegada dos alunos para o treino da manhã na escolinha “Furacão DF” rapidamente é possível perceber que seu público alvo é composto de famílias de classe média. A maioria chega de carro, acompanhados de algum familiar ou, em poucos casos, de um motorista ou funcionário da família. Trajando o uniforme personalizado em vermelho e preto, as cores do Clube Atlético Paranaense, logo se destacam e podem ser vistos à distância aproximando-se do campo de treinamento. As vestimentas dos familiares permitem deduzir

que a atividade de levar o filho à escolinha está sendo realizada concomitantemente ao horário de trabalho. Aqueles que não dispõem desse tempo, deixam os filhos no estacionamento mais próximo e logo arrancam apressadamente para seus outros afazeres. Aos poucos, enquanto os aprendizes vão se reunindo e interagindo a partir de algum assunto relacionado ao futebol, os familiares que permanecem procuram um lugar confortável na arquibancada e aguardam o início das atividades. A ocorrência de um torneio no final de semana anterior toma conta dos comentários entre os pais.

O mesmo assunto é tema de uma conversa reservada e um pouco tensa entre o treinador e uma mãe. Ela reclama do ocorrido em um dos jogos no final de semana anterior quando seu filho se apresentou para o jogo e não foi escalado pelo treinador. Ele argumenta que tal medida havia sido tomada devido a problemas de indisciplina protagonizados durante o treinamento pelo garoto. O jogo em questão havia ocorrido em uma das regiões administrativas do Distrito Federal. Acompanhei os três jogos durante uma tarde de sábado e pude perceber a tensão vivida pelo treinador para equacionar o desejo dos familiares de ver seus filhos em campo, às vezes colocando alguns meninos durante poucos minutos e novamente tirando-os de jogo somente para não receber críticas como aquelas proferidas pela mãe. Posteriormente, em conversa com Rafael, ele expôs as dificuldades em trabalhar com a pressão dos pais, inclusive, ligando para ele durante o jogo e pedindo para colocar seus filhos em campo ou ainda à beira do gramado dando ordens contrárias às do treinador para os meninos.

Conquanto a frequência dos familiares fosse constante, eram perceptíveis as diferenças no modo como cada um interagia com os acontecimentos na escolinha. Ao meu lado um pai conversa ao telefone e trata de negócios. Durante a conversa se justifica para o seu

interlocutor ao telefone dizendo que está na escolinha de futebol do filho e depois resolve determinado assunto. Outros acontecimentos como esse permitem notar que a escolinha é inserida em uma rotina de atividades profissionais. Mais à frente outro pai lê um livro tranquilamente, alheio aos acontecimentos no campo de futebol enquanto espera seu filho. Um pouco mais distante chega uma mãe que fica observando de longe demonstrando estar apressada. Imediatamente seu filho avista-a e pede permissão ao treinador para sair de campo.

Tais acontecimentos nos ajudam a perceber como observar um dia de treinamento na escolinha permite uma aproximação com uma das suas principais características, a diversidade de interesses dos seus frequentadores, enfatizada pelo treinador em nossa primeira conversa. Considerando tal aspecto, é importante compreender como o treinador precisava estar atento para mediar essas diferenças, tornando viável seu trabalho. Dentre essas distintas formas de vivenciar a escolinha, a participação de um dos pais chamou a atenção de forma particular, principalmente por exigir grande habilidade do treinador para trabalhar com suas cobranças a beira do campo.

2.5 - Entre pai e filho: A importância do “fator família”

Inicialmente me incomodava o modo como aquele pai fazia cobranças ao seu filho durante o treino e o nervosismo com que reagia a cada passe errado do garoto. As primeiras perguntas que me ocorreram foram: O que ele espera de fato do seu filho? Será que a idade e as condições de contexto são levadas em consideração por aquele pai? Quais as expectativas com relação ao seu filho? As expectativas levam em consideração a idade e as relações familiares envolvidas? Como o menino reage àquelas cobranças?

Durante uma das manhãs de treinamento me decepcionou a baixa presença de familiares nas arquibancadas. Resolvi concentrar minhas observações naquele pai e buscar

respostas para algumas das minhas perguntas. Trajando jeans, camisa, sapato e segurando um blazer, elegante parecia estar pronto para o trabalho em algum escritório ou repartição pública e observava o treino tranquilamente ao lado de um pequeno caderno. Toda vez que a bola se aproximava de seu filho de nove anos, vestido com um colete amarelo, fazia reclamações em voz baixa sobre o desempenho do menino. O pai incomodava-se com o fato do garoto não ganhar a maioria das jogadas quando estava desempenhando funções defensivas. Em um dos intervalos aguardou a aproximação de seu filho e lhe passou instruções dizendo para se empenhar e movimentar-se mais. Em seguida, levantou-se e ficou mais distante, talvez tenha percebido que eu estava observando suas ações. As cobranças prosseguiram e ele chama seu filho próximo à arquibancada e diz em voz baixa: “Vamos caprichar neste treino, chutar a gol direitinho e escolher o canto na hora de bater”. O menino balança a cabeça afirmativamente concordando com o pai.

Na semana seguinte prossegui acompanhando as reações daquele pai. A primeira atividade foi um trabalho de chutes a gol. A maioria dos meninos desenvolvia suas tentativas e erros não obtendo muito sucesso. Após alguns erros comuns a outros meninos, o pai se exalta e vai à beira do gramado passar mais instruções. Tento perceber como Rafael se coloca diante daquela situação, mas ele está do outro lado do campo, longe do meu alcance. No entanto, na próxima vez em que o garoto vai fazer o movimento, Rafael repete as instruções do pai e aumenta sua atenção ao desempenho do menino. Na terceira vez que chuta longe do gol o pai chama a atenção do filho. Rafael fala com o jovem atleta e dá orientações em voz baixa de modo que quem está na arquibancada não consegue ouvir. Em seguida, a modalidade de treinamento é modificada e eles passam a treinar cruzamentos. Diferentemente da atividade anterior, o garoto faz bons cruzamentos arrancando elogios do treinador.

O treinamento prossegue, e Rafael reserva os minutos finais para dividir os meninos em duas equipes para a disputa do “coletivo”, modalidade de treinamento bastante apreciada pelos jovens jogadores. Os meninos se divertem com a disputa e o filho faz uma boa jogada olhando para o pai e esperando aprovação. No entanto, ele olha para o menino desconcertado e permanece em silêncio. Novamente ele acerta um chute durante o coletivo e olha para seu pai dando um sorriso após ouvir elogios de Rafael. Naquele dia o garoto teve um bom desempenho e foi bastante elogiado pelos colegas. Toda vez que acertava olhava para o pai que, contrariado, não esboçava reação.

No final do treino o pai do garoto se aproxima de Rafael e sorridente faz uma brincadeira: “Na semana que vem vou trazer minha chuteira e entrar em campo também.” Rafael sorri e pergunta para o garoto: “Será que ele joga bem?” O menino responde com um olhar de admiração dizendo que “ele é muito bom”. O olhar de admiração do garoto dava pistas para pensar que a relação entre pai e filho durante os treinamentos adquiria significados para além do desempenho daquele aspirante a jogador de futebol. Resolvi esperar os dois irem embora para perguntar a Rafael sobre como ele entendia a participação daquele pai nos treinamentos.

Segundo o treinador, ele é um dos frequentadores mais participativos na escolinha e um bom interlocutor para o seu trabalho. Aquele pai foi o primeiro a responder afirmativamente um e-mail enviado por Rafael para os familiares avisando sobre a minha presença nos treinamentos enquanto pesquisador. Segundo o pai relatou ao treinador, o jovem atleta esteve treinando em outra escolinha e comparando as metodologias de trabalho era possível ver a diferença. O aspecto principal destacado por ele é a possibilidade de acompanhar mais de perto o desenvolvimento do filho. Segundo o treinador, ele também

elogiou o modo como são trabalhados outros aspectos educativos que não ficavam restritos ao futebol. De acordo com Rafael, mesmo que aparentemente seja uma pressão sobre o menino, por outro lado, a presença constante não representava um fator negativo para o seu trabalho.

Do ponto de vista do treinador, aquilo que ele chama de “fator família” influencia decisivamente no modo como o jovem atleta vai se desenvolver na escolinha. Ele cita casos de meninos que só conseguem jogar com a presença do pai enquanto outros têm dificuldades nos jogos aos finais de semana quando a família está presente. Há outros exemplos de filhos que não têm uma boa relação com o pai e as atividades da escolinha são utilizadas como forma de aproximação. Embora seja perceptível que a variação depende da dinâmica familiar, ao mesmo tempo estas dinâmicas são reconfiguradas nas interações no interior da escolinha.

Alguns pais alegam que as atividades da escolinha, tanto os treinamentos quanto os jogos aos finais de semana, acabam sendo oportunidades para convivência familiar e um espaço de lazer, por exemplo, quando passam a manhã inteira com seus filhos sendo um momento difícil de repetir em outros dias da semana. Evidentemente também há casos em que os pais utilizam a escolinha com o objetivo de ter um lugar onde deixar o filho que ficam sob a responsabilidade de um motorista. No entanto, esses casos são exceção e a maioria procura acompanhar de perto não somente os treinamentos, mas os jogos aos finais de semana utilizando as atividades da escolinha como espaço de lazer e convivência familiar.

2.6 - Avaliação técnica

A semana de treinamentos que antecedeu uma avaliação técnica com a presença de um treinador da categoria sub-13 do Clube Atlético Paranaense foi marcada por grande expectativa tomando conta da maioria dos comentários entre os jovens jogadores. A

observação desse evento foi fundamental para compreender a tensão vivenciada pelos frequentadores da escolinha quanto à necessidade de conciliar um espaço de lazer e convivência familiar com a competitividade inerente à carreira de jogador de futebol.

Rafael fez grande esforço para a divulgação do evento inclusive em redes sociais na internet. A expectativa dos jovens jogadores e dos seus familiares acabou me contagiando e depois de realocar vários compromissos estava ansioso para acompanhar o evento marcado para uma quinta-feira no período da tarde. Logo que cheguei ao campo já havia duas equipes posicionadas para iniciar a primeira partida.

Como as turmas dos dois períodos estavam concentradas em um mesmo horário, os familiares espalhados pelas arquibancadas geravam grande movimentação ao redor do campo. Enquanto me aproximava, fazia cálculos para decidir onde seria o melhor lugar para sentar: junto aos familiares que se aglomeravam em uma região da arquibancada ou mais próximo a Rafael e o avaliador? Na medida em que chegava mais perto, permanecia em dúvida, e em meio à falta de opção acabei escolhendo um lugar mais afastado que depois descobri ser uma espécie de “área reservada” para o avaliador. Como tinha interesse em conversar com ele após as atividades esse procedimento acabou sendo produtivo. Rafael havia prometido me apresentar a alguns pais, mas logo percebi que o ritmo intenso do trabalho naquele dia não permitiria cumprir a sua promessa.

A primeira bateria de testes terminou e o avaliador entregou uma planilha para Rafael. Os jovens jogadores saíam de campo ofegantes, após muito esforço sob um sol escaldante e os olhares atentos não deixavam disfarçar suas expectativas. Rafael percebe a curiosidade manifestada tanto pelos pais quanto pelos meninos e vai tentando se esquivar dos olhares. Um grupo de jogadores se aproxima e inicia uma despedida enquanto um dos pais pergunta

baixinho para Rafael: “Ele não falou nada?” Rafael balança a cabeça negativamente aproveitando-se para chamar outra turma para entrar e começar o segundo jogo. O avaliador está sentado ao meu lado em uma cadeira fazendo anotações em sua planilha. Logo, um menino se aproxima e começa a puxar assunto com o mesmo em voz baixa. Em instantes, chega uma família com duas mulheres e duas crianças. Olhando para o campo uma delas grita: “É isso aí, vai passar na primeira vez hein!”.

A atitude dos familiares com relação à avaliação técnica varia consideravelmente. Nem todos os pais e mães estão completamente engajados no processo. Alguns vivenciam a situação de forma intensa enquanto outros não fazem ideia de como funcionam os trabalhos e ficam observando de forma distanciada. Um dos pais se aproxima de Rafael perguntando: “Esse teste aí é para quem quer ir para o Paraná?” E prossegue indagando sobre os critérios para a seleção dos jogadores. O treinador responde rapidamente, sem dar muitos detalhes e o referido pai se afasta. Um senhor de terno e gravata pergunta quanto tempo vai demorar e ao perceber que não terá tempo suficiente para esperar acaba desistindo e comunica aos presentes que precisa retornar ao trabalho. Uma das mães começa a gritar empolgada, orientando seu filho a pedir a bola para os companheiros. O menino satisfaz os anseios da mãe e consegue fazer uma jogada de efeito. Um senhor ao lado, grita sorridente: “É hoje... Se Deus quiser e ele quer!”.

Mais uma bateria de testes se encerra e novamente nos deparamos com um grupo de meninos extenuados olhando de longe repletos de expectativas. O avaliador está distraído fazendo anotações em sua planilha e um grupo de jovens jogadores que acaba de deixar o campo faz um comentário em voz baixa: “Vamos cumprimentar o ‘olheiro’, tem que ser cara de pau né?” Os outros colegas seguem o autor da fala e aproximam-se cumprimentando o avaliador com um aperto de mão e um sorriso.

Percebo que mãe e filha acompanham em pé, apreensivas, o desempenho de um dos meninos. A garota caminha disfarçadamente e tenta ler sobre os ombros do avaliador o que ele está anotando na planilha. Quando Rafael senta-se na cadeira ao lado a menina aproxima-se disfarçadamente dos dois e ouve como eles discutem a avaliação dos meninos. Em seguida, corre para contar à mãe o que ouviu: “Eles olham no papel e vão escrevendo sobre os meninos. Eles disseram que precisa se movimentar bastante.” A mãe ouve atentamente a menina e depois diz: “Vai lá e fala para ele que precisa se movimentar.” A criança imediatamente chama seu irmão à beira do campo para passar as instruções.

Após três baterias de testes Rafael consegue descansar um pouco e senta-se ao meu lado para conversarmos. Pede desculpas por não conseguir cumprir a promessa de me apresentar para alguns pais e me convida para sentar em sua cadeira ao lado do avaliador. Fomos apresentados e tivemos uma conversa enquanto ele observava mais duas equipes em campo. Perguntei sobre como era trabalhar com as famílias e ele falou sobre os dilemas em gerenciar jovens jogadores em alojamentos. Ele relata que no clube onde trabalha há um acompanhamento de psicólogas, pedagogas e assistentes sociais que orientam as mães, por exemplo, para não ficarem chorando na frente do filho, pois isso dificulta a permanência do menino.

Apesar de poderem ficar alojados somente a partir dos catorze anos por determinação do Ministério Público, quando os pais têm disponibilidade financeira e o menino ainda não atingiu a idade mínima, a família ou parte dela (nesse caso, geralmente a mãe) acaba se mudando para acelerar o processo e permitir que o menino acompanhe o desenvolvimento dos outros colegas.

O avaliador explica que a entrada do jovem jogador no alojamento é regida pela assinatura de um termo de compromissos e a partir de então ele passa a estar sob a responsabilidade do clube. Um dos desafios desse tipo de trabalho, segundo ele, é compreender a expectativa dos pais. É necessário saber avaliar se a família está interessada em transformar seu filho em um jogador de futebol ou que ele seja um atleta no sentido mais amplo.

Procurando explicar melhor ele me dá um exemplo. Um dos meninos treinados por ele no Clube Atlético Paranaense era considerado promissor e cogitava-se investir no seu desenvolvimento. O técnico percebeu que caso o jovem atleta prosseguisse jogando como centroavante teria poucas possibilidades e deslocou o mesmo para jogar pelas laterais. O pai do menino protestou permanecendo irredutível sobre o que considerava o melhor posicionamento de seu filho em campo. Pouco tempo depois o menino foi dispensado porque o seu responsável vinha causando dificuldades e atrapalhando o trabalho dos outros profissionais. Segundo o treinador, tal exemplo demonstra como aquele pai não está interessado em ver o seu filho tornando-se um atleta profissional do futebol. Esse perfil geralmente oferece dificuldades e tende a ser descartado pelos avaliadores. Em muitos casos, nas palavras do avaliador, “o pai jogava em determinada posição e tem o desejo de ver o filho realizar um projeto que ele não conseguiu concluir”.

De acordo Rafael, já passaram pela escolinha mais de dois mil jovens atletas e somente oito ou nove se tornaram jogadores profissionais de fato. Dos meninos que participaram da avaliação técnica, por exemplo, somente oito foram aprovados. Ele compara com a avaliação realizada pelo SPFC quando cerca de trinta garotos foram aprovados na primeira vez. Para o treinador, esses resultados têm um duplo sentido. A princípio, do ponto

de vista do marketing, seria interessante porque se divulga a notícia: “A escola de Rafael aprovou trinta meninos no São Paulo.” No entanto, para que esses meninos cheguem ao clube, a família faz um alto investimento com viagens, passagem, hospedagem sendo que a maioria não obtém retorno e o ônus acaba recaindo sobre o treinador. Além do dinheiro, toda uma expectativa é gerada desnecessariamente. Dessa forma, o treinador entende que vale mais a pena oferecer “um algo a mais na escolinha”, para além do futebol e não desprezar os meninos que não têm condições de tornarem-se atletas profissionais.

2.7 - Promessas, valores e possibilidades

Carreiras curtas, auge precoce, difícil reconversão, restrições de mercado laboral e discrepâncias salariais são características estruturais da profissão. Para entender melhor essas especificidades é útil pensar a carreira de futebolista como um processo em espiral, combinando as temporalidades cíclica e linear. (...) Embora apenas uma parcela dos atletas consiga integralizar todas as etapas da carreira, o que implica “a aposentadoria” por volta dos 35 anos, o fato é que mesmo os jovens em formação são constantemente alertados para o fato de que a vida útil de um futebolista é curta. (DAMO, 2007, p. 94)

Tomando a descrição de Damo como ponto de partida é possível questionar quais os elementos que constroem as expectativas em torno dessa carreira, ou seja, quais os caminhos para compreender as esperanças dos jovens jogadores e suas famílias em torno daquela avaliação técnica e os impactos gerados sobre as relações familiares. Necessariamente, torna-se relevante questionar: o que se constrói para além do futebol em uma escolinha de futebol? O espaço da escolinha parece permitir construir não somente jogadores de futebol, mas também famílias, trajetórias de pertencimento e reciprocidade como no caso analisado entre pai e filho. Conforme discutido no início do capítulo, uma escolinha de futebol não pode ser considerada o lugar onde se forma e se decide qual daqueles meninos tem condições de almejar uma carreira de atleta profissional. Ainda, para aqueles que têm tal empreendimento

como atividade profissional – no nosso caso, o treinador Rafael – seria muito pouco lucrativo investir apenas na formação de atletas profissionais.

O próprio treinador cita exemplos de como são remotas as possibilidades de ganhos futuros nesse nível de investimento. O acordo com o Clube Atlético Paranaense prevê um valor de 10% na primeira negociação de um jogador revelado na escolinha. No entanto, na maioria dos casos a possibilidade é bastante remota. Ele relata o caso de três jogadores que foram treinados na escolinha e atualmente têm contrato profissional assinado. Caso eles sejam dispensados após o final do contrato, ou entrem em litígio com o clube, a escolinha não receberá a compensação de 10% prevista no acordo.

A formação de jogadores de futebol pode ser considerada enquanto um dispositivo direcionado a atender um mercado de bens simbólicos pautado pela incorporação de disposições corporais e aceitação de um conjunto de regras e expectativas. Conforme desenvolvido por Leite Lopes (1994), o jornalismo esportivo foi produto e produtor de importantes transformações ocorridas no futebol e no seu processo de profissionalização. A autonomização do futebol enquanto profissão permitiu o investimento em tecnologia de treinamento e a regulamentação da profissão, definindo os critérios para a circulação desses atletas. O processo de formação de um jogador de futebol profissional requer um investimento precoce conforme demonstrou Damo (2007) em sua etnografia sobre formação de jogadores de futebol no Brasil e na França. Para demonstrar a dimensão desse investimento, o autor elenca gastos de aproximadamente 5000 horas nesse processo de formação.

Um fator importante é tomar a precocidade não somente enquanto um fenômeno decorrente das características da carreira de jogador de futebol (ROCHA et. al, 2011). A precocidade também pode ser vista enquanto estratégia dos formadores para obter ganhos

imediatos. Percebe-se que é colocado em jogo não somente o atleta e seu conjunto de habilidades, mas também a ideia de que olhando em projeção ele se tornará uma fonte de renda para o futuro.

Nesse sentido, é fundamental não tomar a necessidade de investimento em jovens jogadores como resultado da falta de recursos ou de tempo, mas sim como estratégia dentro de um mercado estruturado onde a categoria “promessa” assume um valor preponderante. Investir em um atleta promissor significa toma-lo como um valor. Trata-se de um mercado de futuros onde se compram e vendem-se possibilidades. Descobrir se ela vai se concretizar tem importância menor quando já estão envolvidos grandes valores financeiros.

Rafael afirma que já recebeu proposta de parceria para montar um clube e investir na formação de atletas de excelência. No entanto, ele afirma que formar jogadores implica em uma estrutura de grande investimento. Somente reunir jogadores habilidosos não é decisivo, pois são necessários outros fatores como alimentação, transporte, alojamento. Segundo o treinador: “formar um atleta vai muito mais além de dar um treinamento de uma hora e meia, duas vezes por semana. Afirmar que somente isso garante a formação de um atleta profissional é fazer propaganda enganosa para os pais”. Em sua opinião, é preciso muito dinheiro e muitos outros coadjuvantes recrutados precocemente para formar um atleta lucrativo.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que são comercializadas promessas, os portadores dessa insígnia – os aprendizes de jogadores de futebol e suas famílias – também investem não somente o próprio corpo e seus recursos familiares, mas também um conjunto de bens simbólicos cujo emprego de forma equivocada pode gerar prejuízos irreparáveis. O caminho trilhado pelo treinador consiste em transformar o seu empreendimento econômico, – escolinha

de futebol - dando outros sentidos que permitam uma forma de retorno para aqueles que estão iniciando em um ciclo no qual as chances de perder são maiores do que as oportunidades. Nesse sentido, o cuidado de Rafael parece ser exatamente buscar alternativas para dar conta da tensão vivida pelos pais e os jovens atletas em saber qual deles será considerado uma dessas promessas. A escolinha, portanto, acaba sendo um espaço que se propõe educativo e direcionado para o lazer e a integração familiar, mas também está permeado pelo ambiente de competitividade inerente à carreira de jogador de futebol.

Capítulo 3 - Esforço, destino e revelação: projetos familiares, memórias e trajetórias.

No capítulo 2 foi possível tomar contato com alguns aspectos do cotidiano de uma escolinha de futebol e principalmente perceber como aquele espaço permite a construção de um imaginário compartilhado pelos aprendizes e seus familiares sobre as oportunidades oferecidas pela carreira de jogador de futebol. Conforme observamos no clima de expectativa gerado pela avaliação técnica, a possibilidade de “ser descoberto” figurava como uma das ideias impulsionadoras para a construção dos projetos familiares em torno dessa profissão.

Segundo Guedes (1997), alternando entre o status de profissional e de amador, o mercado do futebol inclui desde astros internacionais até aqueles que vivem de contratos sazonais com clubes de pequeno porte. Parto da hipótese de que, para o futebol se constituir enquanto projeto familiar de ascensão social e econômica é necessário acionar um mecanismo que enfatize trajetórias de sucesso e minimize as de fracasso. Destaca-se nesse caso, o papel desempenhado pela imprensa esportiva como principal construtora de um modo específico de pensar esse fenômeno.

Leite Lopes (1994) demonstra que o crescimento da popularidade e do papel político ocupado pelo futebol no Brasil está diretamente relacionado ao surgimento do jornalismo esportivo enquanto gênero no início dos anos 1930. A análise do autor tem como base os escritos e a biografia de Mario Rodrigues Filho (1908-1966), cronista esportivo que teve atuação decisiva na passagem do amadorismo ao profissionalismo no futebol. No exercício da profissão de jornalista Mario Filho contribuiu na transformação de um esporte de elite em um esporte “nacional” e “popular”. Nesse sentido, na medida em que adentrava no profissionalismo, o futebol também ganhava cores que o definiam enquanto um meio para que

determinados segmentos (principalmente negros e pobres) pudessem ser reconhecidos como prestigiados e competentes alçando-se à condição de ídolos nacionais. Ainda, segundo Leite Lopes, a ação de Mario Filho ao “inventar o jornalismo esportivo” teve como fundamento articular os campos do esporte, jornalismo e política.

Tomando como ponto de partida a análise do autor, é possível formular a hipótese de que o trabalho desse cronista deixou como herança uma espécie de “otimismo” acerca da trajetória profissional dentro do futebol e em certa medida ainda inspira a imprensa esportiva atual. Como consequência, ao observar os diferentes veículos dedicados às notícias sobre as carreiras de jogadores de futebol constatamos um amplo investimento nas histórias de sucesso e, de modo inversamente proporcional, um desinteresse em demonstrar os riscos daqueles que não atingem os altos postos dessa carreira.

A reportagem: “Futebol amador vira alternativa para craques que deixaram os campos pela família”¹⁰ segue na contramão dessas constatações ao relatar histórias de ex-atletas profissionais do futebol que abandonaram a carreira na busca por melhores condições econômicas. Diferentemente das notícias de sucesso e grandes valores financeiros a reportagem descreve a trajetória de atletas amadores que, mesmo tendo circulado por equipes profissionais, desistiram da carreira de jogador de futebol em função da busca por recursos para o sustento de suas famílias. O relato dos atletas permite pensar que nem todos podem prosseguir apostando em uma profissão com tantas instabilidades como no exemplo de um ex-atleta profissional que, ao terminar seu primeiro contrato foi obrigado a recusar propostas para atuar em entidades esportivas de pequeno porte, pois as notícias de salários baixos e atrasados não passavam segurança para o mesmo, recém-casado, que optou por prestar

¹⁰ <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2012/07/19/futebol-amador-vira-alternativa-para-craques-que-deixaram-os-campos-pela-familia.htm> – Consultado em 16/01/2013

concursos públicos e apostar na carreira de professor de Educação Física. Trajetórias como esta poderiam ser tomadas como mais bem representativas dos caminhos possíveis para aqueles que investem na carreira de jogador de futebol.

No entanto, o exemplo acima é inusitado, pois o que ganha destaque na imprensa esportiva são histórias de pequenos aprendizes de jogadores de futebol que, por uma combinação de acontecimentos acabam sendo convidados para realizar testes em equipes famosas. Essas reportagens causam grande impacto nos frequentadores da escolinha, pois os mesmos consideravam-se potenciais candidatos a viver aquilo que definiam como um “sonho”. A mesma perspectiva também era compartilhada pelos familiares e confirmava-se, por exemplo, na recorrência de filmadoras, *tablets* e celulares acionados durante os treinamentos e principalmente nos jogos aos finais de semana para não perder a oportunidade de filmar um bom momento de seus prodígios. Em alguns casos, presenciei a troca de *pen drives* entre os pais para que eles pudessem selecionar jogadas nas quais seus respectivos filhos estivessem presentes.

A história de Artur Milani¹¹ é um bom exemplo para pensar esse tipo de investimento. O garoto foi convidado para treinar nas categorias de base do Barcelona após a divulgação de seus vídeos. Ao ser entrevistado por jornalistas, o pai do garoto afirma: “Ainda não mandaram mais informações, se vai haver ajuda de custo ou coisa assim, mas já começamos a pensar como será isso. Ele tem seis anos, não pode ir sozinho para lá. Eu não tenho como deixar o país neste momento. Provavelmente a mãe dele vai junto morar com ele.” A reportagem destaca a convicção do pai na construção de uma carreira de sucesso do seu filho que já realizou duas viagens à Espanha.

¹¹ www.globoesporte.com – Consultado em 16/06/2012

Em outra manchete¹² - “Jovem baiano é aprovado no Barça e já encara comparações com Messi” - encontramos a história de um garoto de onze anos de idade residente em Salvador – BA. Ao postar um vídeo na internet o garoto acabou chamando a atenção de vários clubes no Brasil e sua história repercutiu na Espanha sendo chamado para realizar vinte dias de teste em Barcelona. A família do garoto alega que está analisando a oferta antes de retornar para a Europa, pois ainda é necessário “um processo de adaptação”, mas pretende embarcar, assim que possível, para a Espanha.

Em ambas as reportagens o destaque é para a idade dos garotos e o modo como são recebidos nos locais onde residem. Mesmo se tratando de apenas um teste realizado por crianças que ainda precisam vencer inúmeras etapas antes de tornarem-se profissionais bem sucedidos nessa carreira, eles são alçados à condição de ídolos locais, mobilizando familiares, profissionais de várias áreas e segmentos do poder público.

Outros exemplos como os descritos acima poderiam ser listados sendo que o roteiro básico consiste em disponibilizar um vídeo na internet e esperar que algum agente ou qualquer outro profissional com influência no futebol se interesse pelo desempenho do jovem atleta e o convide para participar de um teste em algum clube europeu ou mesmo aqueles situados em grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro.

Neste capítulo tomarei como foco de análise a trajetória de Pedro Lucas, exatamente um desses “fenômenos” que rapidamente ganham destaque nas manchetes jornalísticas e alimentam a busca por uma oportunidade na carreira de jogador de futebol. Tal análise servirá

¹² <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2012/12/jovem-baiano-e-aprovado-no-barca-e-ja-encara-comparacoes-com-messi.html> - Consultado em 27/12/2012

como suporte para compreender as continuidades e em que medida tais trajetórias servem de inspiração para aqueles que pretendem entrar nessa profissão.

Os dados etnográficos são oriundos do meu contato com pai de Pedro Lucas, Francisco, residente na cidade de Baixo Guandu, interior do Espírito Santo. O caso ganhou visibilidade nacional após seus vídeos, postados no site *youtube*, serem vistos pelo ex-jogador Ademir da Guia que ficou impressionado e o recomendou para outro ex-jogador, Ronaldo Nazário, atualmente empresário no ramo de marketing esportivo. Ronaldo gostou do vídeo e pediu para que o pai levasse o aspirante a jogador de futebol até São Paulo. Pedro foi enviado para a Espanha onde fez testes durante uma semana no Real Madrid. A partir de então, Ronaldo tornou-se o “padrinho” de Pedro Lucas. Após essa divulgação o garoto passou a despertar o interesse de clubes brasileiros pelo seu futebol.

3.1 - Esforço, destino e revelação – O “projeto” Pedro Lucas.

Depois de manter contato com Francisco através do telefone e redes sociais consegui marcar uma visita à sua casa. No entanto, antes de me deslocar até sua cidade, o pai do garoto recomendou que eu entrasse em contato com o agente Carlos Eduardo no Rio de Janeiro explicando meus propósitos e definindo quais seriam as diretrizes e a repercussão do meu trabalho. O agente em questão é funcionário de uma empresa de marketing esportivo com destaque no mercado ao celebrar contratos com atletas de grande expressão. Como não seria surpresa, tive dificuldades em estabelecer contato telefônico com Carlos Eduardo. Depois de algumas tentativas consegui obter autorização para a entrevista, mas o destaque foi para a recomendação do agente: “Apenas quero que garanta que não vai sair nada na imprensa porque o Pedro ainda é uma criança e ele tem que jogar futebol por lazer e não se sentir como se fosse um profissional”. A partir dessa conversa comecei a me dar conta de que em torno do

projeto familiar para a carreira de Pedro Lucas havia um conjunto de profissionais envolvidos o que seria confirmado durante minha conversa com Francisco.

Realizei uma visita à família de Pedro Lucas entre os dias 06 e 07 de fevereiro de 2012 quando fui recebido em sua casa e realizei uma entrevista com o seu pai Francisco e um amigo da família. O foco será demonstrar como os familiares do garoto têm colocado em curso um projeto para o desenvolvimento da carreira de Pedro Lucas que passa pela observância dos mínimos detalhes e é orientada por profissionais do marketing esportivo. Um dos pontos centrais será a importância da trajetória do pai como determinante para a inserção do menino na carreira de jogador de futebol.

Na chegada ao aeroporto de Vitória (ES) imediatamente procurei informações sobre a localização da rodoviária onde poderia tomar um ônibus até a cidade de destino. No caminho, liguei para Francisco avisando da minha chegada. No início da ligação me preocupei, pois ele demonstrava estar bastante ocupado e poderia ter se esquecido do nosso compromisso, mas, quando terminei minha apresentação ele se mostrou prestativo e preparado para em suas palavras “realizarmos o trabalho”.

Baixo Guandu é uma cidade localizada no Noroeste do Espírito Santo e distante cerca de 170 quilômetros da capital Vitória. Na minha concepção tais quilômetros seriam vencidos com tranquilidade em poucas horas de uma viagem de ônibus. No entanto, inúmeros contratempos ocorreram durante o trajeto e em meio a sucessivos atrasos, consegui chegar à cidade somente no final da tarde.

Fui recebido na rodoviária por Francisco que me cumprimentou cordialmente e logo o primeiro assunto foi antropologia. Ele disse que após uma pesquisa na internet havia encontrado algumas definições daquilo que eu estudava e não conseguia entender muito bem qual seria o meu interesse em seu filho. No entanto, o que o deixava mais intrigado era saber o que me levava a sair de São Paulo, em que condições e com quais recursos. Entendi o tom da pergunta e de certa forma já estava preparado para esse tipo de questionamento. Expliquei sucintamente os propósitos da pesquisa e, já próximos à sua residência, ele me disse o seguinte: “Márcio, agora que já nos apresentamos você sabe que aqui no interior nós temos um jeito mais aberto de receber as pessoas e para que não percam tempo com hotel você dorme na minha casa”.

Antes que eu respondesse já estávamos na entrada da casa com uma fachada luxuosa e diversos sistemas de segurança. Comecei a perceber que não estava diante de um pai desesperado apostando todas as suas fichas na carreira de jogador de futebol do menino, mas sim uma família bem organizada economicamente e com um projeto de carreira para um menino que aos nove anos de idade tinha todas as garantias de uma celebridade.

Logo na entrada fui recebido por Pedro Lucas com um aceno. Mais à frente a mãe e o irmão do garoto estavam aguardando a minha chegada. Logo Francisco disse-me “agora você toma banho, jantamos e começamos a trabalhar”. Fiquei surpreso e curioso com as circunstâncias, afinal, o pai do menino demonstrava uma habilidade e preparação para lidar com todas as situações envolvendo a carreira de seu filho enquanto eu, “o pesquisador”, sofria os impactos da dificuldade em me organizar em meio a tantas adversidades. Pedro Lucas e sua família me aguardavam com a mesa posta, prontos para me receber e “começarmos o trabalho”.

O pai controla todas as ações envolvendo a vida de Pedro Lucas no futebol enquanto questões como escola, alimentação, horário de dormir ficam todos a cargo da mãe. Um dos maiores cuidados é para que Pedro não se comporte como um jogador de futebol profissional, na mesma linha recomendada pelo agente Carlos Eduardo, um dos coordenadores da carreira do garoto. Durante nossa conversa, Francisco me explicou que não precisava necessariamente da autorização de ninguém para resolver os assuntos relacionados a seu filho, mas sempre tomava o cuidado de consultar os profissionais para não “fazer nenhuma besteira”.

A conversa com Francisco contou com a presença de um amigo da família que, segundo ele, seria importante para que as informações ali passadas não assumissem um tom de autopromoção. Francisco, ao descrever sua ligação com o futebol relata que aos doze ou treze anos de idade foi destaque de algumas competições na mesma cidade onde reside e que em algum momento de sua vida pensou em tornar-se jogador de futebol profissional, porém, quando se deu conta, já não tinha mais idade para dedicar-se à carreira. Enquanto Francisco relata este período da adolescência, seu amigo intervém e diz que de certa forma o sucesso de Pedro Lucas era uma forma de superar aquela frustração vivida na adolescência. Logo percebi que o papel daquele senhor ali seria o de conferir certa legitimidade às declarações de Francisco e, além disso, ordenar os fatos para que eles parecessem mais coerentes. Ao contar a sua história até chegar ao sucesso de seu filho um dos cuidados de Francisco era o de demonstrar uma continuidade entre suas memórias e o projeto desenvolvido para a carreira do garoto.

A trajetória de Pedro Lucas no futebol passa pela iniciativa do pai. Como categoria nativa a ideia de “revelação” ocupa um papel importante na formação de jogadores de futebol. A ênfase do pai está em demonstrar que Pedro portava um “dom” que foi revelado quando ele tomou a iniciativa de levar o menino a uma escolinha localizada em um distrito a vinte e oito

quilômetros da cidade. O papel de impulsionador do filho fica mais evidente ainda quando ele relata que a escolinha, localizada inicialmente em um distrito da zona rural, foi trazida para a cidade por ele a partir de sua visão e iniciativa.

O resto deste primeiro ano do Pedro e quase o meio do outro os campeonatos todos foram disputados na “roça”. Estávamos saindo daqui com 40 meninos, pois são 3 categorias 10 e 11 anos, 12 e 13 e 14 e 15 com quarenta daqui e juntando com 10,12 de lá e toda vez que dava uma chuva era uma luta para chegar. Os meninos chegavam todos mortos e vomitavam em casa. Conversei com o prefeito, porque a gente precisava trazer esse negócio para cá e ele perguntou: O que você precisa? Preciso do campo, dá para trazer, é muito mais fácil trazer 12 de lá para cá do que 40 daqui para lá e o projeto veio para cá e aí foi acontecendo aquela avalanche de tudo positivamente, começaram a aparecer parceiros... (Entrevista – 06/02/2012)

A “revelação” do talento de Pedro não é relatada como a ação deliberada de um indivíduo. Ela aconteceria com certa naturalidade desde que os meios para tal evento fossem colocados à disposição. Portanto, enquanto o pai descreve seu trabalho de incentivador do filho ele procura colocar-se como um meio para a “revelação do talento” que já estava em Pedro Lucas.

Não se trata de colocar em questão a realização dos seus feitos que evidentemente se materializam no sucesso de seu filho, mas demonstrar como a história é ordenada:

A gente brincava, vai ser jogador, vai ser jogador, mas se esse infeliz (apontando para o amigo) não chega pra mim e me põe uma pilha para eu ir lá nesse distrito... Eu não estava com aquela ideia... Esse menino vai ser jogador então vamos pegar e levar ele lá entendeu? E ainda, eu fui meio que... Eu fui meio que na insistência, não por que... Um menino de seis não pode jogar com um menino de dez, não... Não tem lógica... Em um belo sábado sem nada para fazer, pensei, quer saber vou lá na roça, abrir a cabeça, sair um pouquinho...porque eu era meio... De não dar muita atenção, entendeu? E aí fui dar uma saída com o Pedro e foi lá onde começou... (Entrevista – 06/02/2012)

O componente do acaso é importante no relato para conferir maior legitimidade ao próprio projeto: nem sempre foi um projeto e o acaso aliado ao seu esforço e visão foram os ingredientes para que desse certo.

A partir de então, Francisco passa a relatar aquilo que diz ser seu maior mérito para que tudo chegasse aonde chegou. Quando viu pela primeira vez a escolinha e as condições em

que as crianças treinavam— “quase todas carentes” - teve a ideia de investir na escolinha. Buscou recursos para comprar algumas bolas e um uniforme novo. De certa forma, Francisco procura demonstrar que a escolinha, a partir do seu investimento, adquiriu uma importância para a cidade, pois não havia outras oportunidades para a prática do futebol. Um ponto importante é o fato de que não se tratava de um investimento individual em seu filho, mas algo extensivo para todos os meninos.

Teve um caso em que precisava fazer 3 uniformes. Falei com o dono da loja de material esportivo. Olha eu vou fazer com você 3 uniformes e eu queria um orçamento, vê um preço legal. Ele perguntou: ‘É para aquele negócio dos meninos? Ah ganharam não sei de quem né? Pode fazer a preço de custo, só por causa deles’. E aí nisso foi acontecendo a história do Pedro. Quando a gente faz o bem, parece que o bem volta. É como chutar uma bola na parede, ela bate e volta e o mal também. Cara tudo foi acontecendo com o Pedro, com 8 anos ele ser artilheiro com um trem absurdo, uma série de reportagens, foi um monte de coisa, ele fez 28 gols em 14 jogos, dois gols por partida. O time viajava pra longe ganhava de 1 a 0, gol do Pedro, tem um jogo não sei aonde gol aos 20 do segundo tempo, gol da classificação, gol do Pedro. Você está entendendo a relação de onde eu estou querendo chegar? Foi acontecendo tudo com o time e ao mesmo tempo tudo com o Pedro e isso foi contínuo cada vez mais. (Entrevista – 06/02/2012)

O projeto ganhou visibilidade e começaram a aparecer parcerias que legitimavam o trabalho de Francisco. Como no trecho transcrito acima, “tudo foi acontecendo com o Pedro na medida em que acontecia com o time”, portanto, para contar a história de como Pedro tornou-se um sucesso ele se associa a um empreendimento coletivo. Conforme seu amigo aponta, formou-se uma rede que apoiava o projeto, mas ele só deu certo pelo “esforço” de Francisco. A aposta no sucesso de Pedro, individualmente, foi colocada em curso quando essa rede formada em torno da escolinha começou a insistir para que Francisco filmasse os jogos do menino. Ele enfatiza sua relutância em fazê-lo até que cede e posta os vídeos no site *youtube* e inicia-se uma visibilidade nacional do garoto.

Francisco repete constantemente que é “abençoado”, pois como em suas próprias palavras, “do nada”, ele se deparava com algo que ele gosta – futebol - e seu filho sendo o craque do time. Em sua narrativa, “acaso”, “esforço” e “destino” estão aliados à ideia de um

“dom divino” que somente poderia ser revelado através de um trabalho coletivo. Os fatos narrados sob estas noções compõem a reconstrução de uma memória que permite colocar em curso um projeto.

O processo de circulação de Pedro Lucas para buscar a carreira de jogador de futebol já está definido. Há propostas de vários times famosos para o garoto e, segundo Francisco, será escolhido aquele que oferecer um atendimento especial. Em 2013 o menino se muda com a mãe para a equipe que oferecer melhor proposta. A partir de então, o pai vai gerenciar a carreira do menino de longe, pois, segundo ele “ainda não vale a pena largar o seu trabalho para um projeto que, apesar de bastante provável, ainda é incerto”.

A vida da família está sendo repensada para que Pedro Lucas se torne jogador de futebol. O pai enfatiza o projeto enquanto possibilidade e afirma que planejar não é “largar tudo”, mas sim ter uma boa avaliação da hora certa de tomar as decisões e principalmente para o fato de não dar certo.

3.2 - Trajetórias individuais e etnografia

Ao realizar discussões metodológicas sobre sua etnografia *Worker in the Cane* (1974) Sidnei Mintz sugere um conjunto de reflexões realizadas após o seu reencontro com Taso, informante central de sua etnografia sobre trabalhadores na indústria da cana em Porto Rico. De acordo com o autor:

Através da história pessoal de Taso podemos compreender, de forma inteiramente distinta, a experiência coletiva de um povo conquistado. O que ocorreu com Taso também ocorreu, em termos mais amplos com sua sociedade. Seu dom é revelar suas experiências como estão incorporadas à história da sua sociedade e também a incorporam. (MINTZ, 1984, p. 56)

O autor chama atenção para o fato de que a história de Taso não representa “o indivíduo médio de um bairro de *plantation*” assim como minha intenção ao trazer a história

de Pedro Lucas é demonstrar que ele não é um modelo explicativo dos meninos e suas famílias que investem na carreira de jogador de futebol, mas discutir como as peculiaridades de sua trajetória contribuem para compreender um processo mais amplo.

Mintz, ao realizar uma breve revisão de como a antropologia norte-americana abordou o estudo de trajetórias individuais e debater as críticas recebidas pelo seu trabalho, faz uma demonstração de como o exercício de fazer etnografia não está em oposição à utilização de trajetórias individuais como recurso metodológico.

O estudo através de histórias de vida é empregado de longa data nas ciências sociais. A etnografia desenvolvida por Mintz (1974) é um exemplo no interior da antropologia da possibilidade explicativa dessa metodologia que ganhou força entre as décadas de 1920 e 1940 com a escola de Chicago perdendo espaço até ser retomado na década de 1970. Um exemplo significativo das questões envolvidas nesse tipo de trabalho é o debate francês analisado por Guérios (2011) entre D. Bertaux e Pierre Bourdieu em torno das possibilidades e da eficácia para a abordagem através de trajetórias.

Enquanto Bertaux buscava defender a objetividade e cientificidade do seu método descrevendo um conjunto de procedimentos para alcançar resultados significativos, Bourdieu criticou veementemente essa abordagem atribuindo-a o rótulo de “ideias do senso comum que entraram de contrabando no universo acadêmico”. A questão para este último é que os chamados “estudos de histórias de vida” realizados por Bertaux deixavam de levar em consideração as condições concretas de existência nos quais estavam implicados. Ainda, a questão subjacente a esse debate e suas repercussões diz respeito principalmente às posições teóricas adotadas pelos respectivos autores. O que está em jogo são formas distintas de pensar a objetividade, ou seja, a confiabilidade e a validade dos dados obtidos. Dessa forma, visões

"explicativas" e "compreensivas" são colocadas em debate e, na maioria dos casos, em polos opostos.

Considero importante tomar como ponto de partida o debate epistemológico implicado no trabalho com trajetórias individuais para pensar o caso de Pedro Lucas. Conforme Fonseca (1999) nos alerta ao refletir sobre o fazer etnográfico, “a filosofia de cada caso é um caso” não é equivalente ao método etnográfico, pois este último implica na busca de um entendimento para além do caso individual e a compreensão precisa estar associada a explicações mais amplas. Embora não esteja trabalhando especificamente com *histórias de vida* no sentido estrito daquele debatido pelos autores citados acima, o desafio neste capítulo é o de demonstrar como uma trajetória individual permite discutir processos mais amplos ligados a redes que não se limitam à distinção local/global. O que procuro colocar em prática não é a história de vida particular, mas sim como essa trajetória individual está marcada por um projeto coletivo sem necessariamente subordinar-se a ele. Nesse sentido, a proposta é perceber como o investimento no nível das relações familiares também implica em inserir-se em um processo de grandes transações econômicas sem que isso seja tomado como oposto, mas interligado. Tais discussões também servirão como suporte para as análises desenvolvidas no capítulo seguinte.

Um dos cuidados principais nesse empreendimento, de acordo com Guérios (2011), é não tomar o contexto como um pano de fundo para explicar uma trajetória:

De fato, em vários estudos de trajetórias, esta ligação é traçada através de uma remissão abstrata do ator social ao meio em que ele se insere. O pressuposto subjacente a estes estudos, dificilmente explicitado como tal, é de que o pertencimento a um dado grupo implica inevitavelmente em inflexões unívocas nas trajetórias de todos os seus membros. Ocorrem aí duas ordens de problemas: por um lado, é em geral o analista quem arbitra quais eventos ou características dos ambientes sociais enfocados são relevantes para análise; em segundo lugar, pressupõe-se que todo o grupo foi submetido de modo homogêneo a estes eventos ou características especificados pelo analista. (GUÉRIOS, 2011, p. 6)

Tais aspectos podem ser mais bem percebidos quando constatamos como as mudanças de contexto, no caso da formação e circulação de jogadores de futebol, demonstradas no primeiro capítulo, não significam necessariamente modificações na trajetória particular de Pedro Lucas. Por exemplo, não são os impedimentos definidos pela legislação que decidem ou não a ida do garoto para a Espanha, mas sim, os arranjos necessários para que a circulação do jovem atleta seja adequada a um projeto familiar. Nesse sentido, é mais produtivo discutir em que medida tais projetos familiares se relacionam com essas mudanças, as aproveita ou passa ao largo das mesmas de acordo com as escolhas que são tomadas não se tratando de uma escolha racional simplesmente. As mudanças de contexto não são suficientes para explicar a trajetória particular, elas são antes, as condições sob as quais uma vida pode tomar uma forma característica (MINTZ, 1984). As mudanças mais amplas de contexto fazem sentido quando elas podem ser demonstradas empiricamente e não como algo presente do modo onisciente.

O estudo de uma trajetória individual nestes termos parece assim ser um lócus rico para complexificar nossa compreensão acerca da dinâmica de funcionamento de diferentes configurações sociais em diferentes níveis de análise. Entretanto, isto apenas pode ocorrer sob a condição de que a pesquisa se apoie em uma cuidadosa análise das redes de interdependência nas quais esta trajetória está ancorada, ao mesmo tempo em que se considera a inserção destas redes em um quadro mais geral. (GUÉRIOS, 2011, p.11)

A esta altura complexificar a análise implica olhar mais de perto o caso estudado e principalmente procurar dar conta de uma questão central para compreendê-lo. Em se tratando de formação e circulação de jogadores de futebol não é possível falar em trajetórias individuais sem levar em consideração os projetos familiares colocados em curso para que aquele indivíduo obtenha sucesso na carreira futebolística.

3.3 - Projetos familiares, memória e campo de possibilidades.

O ponto de partida para dar conta dessa linha de raciocínio foi encontrado nas formulações de Gilberto Velho (1994), sobretudo na influência exercida por A. Schutz (1979) e sua noção de projeto. Se “projetar”, segundo este último, implica em uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, é importante considerar ainda a noção de “campo de possibilidades” conforme a descreve Velho enquanto dimensão para pensar o contexto sócio histórico no qual aquele projeto está inserido.

Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (VELHO, 1994, p. 40).

É necessário associar o projeto com o contexto sócio histórico para construir o campo de possibilidades. No caso da trajetória de Pedro Lucas um aspecto deve ser ressaltado para pensar uma compreensão mais ampla presente na narrativa do pai: o acaso deve ser inserido como componente sócio histórico, ou seja, a noção de contexto precisa articular-se com o lugar da categoria “destino”.

Nesse esquema explicativo, a memória seria o que permite uma visão retrospectiva abrindo a possibilidade de uma projeção organizada de antecipações estabelecendo objetivos, fins e os meios para atingi-los. Isso implica em compreender memória e projeto de forma articulada e o que daria significado à vida e às ações dos indivíduos. Portanto, os conceitos de “memória” e “projeto” fazem sentido aqui, se tomados enquanto visões retrospectivas e prospectivas fundamentais para situar o indivíduo, suas motivações e seus significados.

Uma questão que se impõe ao meu trabalho é pensar o lugar da memória quando tratamos de um projeto elaborado para a construção da carreira de um menino de nove anos

de idade. Qual o lugar da memória nesse caso? Que tipo de memória está sendo articulada para a construção de visões retrospectivas e prospectivas para situar esse indivíduo? A hipótese trabalhada aqui é que tal memória está diretamente associada à trajetória dos familiares mais velhos e, mais especificamente no caso estudado, o lugar do pai como articulador dessa carreira.

Segundo Velho (1994), o projeto não seria somente um conjunto de prospecções e antecipações do futuro, mas ainda uma forma de classificar e ordenar a memória que tem por características a fragmentação. Isso implica em dar sentido à trajetória e estabelecer uma continuidade. Assim, o projeto existe na intersubjetividade o que implica em transformá-lo em ferramenta para a negociação da realidade, ou seja, meio de construir um modo de estar no mundo que permita comunicar-se com os outros, portanto, “o campo de possibilidades diz respeito às alternativas construídas no processo sócio histórico e o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura” (VELHO p. 27, 1994).

Ao longo da conversa com Francisco foi possível perceber como o que podemos chamar de campo de possibilidades se constrói, na medida em que, a trajetória se articula com a memória, reordenada em função do projeto. O imaginário em torno do futebol no Brasil – processo sócio-histórico - é o que permite colocar o investimento na carreira de jogador de futebol como um meio de comunicar um lugar em um campo de possibilidades. No entanto, essa relação não pode ser tomada como todo o processo, pois, como no caso de Pedro Lucas, o campo de possibilidades somente se realiza na construção das condições e aproveitamento de um determinado contexto que somente faz sentido se articulado com as categorias esforço e destino.

Um projeto familiar voltado para transformar um menino em jogador de futebol passa pela construção de um imaginário compartilhado coletivamente de que essa carreira implica em sucesso. No projeto analisado, a ênfase está na trajetória de um menino de nove anos, mas é vivido intensamente e com graus variados pelos membros de sua família.

Um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de interpretação devido a particularidades de status, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e de geração. (VELHO, p. 41, 1994).

Tive poucas oportunidades de conversas com a mãe, mas ao observar a rotina familiar pude perceber que ela permanece a maior parte do tempo com o filho e o seu papel parece ser o de permitir-lhe viver uma vida como a de qualquer outra criança da sua idade. No dia posterior à entrevista, por exemplo, enquanto Francisco me aguardava para prosseguirmos nossa conversa, a mãe já estava ausente, pois tinha saído para levar o filho à escola e cuidar dos preparativos para sua participação nos treinamentos no período da tarde. A diferença de gênero nesse caso é evidente, pois o pai, em suas próprias palavras, é aquele que cuida da vida pública e da carreira do menino.

Dessa forma, um projeto familiar depende de intensa negociação que passa por conflitos entre projetos individuais, por exemplo, o fato de o pai ter que prosseguir na cidade para “cuidar dos negócios”. A trajetória de Pedro Lucas, ganha coerência quando é conectada com o reordenamento das memórias do pai e negociada com os projetos individuais da mãe que será a responsável pelos cuidados com o filho quando ele deixar o interior do Espírito Santo para apostar na carreira de jogador de futebol.

Nesse sentido, considero que a trajetória de Pedro Lucas é também a dos seus familiares, não apenas daqueles que co-residem, mas ainda dos que vão se conectando ao

longo do desenvolvimento da sua carreira. Por conseguinte, na medida em que a família insere o menino em um meio onde serão formados jogadores de futebol ele está comunicando um lugar no campo de possibilidades, objetivos, sentimentos e aspirações para o mundo. O projeto, conseqüentemente, não é uma abstração racional, mas uma deliberação consciente a partir de circunstâncias e um campo de possibilidades na qual está inserido o atleta, seus familiares e a rede formada em torno de sua carreira.

Capítulo 4. Construindo trajetórias, articulando narrativas: sobre família, investimento econômico, mobilidade e superação.

Neste capítulo tomo como ponto de partida a discussão sobre projetos familiares, desenvolvida a partir da trajetória de Pedro Lucas, visando ampliar a observação e apresentar dados que dão conta de jovens atletas em outras etapas da formação e ainda, daqueles que não dispõem de uma estrutura com alto investimento. Enquanto no segundo capítulo foi possível tomar contato com a rotina da escolinha e aproximar-se do universo de expectativas relacionado àqueles aspirantes a jogadores de futebol, ainda permanecia o interesse em uma maior aproximação que tivesse como foco o ponto de vista dos familiares sobre esse processo. Por conseguinte, era imprescindível elaborar estratégias de abordagem que permitissem compreender como a trajetória daqueles jovens atletas estava articulada com as rotinas familiares e era negociada com as aspirações e os projetos individuais dos seus responsáveis.

Visando dar conta dessas questões, durante uma conversa com Rafael após o treino da manhã decidi realizar um conjunto de entrevistas com os familiares dos garotos. A tática inicial de aproximação através de um e-mail contendo uma carta de apresentação não havia gerado resultados satisfatórios. Rafael decidiu me passar uma lista com alguns nomes que, segundo ele, “seriam interessantes para enriquecer o meu trabalho”. A partir de então, passei a realizar diversos contatos telefônicos agendando entrevistas com os familiares dos jovens jogadores. A proposta era me dirigir até suas residências e conversar sobre a escolinha e o envolvimento dos garotos com o futebol.

A lista disponibilizada pelo treinador continha cento e vinte nomes com os respectivos números de telefone e a escolha precisava passar por critérios bem definidos para que não me dispersasse e não corresse o risco de gastar o tempo, já escasso, com o levantamento de dados

que não me levariam ao encontro das questões propostas ao longo do trabalho. Desse modo, a escolha dos entrevistados seguiu critérios de idade, engajamento das famílias no processo e avaliação do treinador quanto ao desempenho dos jovens atletas.

Durante o primeiro contato telefônico com os familiares o objetivo não consistia na realização de uma entrevista formal. A estratégia era a de propor uma visita, para apresentar e discutir o meu trabalho de pesquisa na escolinha e a partir de então, desenvolver um diálogo mais amplo sobre a situação dos jovens atletas em circulação no mercado do futebol. A conversa teria como temas centrais: família, investimento econômico, trajetória, projetos familiares e a possibilidade de circulação daquelas crianças e adolescentes por diferentes estados e países. A questão central era entender como aquelas famílias se relacionavam com a inserção daqueles garotos em um processo de circulação que poderia assumir grandes proporções e estava associado ao investimento em uma carreira cujo capital é de difícil reconversão (DAMO, 2007; RIAL, 2008 e SOUZA et al., 2008), e ainda, quais as implicações no âmbito doméstico para o próprio entendimento daquilo que eles significavam como o papel da família.

Portanto, ao longo deste capítulo apresento os resultados de algumas dessas entrevistas enfatizando a narrativa construída pelos familiares para descrever a trajetória desses jovens atletas. Para tanto, duas questões ganharão centralidade. Na primeira, problematizarei o valor atribuído à circulação e como os familiares consideram a possibilidade dessas crianças e adolescentes residirem distantes de suas famílias para consolidar sua formação enquanto jogadores de futebol. A proposta consistirá em compreender como é circular nesse contexto e quais as implicações para a vida familiar desses meninos. Nesse sentido, é fundamental assinalar que o processo de formação que regula a entrada de crianças e adolescentes na carreira de jogador de futebol tem como pressuposto a circulação enquanto um elemento que

agrega valor à trajetória dos praticantes (Rial, 2008). Quanto mais “rodado”, mais “experiente” e conseqüentemente melhor preparado para enfrentar os desafios do universo particular que compreende a carreira de jogador de futebol. Considerando tais características, procuro colocar tal fenômeno em relação com uma literatura antropológica mais ampla, associada à circulação de crianças em contextos distintos. O desafio será o de discutir em que medida tais projetos familiares podem ser pensados a partir dessa literatura.

Na segunda questão, tomarei como ponto de partida as discussões empreendidas por Zelizer (2009). A autora propõe problematizar a relação entre investimento econômico e relações afetivas. Tais reflexões permitirão um olhar mais aprofundado sobre o mercado do futebol e perceber que, embora o capital investido por essas famílias seja de difícil reconversão, o retorno desse investimento no âmbito doméstico possui garantias de outra ordem. Ao mesmo tempo em que essas famílias estão buscando transformar seus filhos em jogadores de futebol elas também estão buscando uma forma de constituir-se.

O trabalho de Miller (2002) também é inspirador para pensar essa questão. Ao equiparar a atividade de compras às várias etapas do ritual de sacrifício o autor oferece, a partir de uma densa etnografia, uma reflexão sobre como os relacionamentos afetivos podem ser reafirmados mediante a seleção de produtos comprados em supermercados por donas de casa no Norte de Londres. O que Miller quer demonstrar é como as relações sociais prestigiadas pelas compradoras influenciam o ato de comprar. Três categorias ganham centralidade para compreender o processo descrito pelo autor: o conceito de “presente”, que ajuda a definir os demais atos de compra. O ato de economizar e o discurso construído em torno do ato de comprar baseado nas generalizações produzidas pelos seus praticantes. Ao demonstrar como a compra de produtos está relacionada aos gostos familiares o autor conclui

que, mesmo diante de uma restrição econômica, a escolha não se limita a uma racionalidade econômica, mas também responde a uma lógica afetiva.

A análise de Miller se estende discutindo sobre o discurso desenvolvido pelas compradoras e o lugar central do ato de poupar. A aproximação entre compras cotidianas e ritos de devoção permite uma discussão mais ampla relacionada ao campo da antropologia do consumo. Para este trabalho, o destaque consiste no modo como o autor aborda a relação entre economia e afetividade, não as restringindo a polos antagônicos conforme sugere Zelizer. Na etnografia de Miller, o ato de amor e o ato de compra estão diretamente relacionados e em certa medida são complementares.

Partindo dessas considerações, abordar a formação e circulação de jogadores de futebol implica em compreender um conjunto de valores que circulam nas relações familiares estabelecidas nesse contexto e conseqüentemente, considerar que elas não são triviais, mas sim têm amplas conseqüências macroeconômicas. Ainda, segundo Zelizer, nenhuma relação de mercado existe sem a infraestrutura das instituições ou sem a presença de compreensões compartilhadas. As pessoas estão constantemente criando circuitos distintos de transações econômicas, meios de pagamento, relações sociais. Elas conectam esses circuitos por meio de símbolos, práticas e ideologias. Na medida em que constroem esses circuitos, também criam distinções morais e de poder.

Desse modo, considerando que a dualidade é prejudicial para o entendimento mais amplo dos fenômenos, trabalho com a hipótese de que o investimento em um filho para torná-lo jogador de futebol teria como conseqüências consolidar os laços familiares na medida em que se mantém um ciclo de contraprestações onde a família investe dinheiro que poderá ser retribuído pelo afeto, “quero que meu filho tenha orgulho de ter tentado”. Zelizer fala de

investimentos afetivos que sugerem benefícios econômicos enquanto encontro no meu campo, tal como Miller, investimentos econômicos com vistas a obter benefícios afetivos. Isso significa analisar que, ao estabelecer um ciclo de reciprocidade constroem-se redes que não se restringem ao núcleo conjugal.

4.1 - Construindo trajetórias e suas narrativas

As categorias nativas “sonho”, “acaso”, “esforço” e “revelação” são fundamentais para pensar o modo como as narrativas dos familiares sobre os jovens atletas são construídas. A seguir serão apresentadas cinco trajetórias obtidas ao longo das visitas que realizei às famílias. A escolha levou em consideração dois fatores principais: o engajamento das famílias e as etapas distintas que cada jovem atleta ocupa nesse processo. Dessa forma, privilegiei aquelas que tivessem pontos em comum entre si, no entanto, apresentassem peculiaridades que permitissem uma visão mais ampla do fenômeno vivenciado pelas mesmas.

Inicialmente, descreverei a trajetória de Matheus que aos catorze anos vive uma situação de idas e vindas entre Brasília e São Paulo, denominada pelos treinadores de “monitoramento”. Nesse caso, o destaque será perceber como seus familiares procuram vivenciar o projeto de forma unificada embora a iminência do garoto em deixar a residência da família torne mais latente os dilemas entre a negociação dos projetos individuais em função de um projeto coletivo. As implicações dessa situação de mobilidade ficarão mais bem expressas na trajetória de Thiago que entre os catorze e os dezesseis anos de idade mora distante dos pais. Tal como Thiago, Osmar Júnior, convive com a expectativa de assinar o seu primeiro contrato profissional. Os dois casos serão interessantes para pensar como investimento econômico e relações afetivas estão diretamente relacionados e quais implicações para a dinâmica das famílias envolvidas.

A quarta trajetória a ser analisada é a de Vinícius que permitirá um contraste com as de Osmar Júnior e Thiago principalmente pela escassez de recursos econômicos enfrentada pela mãe e suas consequências para a manutenção do projeto familiar. Finalizo com a trajetória de Carlos e a posição diferenciada que sua mãe Daniele ocupa como opositora do projeto para que seu filho torne-se jogador de futebol. Esse último caso permitirá um contraponto interessante com as demais trajetórias ampliando assim a possibilidade de discussão desses casos.

4.1.1 - A trajetória de Matheus: “não basta ter talento, é preciso também ser esforçado”

O projeto familiar de transformação de um dos seus membros em jogador profissional é posto em ação desde a tenra idade da criança conforme demonstrou Damo (2007). Tal característica parece ganhar ressonância enquanto elemento que agrega valor à narrativa dos familiares ao descrever a trajetória dos seus filhos.

A conversa agendada com Livaldo e Neta em sua residência para falarmos sobre o seu filho Matheus de catorze anos teve como ponto de partida exatamente o relacionamento precoce do garoto com esse esporte. Ao procurar descrever como começou o envolvimento do seu filho com o futebol o casal inicia descrevendo o que seria um “caso de amor à primeira vista” com a bola. A mãe relata que ao adentrarem em uma loja, Matheus, aos dois anos de idade, se deparou com uma bola de futebol na vitrine e passou a pedir insistentemente para que o pai a comprasse. Ela enfatiza que naquela ocasião, a compra do referido objeto significava um grande esforço financeiro levando o casal a recusar inicialmente a compra. No entanto, a persistência do garoto, “segurando as pernas do pai” e chorando insistentemente acabou fazendo-os mudar de ideia. A partir de então, nas palavras da mãe “Matheus nunca

mais se desgrudou da bola” levando-a a pensar que daquele jeito seu filho iria acabar tornando-se um jogador de futebol.

O garoto seguiu sua parceria inseparável com a bola chutando-a diariamente contra a parede até que um amigo sugeriu que o casal levasse o garoto para uma escolinha de futebol. A “suspeita” da mãe de que seu filho iria “acabar se tornando jogador de futebol” acabou ganhando força quando ele foi convidado para jogar em uma associação ligada à polícia militar por um sargento, amigo da família. Logo no início da narrativa do casal chama atenção dois elementos que marcarão constantemente a descrição. O “acaso”, materializado na figura do amigo que orienta o casal a colocar o filho em uma escolinha de futebol e o “esforço” do pai em comprar a bola para o filho mesmo representando um sacrifício financeiro naquele momento.

O pai prossegue enfatizando como a relação de Matheus com a bola tornava-se mais intensa, na medida em que ele ganhava mais “intimidade” com a mesma, até que o treinador levou o menino para disputar um torneio em uma das unidades administrativas do Distrito Federal. A vitória e o desempenho de Matheus em campo levaram os responsáveis pela equipe adversária a convidá-lo para disputar um campeonato promovido por um colégio. A mãe relata com orgulho como seu filho foi destaque novamente deixando todos os presentes curiosos para saber quem era aquele garoto e sua família. Segundo Lervaldo, foi a partir desse dia que eles começaram a enxergar concretamente a possibilidade de Matheus tornar-se um jogador de futebol. Conforme será possível perceber nas trajetórias analisadas posteriormente, começava ali um dos momentos decisivos para que tais projetos familiares se configurem, “a revelação”, ou como o próprio pai de Matheus analisa, “a importância de estar no lugar certo e na hora certa” para que o talento do jovem atleta fosse “descoberto”. O

desempenho e o sucesso de Matheus continuaram chamando a atenção dos treinadores levando-o a ser convidado para treinar na escolinha do São Paulo Futebol Clube.

Aos dez anos de idade Matheus fez o seu primeiro teste, nesse mesmo clube, na cidade de São Paulo. Ao ser aprovado passou a integrar uma espécie de “monitoramento” que pode ser lido também como um modo de vincular esses jovens atletas sem entrar em conflito com a legislação. Uma vez confirmados enquanto “promessas” os garotos passam a fazer viagens periódicas para a cidade de São Paulo onde realizam uma semana de treinamentos e retornam para suas cidades de origem. O “monitoramento” ocorre até os catorze anos e idade quando, de acordo com a legislação, é permitido receber esses meninos em alojamentos fornecidos pelo clube.

No dia em que visitei a sua casa Matheus estava ausente em uma das viagens de testes. O casal acredita que esta seja uma das últimas, pois ele está prestes a chegar aos catorze anos e vive a expectativa de ser convidado para morar definitivamente em São Paulo e dedicar-se integralmente aos treinamentos. Segundo o pai, o garoto ainda não possui nenhum vínculo formal com o clube. Ele permanece durante uma semana no centro de treinamentos da capital paulista retornando com uma periodicidade que varia com intervalos de três a quatro meses.

Lerivaldo relata que acompanhou o menino em uma das suas viagens e a entrada para o ambiente do alojamento é bastante restrita. Além de uma equipe de segurança controlando a entrada e saída dos meninos, ainda há uma pessoa responsável pela organização do local, descrita pelos garotos como muito rígida e que tem como função regular o comportamento dos meninos. O pai considera a estrutura do local satisfatória e sente-se tranquilo quando seu filho viaja, pois os jovens atletas passam por um acompanhamento de nutricionistas, psicólogos e quando é o caso, transporte para a escola.

Um dos aspectos que Livaldo destaca em sua descrição é que a permanência dos familiares na arquibancada durante os treinamentos é proibida. O argumento é que tal presença gera uma pressão emocional excessiva sobre os garotos e em muitos casos, compromete o trabalho dos treinadores. Ao mesmo tempo, restringir a circulação nesses locais também significa proteger-se do assédio intenso de especuladores interessados em convencer jovens promessas a trocar de clube antes dos dezesseis anos de idade quando não é possível estabelecer qualquer vínculo entre atletas e entidades esportivas.

Para a mãe de Matheus, somente ser considerado uma jovem promessa não é suficiente, pois é preciso também ser “esforçado”. Nesse caso, Matheus seria para ela o maior exemplo de dedicação. A rotina do garoto é intensa com atividades em dois períodos praticamente todos os dias. Ao ser contemplado com uma bolsa de estudos pelo seu desempenho no futebol Matheus precisa realizar treinamentos duas vezes por semana. Nesses dias, permanece na aula durante a manhã e após o almoço, servido na própria escola, ainda tem como obrigação desenvolver atividades esportivas no período da tarde. De acordo com a mãe, o menino é determinado e acorda de segunda a sexta às 05h00min retornando para casa somente às 18h00min sem fazer qualquer reclamação. Além dos treinamentos durante as terças e quintas-feiras no colégio ainda participa dos treinamentos na escolinha de Rafael nas segundas e quartas-feiras.

A confiança do pai no sucesso de seu filho esbarra nas dificuldades para manter o projeto em andamento. As viagens periódicas para São Paulo são custeadas pela família. Rafael faz a intermediação da comunicação com o clube paulista e assim que a semana de treinamentos é agendada o casal precisa comprar as passagens e providenciar os preparativos para o deslocamento do menino. Livaldo prossegue afirmando que o “esforço” vale a pena apesar das dificuldades enfrentadas, por exemplo, de ter que organizar a rotina diária em

função das atividades de Matheus, pois, com as dificuldades de deslocamento via transporte público em Brasília, o pai é obrigado a conduzir o menino de carro para que ele possa cumprir com os horários das suas atividades.

Embora demonstrem sintonia ao articular suas aspirações individuais com o projeto familiar para a carreira do garoto a mãe é mais reticente quanto à possibilidade de afastamento do seu filho. Segundo ela, o que permite uma maior tranquilidade é o fato de haver uma mobilização familiar mais ampla para o projeto, por exemplo, ao acionar o auxílio de uma irmã que reside na capital paulista e fica à disposição para comunicá-la sobre qualquer evento relacionado ao seu filho na cidade.

Quando o assunto é a possibilidade de Matheus ir jogar fora do Brasil a mãe silencia-se pensativa enquanto o pai responde confiante:

Eu estou preparado, porque é o sonho dele, ele falou assim... Pai, eu vou jogar lá no Barcelona ainda... Eu acredito em você, você ainda vai jogar no Barcelona e eu vou estar lá também, eu quero conhecer, eu nunca saí do Brasil, então eu quero conhecer, o sonho dele é ir para fora mesmo. Eu já estou preparado, já começo a estudar outra língua. Eu confio no Mateus, ele é determinado, se ele fala pai eu quero isso, ele corre atrás... Quando a pessoa tem um sonho, se ela for determinada, se ela não desistir, ela consegue... (Entrevista, 17/07/2012)

“Fazemos de tudo para que ele corra atrás do seu sonho” é uma afirmação recorrente ao longo da conversa. A categoria “sonho” é fundamental para compreender como o casal enfrenta as idas e vindas de Matheus. O “sonho” segundo a mãe é algo no qual os pais não devem se intrometer podendo apenas contribuir para que seja realizado. Nesse contexto, colocar o filho em circulação implica também em dispor de recursos financeiros para mantê-lo em um processo que oferece poucas possibilidades de resultados em curto prazo. Dessa forma, distanciar-se da família surge como um componente necessário da demonstração do “esforço” em função de um projeto mais amplo.

4.1.2 - A trajetória de Thiago: “porque os pais podem apenas contribuir para que o sonho seja realizado”

Ao longo da trajetória de Matheus um dos destaques é o modo como o casal trabalha com a hipótese de seu filho residir distante da família e a centralidade da categoria “esforço” como imperativo para justificar o investimento no sonho do filho em tornar-se jogador de futebol. Enquanto nesse primeiro caso tomamos contato com as angústias do casal na iminência de ver seu filho transferir-se para a cidade de São Paulo, na sequência nos debruçaremos sobre o caso de Thiago que atualmente com dezesseis anos de idade reside em Goiânia, distante da família a dois anos para treinar no Goiás Futebol Clube.

O contato com Márcio e Adriana foi recomendado por Rafael como um caso interessante para pensar como uma família estava se reorganizando constantemente diante do projeto desenvolvido para que Thiago permanecesse treinando em Goiânia. Desde os primeiros contatos telefônicos Márcio foi bastante receptivo e marcamos uma conversa na residência da família em um apartamento confortável na Asa Norte do Plano Piloto em Brasília. Embora tivesse preparado um roteiro com os elementos principais que precisava tratar durante a conversa, antes que eu fizesse qualquer pergunta Márcio logo começou a tratar do momento decisivo que a família estava vivendo que era a possibilidade da assinatura do primeiro contrato profissional de Thiago.

Segundo Márcio, o fato de seu filho possuir cidadania europeia faz com que eles fiquem apreensivos porque, uma vez assinado o primeiro contrato, Matheus terá dificuldades caso receba proposta para jogar em outro país. Apesar da preocupação, Márcio mostra-se entusiasmado com essa nova etapa e das possibilidades que podem se abrir na vida do seu filho. No entanto, a mãe, Adriana, ao dar sua opinião sobre a assinatura do contrato enfatiza

as dificuldades de ter o filho vivendo distante de casa. Enquanto a fala do pai enfatiza as possibilidades positivas em termos de carreira a mãe chama atenção para os riscos aos quais um adolescente é exposto ao viver distante de casa.

Mesmo sendo constantemente amenizado, o impasse sobre qual seria o melhor projeto para Thiago torna-se explícito quando Adriana afirma que, em sua opinião, ela gostaria mesmo é que seu filho permanecesse em Brasília, estudando da mesma forma que o irmão mais velho, aluno de graduação na Universidade de Brasília (UnB). No entanto, apesar de opiniões divergentes, aquilo que leva o casal a se aproximar e manter o projeto em andamento pode ser mais bem exemplificado na fala da mãe. Após declarar que gostaria que seu filho tivesse uma vida “normal” ela faz uma ressalva sobre a escolha do jovem atleta em seguir a carreira de jogador de futebol:

Só que é assim, um sonho que a pessoa tem, a gente não pode ser um estorvo daquele ideal de vida, para mim o meu ideal é esse, mas para ele é outro, se ele tem esse sonho, não quero que ele fale, não venci por causa da minha mãe, eu não consegui por causa da minha mãe... (Entrevista, 13/07/2012)

Conforme já ressaltai na trajetória de Matheus, o “sonho” citado pela mãe é construído desde muito cedo na vida desse garoto e o seu envolvimento com o futebol é narrado a partir de um conteúdo que precisa articular os elementos de acaso, destino e revelação. Um dos pontos centrais é o início no futebol, narrado pela ligação direta entre acaso e destino.

O casal afirma que a intenção de colocar seu filho para treinar em uma escolinha de futebol não tinha uma relação direta com o desejo de vê-lo praticando esse esporte profissionalmente. O incentivo era o da prática de esportes como elemento educativo, tanto que concomitantemente o garoto também praticava judô e natação. Segundo a mãe, Thiago foi se destacando no futebol, em suas próprias palavras, “foi uma coisa automática”, porque logo seu filho com seis anos de idade foi chamado para disputar um campeonato de futebol

patrocinado por uma churrascaria cuja recompensa foi um almoço nesse mesmo estabelecimento. Mesmo tendo um bom desempenho nas outras modalidades esportivas, Thiago foi levado pelos pais a escolher um dos esportes para praticar mais intensamente, pois a rotina familiar não comportava um número excessivo de competições. Aos oito anos de idade, segundo o casal, o garoto decidiu dedicar-se ao futebol.

Para Adriana não é surpreendente o fato de seu filho gostar de praticar esse esporte. Desde muito novo ela relata que o garoto sempre foi muito prestigiado por todos os locais onde jogou, mesmo quando a mãe proibia o jovem atleta de participar dos jogos pelo mau desempenho na escola, ela recebia sucessivas ligações dos treinadores pedindo para liberar o garoto para as partidas. O prestígio do filho perante os colegas sempre teve o acompanhamento direto dos pais que chegaram a adiar uma viagem de férias por solicitação dos treinadores que insistentemente afirmavam que não tinham condições de disputar os campeonatos sem a presença de Thiago. Esse conjunto de acontecimentos teve como resultado o teste para o Goiás e a consequente aprovação do garoto. Segundo a mãe, a experiência tem sido produtiva porque lá foi possível perceber como a disputa é muito grande e mesmo com seu filho sendo prestigiado há muitos garotos de destaque disputando o mesmo espaço.

A primeira vez que Thiago ficou longe da família para jogar futebol foi aos onze anos de idade quando passou uma semana no São Paulo Futebol Clube fazendo testes. A expectativa era muito grande e mesmo sendo indicado por um avaliador em Brasília o garoto não conseguiu ser aprovado. Nesse momento da narrativa a ideia de esforço aparece como impulsionadora para que Thiago insistisse e seguisse treinando na escolinha. Durante um jogo amistoso entre a escolinha de futebol que ele treinava e o Goiás o técnico o convidou para treinar naquele clube. De acordo com o pai, foi um momento de muita alegria principalmente

porque a proximidade entre Brasília e Goiânia permitiria um contato mais estreito com o filho.

Segundo o casal, logo no início passaram por muitas dificuldades. No entanto, a nova situação vivida pela família começou a desenhar-se de modo mais concreto quando eles firmaram parceria com outra família para alugar um apartamento nas proximidades de onde os jovens atletas iriam realizar os treinamentos. O aluguel de um apartamento mobiliado resolvia os problemas mais imediatos, mas, segundo Márcio, a questão maior ainda permanecia. Como ficaria a família diante do seu filho mais novo residindo distante aos catorze anos?

Márcio relata que vários arranjos foram necessários. No início do primeiro ano aproveitava os seus dias de folga como policial civil para dar uma maior assistência aos meninos. Nos dias em que Márcio trabalhava, Osmar, pai de Osmar Junior cuja trajetória analisarei na sequência, se encarregava de estar presente em Goiânia. Aos finais de semana os garotos retornavam para a casa dos seus familiares em Brasília. Segundo Márcio, o processo foi realizado aos poucos, pois além de aguentar a pesada carga de treinamentos eles ainda precisavam dar conta de “aprender a viver sozinhos”. A condição financeira das famílias permitiu aos garotos viver em uma situação mais confortável, diferentemente de muitos dos colegas que eram obrigados a dividir uma casa com vários garotos de diferentes idades gerando sucessivos problemas que em muitos casos acabavam inviabilizando a permanência dos mesmos na cidade. Segundo a mãe, há casos de garotos que ficam longe de suas famílias, retornando para suas cidades duas ou três vezes no ano.

O casal faz questão de reiterar que, por conta dessas questões, procurou ficar o mais próximo possível. O pai afirma que toda quinta-feira, viaja para Goiânia no período da tarde somente para assistir os jogos de seu filho retornando à noite para trabalhar na manhã

seguinte. Como o trabalho da mãe não permite essa flexibilidade, durante a semana o pai fica encarregado de passar todas as informações sobre os amigos da escola, do futebol, namorada e outras relações estabelecidas pelo garoto. Esse procedimento, segundo ele, é fundamental para que as pessoas saibam que seu filho não está sozinho a mercê de empresários, ou qualquer tipo de proposta.

Ao final da conversa, enquanto me passava o contato de Osmar, Márcio, sem que sua esposa ouvisse, me avisa que qualquer questão sobre Thiago pode ser tratada diretamente com ele, pois Adriana tem uma opinião um pouco divergente e ele acabou assumindo as responsabilidades mais diretas. É possível perceber como o projeto familiar para a carreira de Thiago é vivido de forma distinta pelo casal e acaba sendo renegociado constantemente em função de um investimento maior que seria permitir que o “sonho” de Thiago seja realizado. Segundo Márcio, é preciso muito planejamento porque o investimento é alto. Embora não tenha havido espaço durante a conversa para tratarmos da dimensão dos gastos empreendidos pelo casal, a conversa com Osmar, cujo filho divide apartamento com Thiago, nos permitirá ter uma visão mais ampla dos custos para a manutenção desses jovens atletas na cidade de Goiânia.

4.1.3 - Osmar Júnior – Organização e planejamento: “Ele tinha um sonho e nós embarcamos no sonho dele”

Vai ser jogador? Eu não sei, chegou a fase da transição, se ele falar para mim, eu quero desistir, quero ficar em casa... Então vamos, eu estou com ele, é o sonho dele, porque a realidade está bem pertinho, mas temos passos importantes para chegar na realidade. (Entrevista, 20/07/2012)

Quando a questão é planejamento o caso de Osmar e seu filho pode ser considerado o melhor exemplo encontrado ao longo das minhas entrevistas. Fui recebido por Osmar em seu escritório em Taguatinga, região administrativa do Distrito Federal. A pontualidade e a

preparação do pai para realizar a entrevista chamaram bastante a atenção. Após apenas uma conversa telefônica ele parecia ter entendido amplamente os meus propósitos e preparado um roteiro bastante coerente com as minhas questões de pesquisa.

O pai inicia a narrativa sobre seu filho falando sobre a inclinação do garoto para os esportes desde muito jovem. Aos três anos de idade Osmar Júnior teve como seu primeiro esporte a natação, participando de competições no colégio até que por volta dos cinco anos de idade, “por influência dos coleguinhas”, conforme afirma o pai, pediu para ser matriculado em uma escolinha de futebol. O garoto participou dos treinamentos durante seis meses e a princípio perdeu o interesse pelo futebol, retornando somente após um semestre de intervalo. Passou a se destacar nessa nova escolinha tornando-se “o atleta revelação”, aos sete anos de idade. De acordo com Osmar, esse momento foi decisivo para que seu filho aumentasse o interesse pelo futebol e “começasse a sonhar” e o projeto começou a ganhar consistência.

Osmar Júnior foi matriculado, então, na franquia denominada CFZ que possuía grande prestígio no Distrito Federal. O garoto seguia com um bom desempenho nesse clube até que problemas com a modalidade de alojamento dos jovens atletas levaram à intervenção do ministério público resultando no encerramento das atividades do clube naquele período.

O garoto passou a treinar em uma nova franquia e foi indicado para participar de testes no São Paulo Futebol Clube. Próximo à data do teste, lesionou o tornozelo e acabou tendo sua primeira oportunidade adiada. O pai narra esse episódio ocorrido aos doze anos de idade com muito pesar. No entanto, ao mesmo tempo ressalta a perseverança do filho que encontrou, no site do Goiás Futebol Clube, a chance de retomar seu projeto. O pai não hesitou, fez as reservas no hotel e passou uma semana no centro de treinamentos daquele clube. Osmar relata com orgulho que, após esse período de avaliação, dos oitenta e cinco garotos que estavam em

campo somente seu filho foi aprovado. Embora fosse um momento de alegria por uma nova etapa do projeto, um dilema se instaurou na família. O clube não dispunha de um alojamento adequado e para que o garoto prosseguisse com o seu “sonho” seria preciso grandes modificações na estrutura e na rotina familiar.

Como naquela ocasião não era possível fazer uma transferência de colégio, o pai decidiu, durante o segundo semestre de 2009, levar o filho duas vezes por semana no período da tarde para realizar os treinamentos na cidade de Goiânia. O garoto saía da escola e o pai já estava esperando para se deslocar com o filho. Nas palavras do pai, “ele tinha um sonho e a gente embarcou no sonho dele”.

Da mesma forma que Márcio e Adriana relatam, o início foi bastante complicado, amenizando-se somente após a ideia de montar uma “parceria” para manter o projeto dos seus filhos. A parceria, segundo Osmar, compreende o aluguel de um apartamento mobiliado, condomínio, despesas de alimentação e transporte. O Goiás Futebol Clube oferecia somente uniforme, treinador e campo. Os custos se elevavam mais ainda quando era necessário algum atendimento médico mais sério, bastante recorrente por se tratar de um esporte de grande impacto.

Para Osmar, os custos para manter um atleta são altos e principalmente, não se limitam ao investimento financeiro. O desgaste emocional também é grande, pois, apesar de o deslocamento para Goiânia ser relativamente curto, no início era constante a necessidade da presença da família. De acordo com ele, com dinheiro é possível contratar uma pessoa para cuidar da alimentação, roupa e qualquer outra providência estrutural, mas o que realmente tem pesado são as questões emocionais.

Preocupado com o momento decisivo na carreira do filho, ele ressalta duas estratégias que o tranquilizam para manter-se firme no projeto. Osmar Júnior tem apresentado um bom desempenho na escola, estudando em bons colégios na cidade de Goiânia. Do ponto de vista do pai, isso significa que mesmo após uma tentativa frustrada na carreira de jogador de futebol o filho pode dedicar-se a cursar uma universidade e escolher outra profissão.

No entanto, a aposta principal de Osmar está na obtenção da cidadania italiana para seu filho. Conforme apresentado no capítulo inicial, tornar-se um atleta da comunidade europeia significa uma abertura para conseguir emprego em qualquer clube europeu e conseqüentemente não ficando vulnerável à escassez de postos de trabalho apresentada no mercado brasileiro.

Na hipótese de continuar, ele vai fazer esse teste lá fora, provavelmente, na hipótese dele dizer eu não quero, não é a minha praia, eu não quero mais jogar bola, apesar dele estar bem, eu não quero mais jogar bola, eu quero ir para a universidade, meu sonho é a medicina, é a engenharia... Então se ele chegar para mim e disser eu não quero mais, a gente para por aqui, se parar por aqui, a gente pode perguntar, você se arrependeu de ter feito? Nunca, jamais. Porque é melhor você errar por excesso de zelo do que errar por omissão, porque amanhã pode vir a cobrança, olha eu tinha as condições e você não me deu condições. Não, estou dando todas as condições, tudo que precisou estou dando, não me arrependo, faria tudo de novo porque não adianta a família querer, quem tem que querer é o atleta. (Entrevista, 20/07/2012)

Na ocasião da entrevista Osmar Junior estava prestes a resolver sua situação junto ao Goiás o que implicava em decidir se iria assinar um contrato de três anos. Para o pai, isso poderia significar um empecilho para que o garoto seja mandado para a Europa. A preocupação maior de Osmar é que uma vez assinado o contrato seu filho não poderá negociar com os clubes europeus.

Apesar de conduzir todas as etapas do projeto, Osmar afirma que o mesmo precisa ser constantemente negociado com os outros integrantes da família. Em suas palavras, “há pressão dos dois lados”. Por um lado, há aqueles que afirmam ser apenas um menino e que ele deveria se concentrar em fazer uma universidade por exemplo. Por outro, a opinião

predominante, compartilhada por Osmar e sua esposa, é a de que a essa altura do investimento torna-se mais razoável prosseguir nesse projeto por mais alguns anos. Caso o garoto não consiga concretizar a carreira como atleta o investimento em uma universidade poderá vir posteriormente. Nas palavras do pai, “o futebol não espera, a idade progride”.

Nesse sentido, o caso de Osmar Júnior oferece uma posição privilegiada para pensar a dimensão do investimento e principalmente dos gastos financeiros implicados nesses projetos. Demonstrando bastante segurança e organização com relação à carreira do filho, Osmar repete constantemente que tudo o que vem realizando é fruto de muito planejamento. Tal planejamento, evidentemente, é beneficiado por um padrão financeiro que lhe permite certa tranquilidade. Afirma gastar cerca de três mil reais por mês para a permanência de Osmar Júnior em Goiânia. Os gastos compreendem viagens para Brasília todo o final de semana, alimentação, hospedagem e colégio. A capacidade de planejamento do pai impressiona. Além de apresentar a contabilização dos gastos até o momento ainda demonstra cálculos cuja estimativa para os próximos anos gira em torno de setenta e seis mil reais.

A forma detalhista como o pai descreve os gastos aparentemente nos levaria a pensar que ele também apresentaria as probabilidades de retorno financeiro desse investimento. No entanto, no seu discurso demonstra exatamente o contrário. Além de se dar conta dos riscos do investimento enfatiza em diversos momentos da entrevista que o retorno esperado diz respeito ao âmbito familiar e emocional. Isso fica mais claro quando o mesmo conclui com frieza que as chances de sucesso profissional nesse tipo de investimento giram em torno de 90%. Após descrever um conjunto de opções pergunto: E se der errado você se arrepende do que fez? Ele afirma que não:

Por que amanhã pode vir a cobrança. Eu tinha condições de ser jogador e você não me deu as condições. Estou dando todas as condições... Está na mão do atleta. Antes

de embarcar no sonho dele eu fiz os cálculos para ver se a família poderia dispender dessa importância, se ela poderia arcar sem prejudicar os demais, o andamento da família como um todo, tudo foi planejado em longo prazo. Quando eu planejei foi para 4 ou 5 anos. Se não der certo a gente não está visando o retorno do dinheiro. A gente está visando o crescimento dele enquanto pessoa, o crescimento dele como atleta e o fato dele morar fora faz ganhar maturidade. (Entrevista, 20/07/2012)

Dessa forma, ao mesmo tempo em que, conforme suas próprias palavras, “os pais acabam embarcando no sonho dos seus filhos”, esse embarque está acompanhado de um planejamento alternativo que tem como foco a exigência da dedicação aos estudos a qual seu filho vem cumprindo até o momento. No projeto familiar, conduzido com mãos de ferro por Osmar, a ideia consiste em investir dinheiro com vistas a receber afeto e fortalecer os laços familiares. Tal proposta é defendida pelo pai como bem sucedida até o momento e estaria materializada nos resultados apresentados por seu filho.

4.1.4 - Marcos Vinícius – Projeto familiar x recursos econômicos

As trajetórias de Osmar Júnior e Thiago têm em comum o alto investimento financeiro das famílias para que as carreiras desses jovens atletas mantenham-se em andamento. O dinheiro investido em aluguel e deslocamento não é equivalente ao desgaste emocional, como é possível perceber nas declarações dos familiares. Principalmente, porque o objetivo é exatamente ter como recompensa o fortalecimento dos laços afetivos com seus filhos e, por conseguinte, consolidar um ideal de família. Abordando tais entrevistas sob esta perspectiva uma questão que permanecia era entender como tais aspectos seriam trabalhados quando estivéssemos diante da escassez de recursos financeiros: o desejo da manutenção dos laços afetivos permaneceria ganhando centralidade? Nesse caso, a entrevista com Antônia, mãe de Marcos Vinícius, foi bastante produtiva para pensar esses questionamentos.

Meu encontro com Antônia foi marcado em uma feira localizada em uma região administrativa do Distrito Federal. No meu planejamento inicial pretendia realizar as

entrevistas nas residências imaginando ser mais produtivo do ponto de vista da segurança dos entrevistados em emitir suas opiniões. No entanto, Antônia alegou não ter tempo para me receber em casa durante o dia, pois tinha que dedicar-se integralmente ao trabalho. Dessa forma, decidi ir ao encontro da mesma. Na chegada ao local ela me aguardava enquanto atendia seus clientes. Assim que me apresentei, Antônia convidou-me para sentar em uma das cadeiras disponíveis enquanto me explicava que ali seria tranquilo porque não estávamos em horário de muito movimento.

Enquanto eu retomava os propósitos da conversa, os quais já haviam sido adiantados pelo telefone, ela logo iniciou dizendo que em seu caso, era impossível não falar das dificuldades em trabalhar de terça a domingo e cuidar sozinha dos três filhos, além de dar conta dos custos oriundos da dedicação do mais velho, Vinícius, ao futebol. Despesas como chuteira, mensalidade da escolinha, viagens e deslocamento dentro do Distrito Federal têm onerado seu orçamento de forma considerável nos últimos anos.

Diferentemente de Osmar Júnior e Thiago, aos dezesseis anos, Vinícius ainda está à procura de uma oportunidade para desenvolver os treinamentos nas categorias de base de algum clube e essa situação tem deixado a mãe bastante apreensiva quanto aos desdobramentos da carreira de seu filho. Para ela, ter o seu filho envolvido com futebol torna a vida do mesmo melhor e essa é uma de suas preocupações ao investir nesse projeto. Embora o tom seja diferente, o tema central da narrativa permanece o mesmo e ela afirma que todo o seu esforço é por contribuir para que o “sonho” do seu filho mantenha-se em andamento:

Eu não penso no dinheiro, eu penso mais nele, que é a vida dele e é a vida que ele gosta, se vier o dinheiro e melhorar a vida da gente é bom, mas eu penso mais é nele realizar o sonho dele, fazer o que ele gosta, eu quero é isso né. Se o dinheiro vier e ajudar a gente a melhorar a vida é melhor ainda, mas pensar só em depender dele, depender do dinheiro dele, nunca pensei nisso. (Entrevista, 19/07/2012)

Treinando em escolinhas de futebol desde os cinco anos de idade, Vinícius sempre se destacou no futebol, segundo a mãe, e ela relata orgulhosa que “desde pequenininho chutava na barriga parecendo um jogador mesmo” e assim que o menino cresceu, ela não hesitou em comprar seu primeiro presente, a bola.

A mãe afirma que desde o início financia sozinha todas as etapas da trajetória do menino. O principal custo está relacionado às viagens consecutivas para participar de campeonatos onde ele tem a chance de ser “observado”. Vinícius já passou uma semana no Uruguai disputando uma competição, também ficou quinze dias em Araras e quinze dias em Ribeirão Preto no interior de São Paulo sem contar outras viagens mais curtas relatadas pela mãe.

Apesar de os treinadores sempre elogiarem o garoto, tanto que o próprio Rafael o indicou com um dos meus potenciais entrevistados, Vinícius ainda não conseguiu permanecer por um longo período fazendo testes em algum clube. A tentativa mais recente narrada pela mãe foi no Goiás Futebol Clube quando ela teve que buscar recursos para passar uma semana com seu filho hospedada em um hotel, porém o resultado não foi positivo. A possibilidade mais concreta de profissionalização até o momento é oferecida por uma entidade esportiva de pequeno porte do Distrito Federal, mas para a mãe, ouvindo a opinião de outros treinadores, ainda não é o momento de vincular o garoto a um time de pequena expressão. Antônia fala com orgulho da trajetória do filho apesar do garoto ainda não conseguir os resultados que espera. Ela afirma que coleciona tudo sobre o seu filho, inclusive os uniformes de treino das escolinhas pelas quais ele passou.

Perguntada sobre o modo como encarava a possibilidade de Vinícius ser aprovado em um teste e ter que ir morar longe de casa ela pondera. Cita o exemplo do Goiás e afirma que,

caso ele tivesse sido aprovado, significaria para ela uma mudança muito grande. Como não teria recursos suficientes para manter o menino morando sozinho em Goiânia precisaria procurar um trabalho na cidade e morar com seu filho, pois não teria condições de pagar dois aluguéis.

Mesmo com as dificuldades financeiras ela não mede esforços para manter vivo o “sonho” de seu filho. Anos atrás quando Vinícius queria participar de campeonatos e ela não dispunha de recursos, realizava rifas ou bingos entre os colegas para completar o valor necessário para o pagamento da viagem. As duas situações extremas que ela relata foi quando deixou de comprar algumas mercadorias da sua lanchonete para adquirir uma chuteira ou atrasou alguns meses de um plano de saúde para completar o valor do uniforme necessário para a participação em um campeonato. Em suas palavras:

Esforço e incentivo não faltam, mas tudo fica mais difícil sem o dinheiro. Eu penso assim, se ele tiver a oportunidade de ir para um time grande, de jogar fora, para ele ganhar dinheiro, me ajudar e mesmo para ele realizar o sonho dele... Se eu puder ir com ele é bem melhor, mas se eu não puder, deixo ele ir realizar o sonho dele, o sonho dele é ser jogador, ele falou que vai me dar uma boa vida quando começar a ganhar dinheiro... (Entrevista, 19/07/2012)

Para a mãe, um dos aspectos positivos é que a dedicação ao futebol permite ao seu filho ter acesso a outros aprendizados, como viagens, disciplina, conhecer pessoas diferentes. Com o menino chegando aos dezesseis anos cada vez mais ela vai percebendo as possibilidades de investimento diminuindo. No mês em que realizamos a entrevista ela lamentava-se, pois provavelmente não poderia dar o presente de aniversário de seu filho, uma viagem ao litoral paulista para realizar um teste no Santos Futebol Clube. Apesar das dificuldades, Antônia promete manter as esperanças até o final dos dezessete anos e cada vez mais tem alertado o garoto sobre a necessidade de dedicar-se aos estudos. Uma das últimas alternativas, segundo a mãe, é Vinícius aceitar a proposta do clube local e permanecer jogando próximo de casa e da família.

Dessa forma, o caso de Vinícius, quando comparado com aqueles estudados anteriormente, permite demonstrar um dos aspectos da formação de jogadores de futebol já apontados no primeiro capítulo. O nível de investimento nessa profissão ajuda a entender os motivos da permanência na mesma. Enquanto jovens de classe média podem lançar mão de projetos paralelos, como no caso de Osmar Júnior que ao mesmo tempo em que treina no Goiás estuda em um dos melhores colégios de Goiânia, aqueles oriundos da classe trabalhadora acabam submetendo-se aos postos de menor prestígio e conseqüentemente recebendo baixos salários em entidades esportivas de pequena expressão como a mãe de Vinícius aponta para o caso de não conseguir nada melhor o seu filho aceitar a proposta do clube local.

4.1.5 - A trajetória de Carlos ou quando não é um projeto

Embora com níveis de investimento distintos, as trajetórias analisadas até o momento trazem elementos em comum. Categorias como “acaso”, “revelação” e “esforço” são colocadas em lugares centrais na narrativa dos familiares. Ao mesmo tempo, apesar de compreenderem a importância em investir no sonho de seus filhos todos acreditam que também é necessário “sorte” diante de uma profissão tão difícil. Na sequência descreverei a trajetória de Carlos, exatamente uma combinação de “revelação” e “sorte”. No entanto, o destaque será o papel da mãe cujo objetivo é desconstruir esse “sonho” por considerar muito arriscado investir no fator “sorte”.

Daniele, mãe do jovem atleta Carlos de doze anos, em nosso primeiro contato telefônico, foi bastante enfática, “aceito lhe conceder uma entrevista, mas não sei se vai gostar do que eu tenho pra dizer por que penso um pouco diferente dos outros pais que levam seus filhos para a escolinha”. No momento em que obtive seu contato, Rafael já havia me

adiantado que o caso de Daniele e seu filho eram bastante interessantes porque a mãe já havia afirmado em vários momentos para o treinador que “achava um desperdício seu filho se dedicar ao futebol enquanto era um talento na escola”.

Esse conjunto de informações me deixou bastante interessado na conversa com Daniele. Se uma das minhas questões era compreender quais os elementos que impulsionavam o investimento daquelas famílias em uma profissão com oportunidades tão escassas, ter acesso a um exemplo que oferecesse um contraponto a um pensamento aparentemente homogêneo poderia trazer dados interessantes para pensar a ideia de projeto familiar articulada a um contexto mais amplo de circulação.

A entrevista com Daniele foi marcada no colégio onde Carlos estuda. Enquanto aguardava seu filho desenvolver algumas atividades educativas foi possível ter uma conversa bastante produtiva com a mãe que, antes de começar, repetiu o alerta feito ao telefone: “Meu pensamento é bem diferente da maioria dos pais que frequentam a escolinha”.

Essa diferença seria percebida ao longo de sua descrição sobre o envolvimento de Carlos com o futebol. Formada em Educação Física, Daniele relata que praticou voleibol e ginástica durante o período de estudos para custear a faculdade. No entanto, atualmente trabalha no setor imobiliário afirmando que esporte para ela sempre foi espaço de lazer e não verdadeiramente uma profissão. Para contar a trajetória de Carlos, primeiramente remete-se aos seus familiares e o modo como todos os integrantes estão envolvidas com diferentes esportes.

A presença marcante do esporte em sua vida, segundo ela, fez com que Carlos “infelizmente” fosse muito habilidoso e conseqüentemente, destaque na maioria dos esportes que pratica. A “paixão” do filho pelo futebol, de acordo com a mãe, seria resultado do que

ocorre com a maioria dos brasileiros atraídos pelo fascínio desenvolvido por esse esporte. Devido à profissão do marido, Daniele relata que a família está habituada a “circular por diferentes lugares” e no caso de seu filho isso contribuiu para que aos doze anos de idade ele já tivesse a experiência de jogar futebol em diferentes estados do Brasil.

Aos seis anos de idade, no Estado da Paraíba, Carlos foi participar de uma escolinha de futebol pela primeira vez e mesmo sem nenhuma experiência anterior com esse esporte chamou a atenção do treinador que solicitou à mãe que mantivesse seu filho como jogador de sua equipe. Nessa ocasião, Carlos foi atleta revelação e artilheiro de um campeonato estreitando sua relação com o futebol e todo o universo de prestígio construído em torno dos seus praticantes.

Após essa primeira experiência a família mudou-se para o Rio de Janeiro e esse período não foi muito produtivo, pois, segundo a mãe, os treinadores pressionavam demasiadamente os jovens jogadores e o filho acabou ficando um ano afastado dos treinamentos por ela discordar dos critérios adotados pelo treinador. Já em Roraima, Carlos retomou a prática de futebol, novamente destacando-se até que eles se mudam para Brasília e ele passa a fazer parte da escolinha de Rafael. No entanto, foi na cidade de Penápolis, interior de São Paulo, local de origem de Daniele e seus familiares que o universo do futebol entrou, “por acaso”, definitivamente na vida do seu filho.

Daniele relata que próximo à sua residência localizava-se um Centro de Treinamentos do Sport Clube Corinthians Paulista. Durante as férias de final de ano, Carlos foi convidado para completar o treinamento devido à falta de atletas na mesma idade. As habilidades do garoto acabaram levando-o a criar um vínculo com os frequentadores do Centro de Treinamento. Em função disso, Carlos foi convidado para participar de uma seletiva nacional

que ocorreria no mês de janeiro com o objetivo de montar uma equipe na categoria sub-13. O sucesso do garoto foi tão grande que ele acabou sendo convidado para representar o estado de São Paulo em um conjunto de trinta e seis jovens atletas com menos de doze anos de idade de diferentes estados brasileiros. Somente Carlos e mais cinco garotos foram escolhidos para integrarem a nova equipe do Corinthians. A partir de então, a família recebeu uma proposta para que o garoto fosse residir no Centro de Treinamentos.

Daniele toma então a primeira decisão que segundo ela, faz com que sua perspectiva seja distinta da dos outros pais e mães. A princípio ela recusou o convite alegando a impossibilidade de ter seu filho morando distante de casa. A insistência do treinador fez com que ela aceitasse enviar o filho a cada três meses para ser reavaliado, mas descartando qualquer possibilidade dele ir morar definitivamente com os outros jovens atletas. Segundo Daniele, os treinadores disseram que iriam arriscar durante um ano para verificar quais seriam os resultados, mas já adiantavam que havia grande possibilidade de Carlos ficar em defasagem com relação aos outros jogadores. A mãe concorda com os treinadores e realmente acha que seu filho não terá condições de acompanhar os outros meninos apesar de não considerar esse aspecto como negativo. Segundo ela, é inconcebível distanciar-se do filho em um momento decisivo de sua formação. Ela procura não impedir que Carlos pratique futebol e acompanha as atividades do filho além de enviá-lo, sempre que possível, para os treinamentos no Corinthians, mas como ela mesma diz: “não está funcionando porque eles fizeram uma imposição, que o Carlos ganhasse 6 kg e não ganhou nenhum grama, então vamos ver, eu não faço muito esforço porque eu acho que ele é muito novo...”.

Ao longo da narrativa da mãe, em alguns momentos, é perceptível a referência da mesma à legislação como justificativa para não incentivar um envolvimento mais profundo de Carlos com o futebol. No entanto, quando se refere à idade do garoto entende-se que o eixo

definidor está mais diretamente associado a um modo de pensar família e conseqüentemente o cuidado com o filho.

Eu já pensei que se ele realmente quiser eu vou ter que mudar a minha vida para acompanhá-lo, porque ainda assim não vai ser o foco no futebol, porque se eu mudar e tiver que ir de Brasília para São Paulo, uma coisa é ele pegar a mochilinha e ir morar no CT, aí ele virou um jogador de futebol. Agora, se eu pegar as minhas coisas, minha família e me mudar continua sendo uma família e o treino de futebol, sair de casa só para os horários do treino, então eu já pensei nisso, se em algum momento ele falar eu quero, então vou ter que fazer isso. (Entrevista, 26/07/2012)

Apesar de Carlos constantemente dizer que quer ir e arriscar a carreira de jogador de futebol ela elenca vários motivos para não incentivar o filho nesse projeto. Citando casos de pedofilia, abusos de diversas ordens e principalmente o peso da frustração sobre garotos bastante jovens ela afirma que discorda de pais e mães que depositam uma confiança muito grande sobre esses garotos, atribuindo-lhes a responsabilidade de um sucesso precoce em uma profissão tão incerta. Ela afirma não enxergar no futebol um futuro brilhante como geralmente costuma ouvir. A pressão sofrida por esses profissionais é relatada por ela como um fator decisivo e mesmo todas as possibilidades financeiras oferecidas pelo futebol não compensam os riscos.

Pensar em um projeto familiar para transformar seu filho em jogador de futebol para ela não faz nenhum sentido. Segundo Daniele, se há um projeto é para que o filho tenha uma vida realizada e que não fique restrito à possibilidade de uma profissão que oferece tantas dificuldades para realização. Em suas palavras, “o futebol não faz nenhum milagre”, e a felicidade do seu filho não pode estar atrelada a uma carreira tão curta. Apesar de procurar demonstrar firmeza em suas decisões, Daniele não deixa de reconhecer que os constantes elogios recebidos por Carlos fazem com que ela olhe com cuidado a trajetória do seu filho. No entanto, o fato de ser considerado um garoto muito habilidoso não o obriga a tornar-se um jogador de futebol.

A trajetória de Carlos e sua mãe diferem significativamente daquelas descritas ao longo deste capítulo. Nelas pudemos perceber como o acaso, enquanto elemento fundamental para compor essas narrativas, é trabalhado pelos familiares desses jovens atletas como fator positivo e, em alguns casos, decisivo para que o projeto familiar ganhe consistência e o investimento seja justificado. Na trajetória de Carlos, o “acaso” enquanto sinônimo de “sorte” ou “estar no lugar certo na hora certa”, aparece constantemente na narrativa da mãe. No entanto, diferentemente das narrativas anteriores, o “fator sorte” não é descrito como um elemento positivo. Pelo contrário, aparece como um dos motivos para concluir que o investimento é muito arriscado e conseqüentemente, pouco confiável. Um dos elementos de destaque é exatamente a oposição da mãe em colocar seu filho em circulação por considerar uma prática oposta ao modo como ela define família e conseqüentemente os projetos para o desenvolvimento do seu filho.

4.2 - Superação e mobilidade: aproximações entre formação de jogadores de futebol e circulação de crianças

Ao problematizar o futebol enquanto um dos caminhos de subjetivação dos jovens na sociedade brasileira meu foco se dirige aos mecanismos que o permite ser um projeto familiar de ascensão socioeconômica. As trajetórias descritas anteriormente possibilitam colocar tal fenômeno em relação com uma literatura antropológica mais ampla. A questão é compreender em que medida tais projetos familiares podem ser lidos a partir das categorias que definem circulação de crianças em diferentes contextos.

Pensar o conceito de circulação de crianças implica em considerar sua relação com o papel do Estado e dos processos de globalização. Ainda, é necessário adotar como ponto de partida a desconstrução de categorias naturalizadas, em geral, relacionadas à família. Fonseca

(1995), a partir dos seus estudos sobre dinâmicas familiares em grupos populares de Porto Alegre, foi quem inicialmente deu contornos para esta categoria associando-o a “toda transação pela qual a responsabilidade de uma criança é transferida de um adulto para outro” (FONSECA, 1995, p. 116). As crianças aparecem na etnografia como elementos de troca visando consolidar redes já existentes. A circulação, portanto, figura como meio para fortalecer a solidariedade do grupo familiar.

A prática de circulação de crianças é tomada pela autora como estrutura básica da organização de parentesco em grupos populares brasileiros. A importante virada trazida pelo trabalho de Fonseca é transformar o modo como esse tema foi abordado. Deixando de trata-lo enquanto um “problema social”, carente da intervenção do Estado, a autora descreve a circulação de crianças em populações de baixa renda como um “processo social” cuja dinâmica precisava ser estudada e compreendida. Embora tal conceito tenha relação com situações de mobilidade social, ele está associado a movimentos mais amplos. Nos casos estudados por Fonseca, as crianças transitam entre as casas de avós, madrinhas e vizinhos embora não fossem adotadas “legalmente” por essas diferentes famílias com quem viviam. Longe de definir essas crianças enquanto abandonadas, a autora demonstra como elas acabavam possuindo mais de uma “mãe”.

Essa prática é diferenciada da adoção, pois envolve outras características para além da documentação legal, implicando no envolvimento entre os diferentes grupos pelos quais a criança circula e ainda, gerando consequências na manutenção ou fortalecimento dos laços da amizade e parentesco e redes de afetividade. É importante destacar a amplitude da literatura sobre circulação, *fostering* e adoção de crianças e os estudos em contextos distintos, os quais, apesar das diferentes abordagens, têm versado sobre a forma como crianças são criadas de forma fixa ou temporária por adultos que não são seus pais biológicos. Lobo (2011) destaca

que tais estudos salientam que *fostering* é mais do que o microcosmo do movimento de crianças, mas uma forma de replicação e reprodução da sociedade. Em seu estudo sobre o movimento de crianças em Cabo Verde ela demonstra que os laços dados pela consanguinidade são atualizados cotidianamente pela partilha de objetos, alimentos e cuidados. A mobilidade das crianças ganha papel central, pois elas fortalecem e criam laços entre os grupos através da coabitação e da cooperação doméstica.

Nesse conjunto de estudos, chama atenção o trabalho de Leinaweaver (2008). Em sua pesquisa, sobre uma modalidade de circulação no Peru a autora descreve como, em contextos de pobreza, alta taxa de nascimento e baixa expectativa de vida, a ideia de “melhorar a si mesmo” (*improving oneself*) é significativa para compreender a noção de esforço e superação. A hipótese levada a frente pela autora é a de demonstrar que melhorar a si mesmo não está relacionado somente à superação da pobreza, além de ser uma conquista econômica tem conotações morais específicas as quais só fazem sentido se observadas a partir dos contextos familiares, comunitários ou ainda de nação. Nos casos estudados por Leinaweaver a educação ocupa papel central na definição desse processo. No entanto, outros tipos de educação são levados em consideração, como o acesso a outros estilos de vida e outros sistemas de valores, o que torna a ideia de melhorar a si mesmo processual e cíclica.

Tomando como ponto de partida a análise de Leinaweaver é possível abordar os casos descritos anteriormente a partir de uma ampliação da ideia de melhorar a si mesmo pensando-a de modo articulado com a noção de projeto familiar que tem impacto decisivo sobre a vida das crianças e adolescentes engajados nesse processo. Por exemplo, quando Antônia elenca os benefícios da dedicação de seu filho Vinícius ao futebol, cita as possibilidades de viagens e conhecer pessoas diferentes como aprendizados possíveis que a carreira de jogador de futebol oferece. Tais possibilidades também estão presentes no discurso de Osmar quando ele destaca

que, ao investir na carreira de jogador de futebol de seu filho também está visando “o crescimento dele enquanto pessoa, o crescimento dele como atleta e o fato dele morar fora faz ganhar maturidade”.

De acordo com Leinaweaver, abordar tais problemas sob esta perspectiva permite coloca-los em um quadro mais amplo de moralidade, parentesco e economia política. Nesse caso, a análise de Leite Lopes (1994), já discutida no capítulo anterior, ajuda a entender como ao adentrar no profissionalismo, o futebol transformou-se em um meio para que determinados grupos pudessem ser reconhecidos como competentes e alçados à condição de ídolos nacionais. A perspectiva do “sonho” presente na narrativa dos familiares parece estar diretamente associada a esse imaginário gerando implicações políticas, econômicas e de parentesco com impactos tanto no nível local quanto global.

Superar-se, nesse contexto, traz as conotações morais ligadas à entrada em uma carreira na qual poucos obtêm sucesso. A busca não é simplesmente por atingir uma profissão, mas também um conceito que envolve noções de honra, prestígio e masculinidade. Evidentemente, a mobilidade econômica é levada em consideração como no caso de Vinícius, no entanto, simplesmente subsistir não parece ser suficiente para explicar esse processo, pois, como Leinaweaver analisa no caso das crianças e adolescentes peruanos, existe algo mais em jogo.

Tal como afirma Appadurai (1991) também citado por Leinaweaver, a dureza da vida é interpretada como uma negociação entre realidades locais e possibilidades imaginadas. Nesse sentido, a habilidade para imaginar a possibilidade de superar ocupa um papel central naquilo que mantém o projeto familiar. Entender esse “algo mais” que sustenta as motivações do projeto sugere considerar como ele é articulado no interior de uma tensão gerada pelo

conflito entre um ideal de família que implica em viver junto e o lugar central da mobilidade como elemento necessário para a consolidação da carreira de jogador de futebol.

4.3 - Circulação, mobilidade e projetos familiares.

Embora o conceito de circulação de crianças tenha uma amplitude e permita uma aproximação com alguns aspectos estudados ao longo desta dissertação, a noção de mobilidade infantil proposta por Lobo (2012) também é produtiva para pensar o meu trabalho. Nas palavras da autora ela “permite abarcar um conjunto mais amplo de movimentos, inclusive aqueles que não implicam co-residência, seja ela fixa ou temporária.” (LOBO, 2012, p.70). A noção de mobilidade infantil é trabalhada enquanto alternativa à de circulação de crianças, pois a mesma representaria um tipo de relação que desenha laços entre pessoas e consequentemente permite ampliar e fortalecer os laços de parentesco.

Seguindo a sugestão da autora, e levando em consideração o contexto, é possível pensar que casos como os analisados ao longo deste capítulo, embora não possam ser definidos pela insígnia circulação de crianças, estão próximos da ideia de mobilidade infantil. A mobilidade, nesse caso, aparece como um imperativo para que o projeto familiar ganhe consistência. Ainda, estar em movimento não se restringe às crianças e adolescentes, mas se estende aos seus parentes e toda a rede que vai se formando em torno de suas carreiras.

A parceria entre as famílias de Thiago e Osmar Júnior pode ser tomada com um exemplo para pensar essa questão. Na medida em que os jovens jogadores transferiram-se definitivamente para a cidade de Goiânia seus familiares precisaram colocar em ação um conjunto de modificações na estrutura e na rotina familiar para que o projeto continuasse em andamento. Da mesma forma, a mãe de Matheus chama atenção para o fato de que, caso seu

filho transfira-se definitivamente para São Paulo, serão necessárias algumas mudanças por ela considerar importante acompanhá-lo nesta nova etapa de sua carreira.

Esse processo de mobilidade é vivenciado sob uma forte tensão que exige conciliar um ideal de família com o projeto familiar voltado para uma profissão que tem como pressuposto a circulação enquanto categoria central. Essa noção de família tal como Fonseca (1995) demonstra, tem por base a família nuclear e pensa a infância a partir de fases de desenvolvimento emocional e intelectual cujas etapas devem ser vencidas mediante a supervisão dos adultos. Relacionada a um contexto material centrado na escola e na família, tem como uma das características principais o fato da criança ser inserida em uma estratégia familiar de ascensão sócio-econômica a longo termo.

Portanto, evidencia-se o conflito vivenciado pelos familiares entrevistados que pensam família a partir de um modelo que não considera a possibilidade de circulação de seus filhos ao mesmo tempo em que o investimento no sonho dos mesmos implica nesse distanciamento. Lembrando Daniele que se recusa a viver essa tensão, ela enfatiza que no seu caso não se pode falar em projeto porque, do seu ponto de vista, somente aceitaria apostar na carreira de jogador de futebol de seu filho se ela permitisse que sua família permanecesse “completa”.

4.4 - Construindo famílias, fazendo negócios

“Os pais acabam embarcando nos sonhos dos seus filhos” é uma frase repetida por Osmar ao longo de nossa conversa e completada com a afirmação de que esse embarque requer um alto investimento financeiro. Tais afirmações poderiam ser tomadas com um resumo das preocupações dos familiares entrevistados ao longo do trabalho. Por um lado, esse tipo de preocupação não é surpreendente, pois, é comum nos depararmos com pais e mães preocupadas com o futuro dos seus filhos, investindo racionalmente nos melhores cursos que

ofereçam um futuro promissor, por exemplo, uma aprovação no vestibular. Por outro lado, ao elencarmos as características do investimento dos pais e mães participantes dessa pesquisa, principalmente se abordadas sob a perspectiva de uma escolha racional, chegaríamos à conclusão de que colocar seus filhos em circulação para tornarem-se jogadores de futebol seria um erro, pois eles teriam que lidar com o julgamento moral de estar inserindo seus filhos em um mercado perigoso, com uma carreira curta e retorno duvidoso.

Dessa forma, a questão que atravessou esse capítulo foi compreender como essas famílias articulam a mobilidade enquanto elemento positivo no contexto da formação de jogadores de futebol com projetos familiares e individuais que têm como valor a ideia de que estar em família implica em todos viverem juntos? Quais as implicações desse processo para os laços de parentesco e amizade entre eles e seus filhos? Não estaria o investimento econômico em seus filhos contaminado as relações afetivas e desestabilizando os laços familiares?

Zelizer (2009) nos oferece pistas. Do seu ponto de vista, abordar o mundo econômico somente a partir de uma escolha racional implica em vivenciá-lo mediante dualidades como: mercado e não mercado, racional e pessoal, eficiente e sentimental. Segundo a autora, essa perspectiva pode ser enganadora, porque a vida econômica rotineira encontra caminhos para a criação de relações sociais que ultrapassam essa fronteira sem destruir a integridade da vida pessoal. Aqueles que usam tais dicotomias podem estar imprimindo distinções morais na paisagem social. Para a autora, não se trata simplesmente de afirmar que esse tipo de dualidade seria resultado de um senso comum. Desde o século XIX os analistas sociais afirmam que o mundo social se organiza em torno de princípios incompatíveis e que competem entre si: sentimento x racionalidade.

Nesse sentido, para um entendimento mais aprofundado da questão é importante considerar duas teorias que ganham centralidade: a “teoria das esferas separadas” que colocariam de um lado a racionalidade, eficiência e planejamento e do outro a solidariedade, sentimento e o impulso; e a “teoria dos mundos hostis” cujo pressuposto é o fato de que, quando em contato, uma dessas esferas corromperia a outra destruindo moralmente ambas. Sistemas sociais ordenados seriam aqueles que mantêm os domínios separados. Essas teorias duais ganham força com as reações ao capitalismo industrial do século XIX. Embora tenha havido divergências críticas ou favoráveis ao capitalismo industrial, foi consenso que a racionalidade industrial retirava a solidariedade, o sentimento e a intimidade dos mercados, das empresas e das economias nacionais.

Ainda, a teoria dos mundos separados vai reaparecer nas críticas contemporâneas da mercantilização. Nesse caso, coloca-se em questão a compatibilidade das atividades econômicas distintas. A dualidade reaparece separando fenômenos econômicos tomados como sérios: empresas, corporações e fatos econômicos triviais e sentimentais: trabalho doméstico, microcréditos, associações rotativas de crédito, remessas de dinheiro de migrantes, penhores, doações e consumo.

De acordo com Zelizer, a distância entre intimidade e impessoalidade pode ser superada na medida em que se reconhecem laços sociais diferenciados que permitem explicar tais relações a partir de formas distintas de significá-las. Nesse sentido, pensar os casos apresentados ao longo deste capítulo a partir de esferas separadas (economia x intimidade) teria como implicações estabelecer fronteiras políticas, morais e sociais.

O conflito decorrente da necessidade em articular um ideal de família (nuclear) com a necessária mobilidade implicada no universo do futebol e as suas consequências para a

manutenção dos laços afetivos é vivenciado de diversas formas pelas famílias. Se do ponto de vista de Daniele, colocar seu filho em circulação implica em enfraquecer os laços de afetividade com o mesmo e contraria a forma com ela define família, por outro lado, o dinheiro investido em aluguel, condomínio e deslocamento nos casos de Osmar Junior e Thiago, nas viagens periódicas de Matheus a São Paulo ou nos campeonatos, mensalidade da escolinha e chuteira para que Vinícius prossiga em busca do seu “sonho” permitem o fortalecimento dos laços afetivos e, por conseguinte, consolidam um ideal de família.

Nesse sentido, a oposição entre economia e afetividade não faria sentido para os casos estudados, pois é exatamente a articulação entre essas duas esferas que permite aos familiares resolver os conflitos implicados nesses projetos quando o investimento econômico no “sonho” dos filhos é o responsável pela manutenção dos laços de amizade e parentesco, constituindo essas famílias em novas configurações nas quais a possibilidade de circulação deixa de ser elemento desagregador para tornar-se uma etapa fundamental para a consolidação de um ideal de família, mesmo à distância.

Considerações finais

Ao longo desta dissertação uma das principais preocupações foi a de dar conta de uma abordagem temática transversal. O próprio fenômeno estudado sugeria essa perspectiva, na medida em que, pensar a formação e circulação de jogadores de futebol implicava em considerar a importância da mobilidade e dos projetos familiares desenvolvidos para que a trajetória desses jovens atletas fosse construída. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que foram consideradas questões implicadas no contexto local, estas precisaram ser articuladas com a amplitude que o fenômeno futebol apresenta atualmente, em especial, o processo no qual ele é transformado em produto e seu consumo regido pela lógica do mercado.

No primeiro capítulo foi possível refletir até que ponto as leis coincidem com as operações dos agentes que constituem essa ampla rede que envolve a formação e a circulação de jogadores de futebol. Realizamos uma imersão para compreender a amplitude do tema estudado e suas inúmeras ramificações culminando nas diferenciações entre os projetos familiares estudados e o tráfico de pessoas. Debruçando-nos sobre a conjuntura na qual essa modalidade esportiva é regulamentada, destaca-se um afastamento do Estado, no âmbito de um conjunto de políticas liberalizantes, retirando as garantias dos jovens atletas e suas famílias. Consequentemente, demonstrou-se que as aspirações construídas são mais potentes do que as oportunidades concretas ofertadas. A avaliação técnica, analisada no segundo capítulo, dá a dimensão desse conflito.

Do ponto de vista econômico há uma desproporção entre as imagens de ascensão econômica dos jogadores de futebol, difundida pelo papel especial ocupado pela imprensa esportiva, e as restrições oferecidas pelo mercado do futebol. No entanto, outros significados são construídos, e nesse caso, é indispensável chamar atenção para a tensão que envolve a

escolinha de futebol estudada. Seus frequentadores, mediados pelo papel central do treinador, precisam constantemente conciliar um espaço de lazer e convivência familiar com o ambiente de competitividade implicado no universo do futebol, conforme acompanhamos no segundo capítulo. A competitividade vivenciada desde o início nessa carreira contribuiu para trabalharmos com a hipótese de que o futebol está longe de ser um lócus de ascensão social e econômica tal como ele é divulgado.

As possibilidades oferecidas pelo investimento nessa profissão são mais bem percebidas ao descrevermos projetos familiares, os quais, apesar de serem desenvolvidos em contextos onde o foco está no indivíduo, destaca-se a importância do universo de parentesco para as suas configurações. Conforme analisado ao longo do terceiro capítulo, a dimensão da aposta ganha centralidade: Como construir uma trajetória individual ou familiar de honra e prestígio? Mais importante do que se consolidar como profissional é estar inserido nesse campo de possibilidades, ou seja, ao fim e ao cabo ninguém poderá dizer que eles não tentaram.

A esta altura, a ideia de melhorar a si mesmo de Leinaweaver (2008) ganha força. Se um dos objetivos dessa pesquisa foi entender o que impulsiona esses desejos, ou seja, quais os elementos que configuram esses sonhos, a resposta pode ser encontrada ao olharmos com mais cuidado para as trajetórias estudadas e, considerando a abrangência do fenômeno, poderíamos sugerir que investir no futebol implica em ampliar as possibilidades de tornar-se melhor, estendendo essa hipótese para a rede de amigos e parentes desses jovens atletas.

Por conseguinte, enquanto por um lado foi necessário ressaltar a importância da participação familiar e o lugar central da mobilidade para o ingresso nessa carreira, por outro, é fundamental discutir em que medida coloca-se em questão aquilo que se entende por família

nesse contexto. A imperativa mobilidade desses jovens jogadores entra em conflito com um ideal de família (nuclear) no qual se pensa criança e adolescente a partir de fases de desenvolvimento. A necessária presença de um adulto ajuda a compreender como família, nesse caso, significa união física e a co-presença. Nessa discussão, a aparente incompatibilidade entre os projetos familiares desenvolvidos a partir desse modelo e o processo de circulação dessas crianças e adolescentes acaba perdendo força. O próprio elemento desagregador, representado pela necessária mobilidade, acaba constituindo-se em ferramenta para que essas famílias possam reconfigurar-se e garantir a manutenção dos laços de amizade e parentesco.

Nesse sentido, ao longo das trajetórias analisadas no capítulo quatro, observou-se a busca pela manutenção de um ideal de família nuclear diante da iminente circulação de suas crianças e adolescentes. As formas distintas com que os informantes lidam com esse conflito permitiram demonstrar a própria necessidade de construção desse ideal, contribuindo inclusive, para desnaturaliza-lo enquanto modelo dominante, ou seja, o grupo familiar no qual pai, mãe e filhos vivem juntos não se constitui naturalmente, ele também precisa ser (re)construído e constantemente reafirmado. No contexto pesquisado, essa (re)construção se dá a partir da centralidade das categorias acaso, destino e revelação que figuram como elementos principais para a formatação do investimento no sonho de seus filhos. Tais investimentos, contrariando a separação entre economia e afetividade, e desfazendo a oposição entre mobilidade e família (nuclear), permitem o fortalecimento dos laços afetivos e, por conseguinte, consolidam um ideal de família a partir de novos conceitos.

Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. Global ethnoscaples: notes and queries for a transnational anthropology. In: R. Fox (ed.), *Recapturing Anthropology*. Santa Fe: School of American Research Press, 1991, pp. 191–210.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Os gênios da pelota. Um estudo do futebol como profissão*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/PPGAS/UFRJ, 1980.
- BRASIL. Decreto-Lei N° 5.452, de 1° de Maio de 1943. *Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)*.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRASIL. Lei 8069 de 30 de Julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente da outras providências*.
- BRASIL, Lei 9615 de 24 de março de 1998. *Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências*.
- BRASIL, Decreto 4134 de 15 de fevereiro de 2002. *Promulga a Convenção nº 138 e a Recomendação nº 146 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Idade Mínima de Admissão ao Emprego*.
- DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke. 1982.
- DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitech. 2007.
- DE PAULA, Márcio Adriano. *Confiantes e Disciplinados: uma etnografia numa escolinha de futebol*. Trabalho de Conclusão de Curso, Marília, 2008.
- ELIAS, N & DUNNING. *E. A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1964.

FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

_____. *Quando cada caso não é um caso. Pesquisa etnográfica e educação*. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998.

_____. Família e Parentesco na Antropologia Brasileira Contemporânea. In. (orgs.) MARTINS, Carlos B. & DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Horizontes nas Ciências Sociais Contemporânea/Antropologia*. São Paulo: Barcarolla, 2010.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo das trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. *Campos*, 12(1): 9-29, 2011.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi- Sited Ethnography. In: George E. Marcus, *Ethnography through Thick/Thin*. Princeton: Princeton University Press. 1998.

MEZZADRI, Fernando Marinho et al . As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor. *Rev. bras. educ. fís. esporte (Impr.)*, São Paulo, v. 25, n. 3, set. 2011.

GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, PPGAS, UFRJ, 1977.

GUEDES, Simoni L. *Jogo de corpo: um estudo da construção social de trabalhadores*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997.

_____. *O Brasil no campo de futebol. Estudos antropológicos sobre o significado do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF. 1998.

HELAL, Ronaldo et al. *A invenção do país futebol*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

HOZLMEISTER, Antônio. *A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/ Museu Nacional/UFRJ, 2008.

KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 25, dez. 2005.

LEACH, Edmund. Ritualization in Man in Relation to Conceptual and Social Development. In. W. Lessa & E. Vogt (orgs.). *Reader in Comparative Religion*, Nova York, Harper and How, 1972.

LEINAWEAVER, Jessaca B. *The circulation of children: kinship, adoption and morality in andean Peru*. Durham & London: Duke University Press, 2008.

_____. Improving oneself: Young people Getting Ahead in Peruvian Andes. *Latin American Perspectives*, 2008. July 2008 35:60-78.

LEITE LOPES, José Sérgio. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista da USP – Dossiê Futebol*. São Paulo: USP, 1994. No 22.

_____. & Faguer, Jean-Pierre. Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998. *Revista Estudos Históricos* Nº 23. Esporte e Lazer, 1999. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

LOBO, Andréa S. Making Families: Child mobility and familiar organization in Cape Verde. *Vibrant* (Florianópolis), v. 1, p. 197-219, 2011.

_____. Vidas em movimento. Sobre mobilidade infantil e emigração em Cabo Verde. In. LOBO, A. S. & DIAS, J.B. (orgs.). *África em movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012.

MILLER, Daniel. *Teoria das Compras*. São Paulo: Nobel, 2002.

MINTZ, S. *Worker in the Cane*. Nova York: The Norton Library, 1974.

_____. Encontrando Taso, me descobrindo. *Dados*, v. 27, p. 45-58, 1984.

ORIENTAÇÕES PARA O TRABALHO NO EXTERIOR: modelos, jogadores de futebol e outros profissionais brasileiros. 2006. Brasília: Ministério das Relações Exteriores.

PISCITELLI, Adriana; VASCONCELOS, Marcia. Apresentação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 31, dez. 2008.

PRONI, Marcelo W. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Tese de doutorado em Educação Física. Campinas: Unicamp, FEF, 1998.

REGULATIONS on the Status and transfers of players. 2010. Suíça: FIFA.

RIAL, Carmen. Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém... *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* v.61 p. 163-190, 2006.

_____. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes antropológicos*, vol.14, n.30, pp. 21-65, 2008.

ROCHA et al. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e formação na escola. *Motriz*, Rio Claro, v. 17 n.2, p. 252-263, abr/jun. 2011.

RUGGI, Lenita. *Transformações legais nas transferências internacionais de jogadores de futebol*. V Congresso português de sociologia, Lisboa, 2008.

SOUZA, Camilo Araujo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernández; BARTHOLO, Tiago Lisboa e SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes antropológicos*, vol. 14, n. 30, 2008. PP. 85-111.

SCHNEIDER, David. *A critique of the study of kinship*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1984.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TOLEDO, Luiz H. de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Editora Autores Associados/ANPOCS, 1996.

_____. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, nº 52, 2001.

VELHO, Gilberto. 1994. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ZELIZER, Viviana. Dualidades Perigosas. *Mana*, Rio de Janeiro, v.15, n. 1, abr. 2009.

_____. *A negociação da intimidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.